



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB

Mestrado em Comunicação

Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação

Pollyana de Fátima Páscoa Gadêlha

Mestranda matrícula nº 07/59996

**Do outro lado da tela: o “sujeito-jornalista” e as novas tecnologias da
cibercultura no exíguo “tempo real” – um estudo de campo**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Professora Dr^a Christina Maria Pedrazza Sêga

Linha de pesquisa: Teorias e Tecnologias da Comunicação

Banca composta por:

Professora Dr^a Christina Maria Pedrazza Sêga (UnB)

Professora Dr^a Thaís de Mendonça Jorge (UnB)

Professor Dr. Fábio Henrique Pereira (IESB)

Suplente: Professora Dr^a Nélia Del Bianco (UnB)

Maio de 2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Não há por que se estranhar o prazer pueril que nos dá fazer funcionar a velocidade, com a qual matamos espaço e estrangulamos o tempo. Ao anulá-los, nós o vivificamos, tornando possível seu aproveitamento vital, podemos estar em mais lugares que antes, desfrutar mais idas e vindas, consumir em menos tempo vital mais tempo cósmico.

ORTEGA Y GASSET, José. A rebelião das massas. São Paulo, Martins Fontes, 1987, p. 60.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	4
RESUMO	5
PROBLEMA DE PESQUISA	6
HIPÓTESES	6
JUSTIFICATIVA	6
OBJETIVO GERAL	14
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	14
METODOLOGIA	15
INTRODUÇÃO	18
CAPÍTULO 1 - TÉCNICA E TECNOLOGIA	19
1.1 – CONCEITUAÇÕES	19
1.2 – OUTRAS DEFINIÇÕES	21
1.3 – CONSIDERAÇÕES	22
CAPÍTULO 2 – A ERA DA INFORMAÇÃO	24
2.1 – INTERNET É UM MEIO DE COMUNICAÇÃO?	25
2.2 – CONSIDERAÇÕES	30
CAPÍTULO 3 – CIBERCULTURA: PRÓS E CONTRAS	33
3.1 – McLuhan, Lévy, Rüdiger e a CIBERCULTURA	33
3.2 – CONSIDERAÇÕES	39
CAPÍTULO 4 – WEBJORNALISMO – CONCEITUAÇÕES E ANÁLISES	41
4.1 – PEQUENO PANORAMA DA HISTÓRIA DA INTERNET NO BRASIL	41
4.2 – A NOTÍCIAS NA WEB	44
4.3 – FASES (OU GERAÇÕES) DO JORNALISMO NA INTERNET	47
4.4 – MUDANÇAS NAS REDAÇÕES	49
4.5 – APONTAMENTOS SOBRE O JORNALISMO NA WEB	51
4.6 – O LADO PESSOAL DO WEBJORNALISTA	55
4.6.1 ALGUNS ASPECTOS SOBRE OS JORNALISTAS BRASILEIROS	58
CAPÍTULO 5 – ANÁLISES E ENTREVISTAS	60
5.1 – UM BREVE HISTÓRICO DA TRAJETÓRIA DO CORREIO BRAZILIENSE E DA AGÊNCIA BRASIL	60
5.2 – OS WEBJORNALISTAS PESQUISADOS	61
5.3 – O CORREIO WEB	64
5.4 – OS WEBJORNALISTAS DO CORREIO WEB	65
5.5 – O CORREIO BRAZILIENSE.COM.BR (CB.COM.BR)	79
5.5 – A AGÊNCIA BRASIL – EBC	98
CAPÍTULO 6 - INTERAÇÃO E LAZER DO WEBJORNALISTA	128
6.1 – O LAZER	128
6.2 – A INTERATIVIDADE DO WEBJORNALISTA	131
CAPÍTULO 7 – CONCLUSÕES	136
ANEXOS	143
BIBLIOGRAFIA	148

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, que sempre me apoiaram e estiveram prontos a ajudar-me em todos os momentos.

Aos amigos que auxiliaram em todo o desenvolvimento dessa pesquisa.

Aos jornalistas que se dispuseram a participar com seus depoimentos e experiências.

E um agradecimento especial à minha orientadora, Christina Sêga, pela sua paciência e empenho em sanar todas as minhas dúvidas e auxiliar-me na concretização dessa pesquisa.

RESUMO

O presente trabalho pretende averiguar quem seria o “sujeito-jornalista”, onde este termo foi criado para explicar a relação do jornalista que trabalha em veículos *online* atrelado às novas tecnologias e sua inserção social dentro da emergente cibercultura. Verificamos até que ponto esses profissionais da notícia *online* teriam se ligado às máquinas, utilizando assim a visão de McLuhan dos meios como extensões do corpo humano. Ainda foi analisado se a tecnologia que auxilia esses profissionais seria também a mesma que fornece a diversão, o lazer, enfim, a vida social. Foi observado ainda se esses “sujeitos-jornalistas” estariam conectados às máquinas a ponto de serem comparados à ciborgues, ou seja, seres humanos que possuem partes mecânicas.

Palavras- chaves: vida social, cibercultura, webjornalismo, tempo real

ABSTRACT

The present work intends to study who would be the “sujeito-jornalista”, where was the term created to explain the relation between the journalist who works in on line communication vehicles coupled to new technology and your social insertion inside the emerging cyberculture. We found out until when those professionals that works with on line news had got connected to machines, using McLuhan's vision of communication vehicles being used as an extension of the human body. It was verified if the technology that helps these professionals is the same technology that provides fun, entertainment, known as social life. It was also observed that those “sujeitos-jornalistas” would be connected to machines to the point of being compared to cyborgs, or human beings with mechanical body parts.

Keywords: social life, ciberculture, webjournalism, real time

PROBLEMA DE PESQUISA

Este trabalho pretende abordar como o “sujeito-jornalista” foi afetado pelas novas tecnologias, ou melhor, como está conectado a elas. Será averiguado até que ponto essa possível ligação/conexão com as tecnologias da cibercultura estão inseridas no cotidiano desse profissional do “tempo real”. O estudo vai analisar as novas tecnologias através das perspectivas dos webjornalistas e como foram afetados (ou não) por estas, em especial aspectos referentes ao lazer e as relações sociais.

HIPÓTESES

- a) Até que ponto esses profissionais estariam ligados às máquinas. (visão de McLuhan).
- b) A tecnologia que auxilia esses profissionais seria a mesma que fornece a diversão, o lazer, enfim, a vida social?
- c) Quem seriam esses “sujeitos-jornalistas”? Estariam estes conectados às máquinas a ponto de serem comparados à ciborgues? (seres humanos que possuem partes mecânicas)

JUSTIFICATIVA

Nota-se, no decorrer da história, que a transição da sociedade tradicional para a tecnológica acarretou diversas mudanças nos costumes, na estrutura social, no comércio e na indústria o que, conseqüentemente, levou à introdução de novas técnicas. A imprensa é um meio-máquina, que revolucionou a escrita e o desenvolvimento técnico, trazendo a reprodutibilidade e o início da sociedade complexa. Há ainda a rotativa, o rádio e a televisão, algumas das tecnologias que trouxeram para o jornalismo novos desafios, desde a produção das notícias até a sua chegada ao público.

Muitas são as pesquisas referentes ao jornalismo *online*, às suas rotinas produtivas e às conseqüências da introdução das novas tecnologias dentro das grandes redações. Porém, nada foi realizado com o intuito de se descobrir quem é esse

profissional (jornalista), esse indivíduo do outro lado da tela que lida diariamente com o “tempo real”, uma vez que, apesar de existirem estudos voltados à análise do profissional de imprensa de veículos impressos, televisivos e radiofônicos, nenhum deles menciona especificamente quem viria a ser o webjornalista.

Fidalgo (2007)¹ relata que a noção inglesa de CAJ (*Computer Assisted Journalism*) é derivada de CAD (*Computer Assisted Design*) – ambas traduzem as alterações ocasionadas pelo uso dos computadores no jornalismo, desde o recolhimento de dados até a divulgação da informação. Assim como outros autores, Fidalgo mostra que a introdução da informática no jornalismo modificou todo o processo relacionado a ele e destaca a importância do armazenamento e da escolha de dados por meio dos computadores, processo denominado *data mining*, ou melhor, mineração de dados.

A internet transformou e ainda transforma de forma significativa o jornalismo, mas e o jornalista? Franciscato (2004) relata que a internet está alterando o jornalismo de forma gradual e diferenciada, uma vez que a especificidade do jornalismo *online*, frente a outras mídias, tem se constituído em fases, momentos, estágios ou experiências concretas de jornalismo *online*. Ele destaca que a atividade jornalística tem se modificado em pelo menos quatro aspectos: natureza e forma do conteúdo jornalístico; rotinas da atividade jornalística; ambiente e estrutura das redações jornalísticas e redefinição das relações entre organizações noticiosas, jornalistas, públicos e fontes de informação. O primeiro aspecto apontado remete-se ao conteúdo das notícias publicadas na *web*, ou seja, a matérias curtas e sucintas. Englobando os pontos seguintes, tem-se o “tempo real”, conceito que será mais bem explanado nos capítulos posteriores, cujo conteúdo está voltado à produção de matérias para a *web*. O aumento da celeridade desse processo acarretou alterações nas rotinas e na estrutura redacional, como o “enxugamento” das equipes e o modo como os leitores passaram a exigir uma demanda crescente e rápida de informações.

Antes de percorrer os autores, é necessário diferenciar algumas denominações que serão utilizadas no decorrer da pesquisa, tais como jornalismo *online*, webjornalismo, ciberjornalismo, jornalismo digital etc. O autor João Messias (2001, p.2), em pesquisa apresentada no I Congresso Ibérico de Comunicação, difere tais conceitos ao dizer que o jornalismo *online* não é mais do que uma simples transposição dos velhos jornalismo escrito, radiofônico e televisivo para um novo meio. Ele mostra

¹ *Data mining e um novo jornalismo de investigação* in Barbosa (2007).

que o conceito de jornalismo está relacionado ao suporte técnico e ao meio que permite a propagação das notícias; a partir daí, originaram-se conceitos como jornalismo impresso, telejornalismo e radiojornalismo. “É, pois, com naturalidade que se introduz agora o conceito de webjornalismo, e não de jornalismo *online*.”

A pesquisadora Luciana Mielniczuk (2004) também distingue os termos e engloba outras terminologias como jornalismo digital/multimídia, eletrônico e ciberjornalismo. De acordo com a sistematização feita pela autora, o jornalismo *online* seria a pesquisa realizada em redes, onde as informações circulam em “tempo real” através das tecnologias de transmissão de dados. O chamado jornalismo eletrônico seria o mais abrangente dos termos, uma vez que a aparelhagem tecnológica utilizada no jornalismo é de natureza eletrônica. Assim, a autora acredita que ao utilizar aparelhagem eletrônica, seja a para a captura de informações ou para a disseminação das mesmas, estaria se exercendo o jornalismo eletrônico. O posicionamento de Mielniczuk, ao apontar o jornalismo eletrônico como uma das vertentes do jornalismo na *web*, vai de encontro aos objetivos dessa pesquisa, uma vez que o conceito de jornalismo eletrônico estaria ligado aos meios televisivos e não ao jornalismo praticado na *web*. (JORGE, 2007, p. 21).

As denominações jornalismo digital e jornalismo multimídia são sinônimas – ambas trabalham com a manipulação conjunta de dados digitalizados de várias formas, seja texto, imagem ou som. Já o ciberjornalismo envolve as tecnologias utilizadas no ciberespaço, ou seja, remete-se ao jornalismo feito por meio das possibilidades tecnológicas proporcionadas pela cibernética ou ao jornalismo feito com a ajuda do ciberespaço. A última definição, webjornalismo, refere-se à parte específica da internet, que disponibiliza interfaces gráficas, a *web*.

Mielniczuk destaca que, na rotina de um jornalista, estão presentes todas as funções acima descritas, pois as definições não se excluem e abarcam tanto as esferas da produção quanto da disseminação de informações jornalísticas, ou seja, os produtos e práticas enquadram-se em diversas esferas, como apresentado na figura 1.

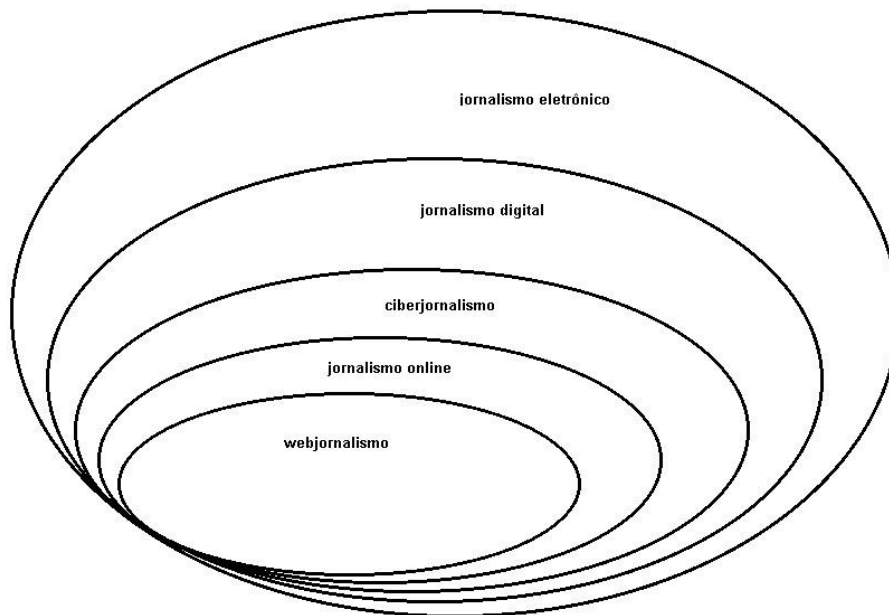


Figura 1 – esferas que ilustram a delimitação das terminologias (Mielniczuk).

Gradim (in Barbosa, 2007, p.79) aponta duas vertentes para definição de webjornalismo, uma mais ampla, em que o *online* é utilizado como meio de recolha de informação, identificando-se com o CAR (*Computer Assisted Reporting*), e outra mais restrita, definindo-o como jornalismo publicado na *web* – seja em formato de texto, seja no mais sofisticado produto multimídia.

Diante dos conceitos expostos, utilizar-se-ão os termos *webjornalismo* e *jornalismo online*, mais adequados para os objetivos procurados pela pesquisa, visto que estes englobam tanto a cibercultura quanto os *webjornalistas* que trabalham no ambiente de produção de notícias na *World Wide Web* por meio de produtos multimídia (áudio, vídeo, som).

Em retorno à questão das mudanças nas redações jornalísticas, o caminho percorrido pela notícia, desde o surgimento da ideia na reunião de pauta até sua publicação na internet, pode demorar apenas alguns minutos. O desafio é ainda maior na área de *últimas notícias*, na qual o tempo é o grande “capataz” da apuração. A pressão

do tempo, da concorrência e a importância da qualidade editorial passaram a ser subestimadas pelos portais².

Os repórteres dos veículos *online* tendem a correr contra o tempo, *o deadline*³. A boa notícia é aquela que é entregue no prazo predeterminado. As novas condições de trabalho impõem uma forma de fabricar notícias. Moretzsohn (2002) explica que, se as justificativas para tantos erros sucessivos (de apuração, gramaticais) são as rotinas de trabalho (o sempre aludido “regime de pressa”), e, se a cada erro sucede um outro igual, presume-se que haja algo errado com as próprias rotinas.

A atividade jornalística, como se pode constatar por meio de diversas obras, veio a ser modificada paulatinamente com a chegada das novas tecnologias, mas não se sabe ainda como o jornalista que trabalha nesse “tempo real” adaptou-se e foi afetado por tais modificações nas rotinas de produção. Quem é esse sujeito inserido dentro da emergente cibercultura?

Miller (2000) aponta que as ciências sociais pouco ganharam, devido à tentativa de generalizar o que viria a ser “o ciberespaço”, “a Internet”, “o virtual”. Ele destaca que os ganhos seriam maiores se fossem produzidos trabalhos que permitissem entender as grandes diferenças entre o universo social e técnico que possibilitam o desenvolvimento acerca da *web*⁴.

Social thought has gained little by attempting to generalize about “cyberspace” “the Internet”, “virtuality”. It can gain hugely by producing material that will allow us to understand the very different universes of social and technical possibility that have developed around the Internet. [...] (MILLER, 2000, p.1)⁵

Tomando alguns conceitos da sociologia para dar maior embasamento à análise, pode-se afirmar que o indivíduo, ao nascer, traz consigo a natureza biopsíquica, o

² Portal: Porta pela qual se entra na *Web*. Os portais são *megasites* que oferecem uma série de serviços e informações, como notícias, correio eletrônico, música ao vivo, sistema de busca, *chats* e *links* para diversas páginas da *Web*. (PINHO, 2003, p.260)

³ “Deadline: palavra inglesa que significa ‘o prazo final para se executar ou entregar um trabalho’. Depois do *deadline*, a matéria, o texto, o artigo ou o livro não é mais aceito para a publicação.” (JORGE, 2008, p. 222).

⁴ Segundo Lévy (1999, p.27): “A *World Wide Web* é uma função da Internet que junta, em um único e imenso hipertexto ou hiperdocumento (compreendendo imagens e sons), todos os documentos e hipertextos que a alimentam”. Já o hipertexto é um “texto em formato digital, reconfigurável e fluido. Ele é composto por blocos elementares ligados por links que podem ser explorados em tempo real na tela. A noção de hiperdocumento generaliza, para todas as categorias de signos (imagens, animações, sons etc.), o princípio da mensagem em rede móvel que caracteriza o hipertexto”.

⁵ “O pensamento social pouco ganhou com a tentativa de generalizar o que viria a ser o ‘ciberespaço’, ‘a internet’, ‘o virtual’. Os ganhos seriam maiores se a produção nos permitisse entender as grandes diferenças dos universos sociais e técnicos, que possibilitam o desenvolvimento acerca da internet.” (tradução nossa).

individual (DELLA TORRE, 1983, p. 97). Por meio do convívio em sociedade, ele adquire a natureza social, o que resulta na personalidade. Após obter a natureza social e integrar-se aos grupos, ele sociabiliza-se pelos processos de interação social. Ao socializar-se, o indivíduo adquire os padrões, valores e atitudes de determinado grupo ou sociedade.

Da noção de indivíduo que atualmente caracteriza a sociedade, emerge a necessidade de comunicação; para estar atualizado com os outros e com o mundo, deve-se estar conectado aos meios de comunicação. Cumpre ressaltar que o conceito aqui utilizado refere-se a uma formação histórica, ou seja, ao indivíduo como produto das relações sociais. (SCHAFF, 1995).

O indivíduo é um indivíduo social não só em sentido genético, mas também no sentido de sua existência conjunta no interior da estrutura social, no interior da divisão do trabalho (que fixa o lugar do indivíduo num conjunto social determinado, da sociedade primitiva à sociedade informática mais avançada). (SCHAFF, 1995, p. 102)

O termo *sujeito-jornalista* é utilizado para explicar a relação do jornalista atrelado às novas tecnologias e sua inserção social dentro da cibercultura. A utilização do termo *indivíduo-jornalista* é inapropriado, uma vez que, ao tomar essa junção como base, estar-se-ia adentrando em ciências que não se adéquam aos objetivos propostos por esse estudo. Ao tratar apenas do indivíduo, ciências como a Psicologia e Psiquiatria, que analisam os seres humanos em separado, estudando o consciente e o inconsciente, seriam trazidas à tona. O objetivo é trabalhar com o comportamento grupal, as estruturas sociais, a vida social dos jornalistas, tratando-os não como seres isolados, mas como um grupo. Contudo, faz-se necessário destacar que sujeito e indivíduo não são seres que andam separadamente, ao contrário, complementam-se.

Em meio ao contexto da internet, do turbilhão de notícias e do conceito de “tempo real”, tem-se a figura de um profissional capaz de suprir a necessidade de informação de um público ávido por novidades: o webjornalista. “Como a informação é uma parte integral de toda a atividade humana, todos os processos de nossa existência individual e coletiva são diretamente moldados pelo meio tecnológico.” (CASTELLS, 2001, p.78).

Além disso, as tecnologias do ciberespaço remetem-se à ideia de “pulsão gregária” (LEMOS, 2002, p. 86), na qual há a primazia do compartilhamento, de comunidade (tribalismo) e a ênfase no presente (presenteísmo). “Podemos ver nas comunidades do ciberespaço a aplicabilidade do conceito de socialidade (mas também

de sociabilidade), definido por ligações orgânicas, efêmeras e simbólicas”, argumenta Lemos.

Além do excesso de informações, a internet trouxe consigo o chamado “tempo real”, fator que ocasiona o ritmo acelerado nas redações. De acordo com Kucinski (2004) e Sylvia Moretzsohn (2002, p. 74) esse é um *conceito-fetichê*⁶. Kucinski constata que, de fato, a internet alterou os conceitos de tempo e espaço, mas o tempo da transmissão de um dado isolado pela *web* é o mesmo de todas as transmissões eletrônicas. “O que muda no tempo da internet – daí a expressão tempo real – é a quantidade de informações que pode ser transmitida num determinado tempo”, explica Kucinski. O “tempo real”, contudo, não é exclusivo da *web* e nem foi um fenômeno que surgiu concomitantemente a ela. O conceito de “tempo real” permeia a imprensa desde os tempos do rádio e ficou mais evidente com a chegada da televisão e de suas coberturas ao vivo. Pode-se inferir que a internet fez com que o termo ficasse mais conhecido e evidente com as sessões de *últimas notícias*, que trazem um caráter de atualidade permanente. No entanto, dizer que o “tempo real” surgiu com a internet parece leviano.

Em trabalho apresentado durante o XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Adghirni (2002) afirma que o desenvolvimento das tecnologias de comunicação permitiu a instalação de novos circuitos de informação rápidos e eficazes. A circulação da informação inseriu no jornalismo a noção de “tempo real”. Os grandes jornais passaram a funcionar praticamente como agências de notícias, produzindo informação em fluxo contínuo.

O “tempo real” materializa o conceito de turbina da informação porque renova sua produção de forma contínua. A notícia é produzida e multiplicada em cadeia na medida em que o anúncio de um fato novo ou de uma declaração tem repercussão na sociedade e gera outras notícias. (ADGHIRNI, 2002, p.4).

Lemos (2002) relata que o o ciberespaço⁷, tido por ele como um “espaço sagrado”, possui um tempo diferenciado por ser um local de hierofanias⁸, ou seja, o

⁶ Kucinski (2004) utiliza o termo *conceito-fetichê* para falar sobre o “tempo real” porque para ele não há verdadeiramente uma instantaneidade em relação ao tempo de produção de notícias na internet, há somente uma noção de atualização permanente e uma quantidade excessiva de informações disponíveis na *web*. O termo “tempo real” tornou-se mais conhecido com a chegada da internet, deu notoriedade ao meio, mas como destacamos posteriormente, o caráter de continuidade, de um “tempo real”, é muito mais evidente em outros veículos como o rádio e a televisão.

⁷ O conceito de ciberespaço será explicado no capítulo 1, que tratará sobre técnica e tecnologia.

“tempo real”. Essa temporalidade proporciona aos usuários uma forma de tempo e espaço diferenciados por meio das tecnologias, pois, para ele, a racionalidade tecnológica caminha junto com o simbólico, o mítico, o religioso. O autor aponta o ciberespaço como algo sagrado (não em um sentido religioso ou esotérico), pois nele há a noção de participação de uma outra realidade. “É um espaço imaginário, um enorme hipertexto planetário.”

Lemos também faz o paralelo entre o sagrado e o ciberespaço por considerar o ato de se conectar como um rito de agregação, em que a tela do computador proporciona a entrada para outro mundo, o virtual. O “tempo real”, com seu acesso instantâneo, seria parecido com tempo sagrado descrito por Mircea Eliade, ou seja, um tempo repetitivo, circular. “O tempo sagrado do mito, assim como o tempo real do ciberespaço, não é o tempo linear e progressivo da história, mas o tempo de conexões, aqui e agora, um tempo presenteísta [...]” (LEMOS, 2002, p. 134).

McLuhan (2005) já falava da questão do tempo e do espaço, que tendem a ser diminuídos na superfluidade de informações. Para elucidar a questão do tempo do mito em relação às tecnologias, ele também menciona a obra de Eliade, mostrando como vivemos num tempo de espaço homogêneo. McLuhan mencionava que fatores como tempo e o espaço ficam reduzidos no fluxo da informação em meio à superfluidade de dados.

Na era eletrônica, quando os fatores tempo e espaço são muito reduzidos no fluxo de informação, mais uma vez é natural para nós, como para os homens das pequenas comunidades orais, pensar misticamente. Porque hoje é fácil perceber as consequências inscrutadas em qualquer tipo de inovação. Se não as vemos, ela nos subjuga muito rapidamente. (MCLUHAN, 2005, pg. 40)

⁸ A hierofania é definida por Mircea Eliade (1957) como o ato de manifestação do sagrado. A história das religiões tem um número considerável de hierofanias, ou seja, todas as manifestações das realidades religiosas.

OBJETIVO GERAL

Esta pesquisa propõe-se a estudar o homem (jornalista) e a tecnologia; em termos mais específicos, analisar o “sujeito-jornalista” inserido nos aparatos tecnológicos. Investigar sua vivência, convivência e relações pessoais, fazendo da sua vida uma extensão das máquinas. Buscar-se-á analisar o jornalista em relação à máquina, em relação ao “tempo real”, ou seja, o foco da pesquisa será mostrar o lado do profissional da imprensa em relação às tecnologias da *web*, suas impressões, suas ideias, dificuldades (ou não) de lidar com o meio emergente. O objetivo será descobrir como estas tecnologias interferem no trabalho e, sobretudo, na vida cotidiana dos webjornalistas.

Pretende-se descobrir, partindo do princípio de McLuhan (os meios de comunicação como extensões do homem), até que ponto essas mesmas tecnologias estão presentes na vida do “sujeito-jornalista”⁹. A ideia é identificar se a *web* tornou-se, por exemplo, a mesma que fornece/auxilia nas tarefas laborais e também fornece diversão, lazer.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Verificar como os profissionais (jornalistas) repórteres em “tempo real” são afetados pela tecnologia, em especial nos aspectos relativos ao lazer e a vida social.
- b) Examinar como o “sujeito – jornalista” está conectado com a tecnologia da emergente cibercultura e se esta ligação auxilia ou atrapalha o trabalho e a vida pessoal.

⁹ Termo criado para explicar a relação do jornalista, atrelado às novas tecnologias, e sua inserção social dentro da cibercultura.

METODOLOGIA

Para se obter a noção inicial do ambiente e do cotidiano dos jornalistas da *web*, será feita, primeiramente, uma observação não-participante. Posteriormente, serão realizadas *entrevistas* por meio de questionários abertos, com a finalidade de saber sua idade, se tem filhos, há quanto tempo trabalha com jornalismo *online*, como é o ambiente de trabalho, dentre outros aspectos.

Como explicam Bauer e Gaskell (2002, p. 64), a entrevista qualitativa é uma metodologia de busca de dados bastante empregada nas ciências sociais, campo em que o entendimento dos mundos de vida dos entrevistados selecionados é condição *sine que non* desse tipo de entrevista.

O emprego da entrevista qualitativa para mapear e compreender o mundo da vida dos respondentes é o ponto de entrada para o cientista social que introduz, então, esquemas interpretativos para compreender narrativas dos atores em termos mais conceituais e abstratos, muitas vezes em relação a outras observações. [...] O objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos. (BAUER E GASKELL, 2002, p. 64)

O método da *observação* (observação participante) servirá posteriormente de apoio para analisar os webjornalistas no que se refere a seus anseios, ao ambiente em que trabalham, como se mantêm atualizados tanto em relação a notícias quanto em adaptação às novidades tecnológicas, enfim, o objetivo é verificar se a profissão interfere na vida pessoal para então descobrir quem são esses profissionais da notícia *online*.

Laville e Dionne (1999, p. 153) argumentam que a *pesquisa participante* serve para compreender um universo “como ele é”, sem julgá-lo ou compará-lo a outro. Os autores destacam ainda que essa abordagem pode levar ao conhecimento dos meios – inacessíveis de outra maneira – a receber informações raras que as pessoas desses meios não as forneceriam voluntariamente. “A observação como técnica de pesquisa não é contemplação beata e passiva; não é também um simples olhar atento. É essencialmente um olhar ativo sustentado por uma questão e por uma hipótese.” (IBID, p. 176).

Na pesquisa participante é necessário distinguir *observação* de *interpretação* e estar atento às relações dentro do ambiente de pesquisa. Tudo parece tão familiar ao investigador que ele precisa estar alerta para não anotar apenas o evidente.

Dentro dessa observação, ainda será feito um acompanhamento do dia a dia desses jornalistas em seu ambiente externo para verificar, por exemplo, quantos *flashes* de notícia ele publica, quantas vezes ele entra em contato com a redação, quantas matérias ele manda por dia, como são suas relações pessoais etc. O acompanhamento desses profissionais será realizado na Agência Brasil, administrada pela EBC (Empresa Brasil de Comunicação – Radiobrás), no portal *Correio Web* e no *Correio Braziliense.com.br*, vinculados ao jornal Correio Braziliense. Ambos foram escolhidos por serem veículos pouco analisados em pesquisas e por proporcionarem um estudo abrangente sobre o ambiente *online*.

Optou-se realizar um estudo de campo por ser um método no qual o pesquisador participa diretamente do levantamento junto ao grupo analisado, como elucida Gil (2006) ao mencionar que neste método o pesquisador realiza a maior parte do trabalho pessoalmente e facilita o contato com a situação de estudo. O estudo de campo foi fundamental na pesquisa devido à facilidade que propiciou no aprofundamento das questões propostas e ainda auxiliou na análise dos webjornalistas, pois “no estudo de campo, estuda-se um único grupo ou comunidade em termos de sua estrutura social, ou seja, ressaltando a interação entre seus componentes.” (GIL, 2006, p.53)

A dissertação será realizada por meio de uma *amostragem não-probabilística por júris*, técnica utilizada para se conseguir dados de determinado período, acerca de temas específicos, como explica Lakatos (1982, p.47): “técnica utilizada principalmente quando se deseja obter informações detalhadas, durante certo espaço de tempo, sobre questões particulares.”

A definição de conceitos não pode ser esquecida, pois cada conceito comunica ao especialista, resumidamente, uma vasta quantidade de experiência, abstraída e esclarecida para aqueles que compreendem o termo (GOODE, 1975). Será de extrema importância definir as ideias de *técnica* e *tecnologia*. Para tanto, serão abordados os conceitos de Pierre Lévy (1999) e Manuel Castells (2001). Lévy trabalhou as distinções entre as sociedades orais, escritas e tecnológicas e mostrou que esta última também pode ser chamada de sociedade da informação e baseia-se no imediatismo. Ele explorou o conceito de *cibercultura*, o qual definiu como o conjunto de técnicas, práticas, atitudes, modos de pensamento e de valores que se desenvolvem junto com o

crescimento do *ciberespaço*, que, por sua vez, é o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias destes.

Para entender como os aparatos tecnológicos estão presentes na vida do “sujeito-jornalista” será utilizada a obra de Marshall McLuhan, especialmente *Understanding Media – Os meios de comunicação como extensões do homem*. Buscou-se trazer as elucidaciones do autor e descobrir até que ponto a tecnologia foi transformada em facilitadora do trabalho e fornecedora do lazer, fazendo, por exemplo, com que o jornalista digital se torne um *ser* conectado aos objetos técnicos.

Já Castells mostra que, diante da Era da Informação, desenvolvem-se *paradigmas da tecnologia da informação*, os quais geram as seguintes implicações: a informação como matéria-prima; a penetrabilidade dos efeitos das novas tecnologias; a lógica das redes; o sistema de redes e a convergência de tecnologias específicas para um sistema altamente integrado. De acordo com o autor, são as tecnologias que agem sobre a informação, e não o inverso. “Como a informação é o produto chave da Era da Informação, a internet é a ferramenta fundamental para a produção e difusão dessa mesma informação, a geografia econômica da internet é, em grande medida, a geografia dos fornecedores de conteúdos da internet.” (CASTELLS, 2004, p. 251).

A dissertação é composta de sete capítulos. No primeiro trouxemos as definições e a trajetória da história da técnica e da tecnologia, para assim chegarmos ao fenômeno da cibercultura. No segundo elucidamos se a internet pode ser ou não considerado um meio de comunicação. Já no terceiro capítulo mostramos o conceito de cibercultura e os principais estudiosos do assunto. Na parte seguinte temos um panorama de como foi a entrada dos jornais brasileiros na internet, quais foram as mudanças ocorridas nas redações com o advento do “tempo real” e apontamos alguns aspectos referentes aos jornalistas brasileiros. No quinto capítulo estão as entrevistas realizadas com os webjornalistas além de um breve histórico dos veículos analisados. No sexto capítulo trouxemos as conceituações de interação e lazer e como os webjornalistas conciliam a profissão e o tempo livre. No capítulo final tentamos descobrir quem seria o “sujeito-jornalista”.

INTRODUÇÃO

A cada nova descoberta e a cada nova tecnologia introduzida no trabalho da imprensa tem-se um momento histórico específico e uma nova etapa no fazer jornalístico.

Diversos trabalhos já foram realizados com o intuito de averiguar as consequências das novas tecnologias no trabalho do jornalista, porém, a proposta desta pesquisa é analisar os efeitos dessas tecnologias, não por meio da análise das rotinas produtivas, uma vez que tal assunto já foi exaustivamente estudado, mas por meio da visão do profissional, do jornalista.

Busca-se, utilizando-se a observação participativa e tendo como base as teorias da cibercultura, descobrir quem é esse “sujeito-jornalista”, que corre contra o “tempo real”, contra o relógio e a concorrência. Em diversas pesquisas, há a ideia do fazer jornalístico, de suas técnicas e rotinas produtivas; no entanto, o produtor da notícia, o jornalista, é comumente esquecido. Não se sabe, por exemplo, até que ponto a vida profissional mistura-se com a pessoal, ou mesmo se a tecnologia que facilita e “enlouquece” seu ritmo de trabalho é a mesma que proporciona o lazer.

Através de uma trajetória dos conceitos de *técnica* e *tecnologia*, chegando até o advento da cibercultura, serão estudados o “sujeito-jornalista” e a tecnologia, ou seja, o sujeito inserido nos novos aparatos tecnológicos.

CAPÍTULO 1 - TÉCNICA E TECNOLOGIA

... foi o relógio, não a locomotiva ou a máquina a vapor, a máquina chave da modernidade. O relógio é o modelo da perfeição mecânica de todas as demais máquinas industriais, além de ser o instrumento que permite a operatividade básica, sem a qual a organização da vida moderna, a começar pela fábrica, seria impensável.
(CARONIA, in Rüdiger, 2003, p. 38)

1.1 – Conceituações

O fenômeno técnico nasce com o homem, desde os tempos remotos. Estes dois elementos estão aliados. Para distinguir os conceitos de técnica e tecnologia é necessário traçar um desenho do panorama histórico para compreender, posteriormente, o fenômeno da cibercultura. “O sentido da técnica não está nela mesma, mas no processo de criação social sustentado pela coletividade.” (RÜDIGER, 2003, p.128).

A própria história da técnica e da tecnologia tem seus campos embaralhados e sua periodização extremamente dificultada, como explica Gama (1987). O autor faz uma distinção semântica da palavra técnica, inicialmente em língua inglesa e, posteriormente, na portuguesa. Na Idade Média, a *technology* possuía duas vertentes: uma definida como a maneira pela qual as pessoas fazem algo; outra, como o estudo das atividades dirigidas à satisfação humana. Gama elucida que, nos textos ingleses, *tecnologia* aparece como sinônimo de *técnica* (ou conjunto de técnicas), produto material das técnicas, saber associado às técnicas ou ao estudo destas. Na língua portuguesa, a palavra *técnica* apareceu primeiramente no livro *Vocabulário Português Latino*, de 1716, de autoria de Rafael Bluteau, onde o termo é empregado do mesmo modo da terminologia inglesa. O primeiro a mencionar *tecnologia* na língua portuguesa foi José Bonifácio de Andrada e Silva, em 1815, em uma carta à Academia Real de Ciências de Lisboa, onde o termo faz alusão às relações entre teoria e prática.

Voltando-se a autores mais atuais, como Lemos (2004), a técnica, na sua concepção original e etimológica, vem do grego *tekhné*. Esse conceito filosófico tem como intuito descrever as artes práticas, o saber fazer humano, em oposição a outro conceito, a *phusis*, ou o princípio de geração das coisas naturais. “A *tekhné* é a arte que coloca o homem no centro do fazer poético, em confronto direto com as coisas naturais. A *tekhné* é uma *poièsis* no sentido de revelar todo o fazer humano.”

De acordo com pequeno resumo histórico da relação técnica/tecnologia feita por Rüdiger (2003), durante o século XVII, a palavra *técnica* era utilizada como sinônimo de arte. No século posterior, há o aparecimento da expressão *tecnologia*. Durante a Idade Média, ocorreram poucas modificações em relação às reflexões referentes aos dois conceitos, pois as técnicas eram vistas apenas como bênçãos enviadas por Deus. Já do Renascimento até o início do século XIX, a *tecnologia* passa a estar ligada ao uso de produção de máquinas e equipamentos. O aparecimento da expressão *tecnologia* foi simultâneo ao surgimento da era da máquina.

Durante a Revolução Industrial (1750-1820), houve o expansionismo tecnológico com a exploração dos recursos naturais por meio das máquinas. A eletricidade foi então descoberta e, posteriormente, surgiu a automação dos sistemas, com a utilização de tecnologias capazes de programar e criar linguagens artificiais. “Poder-se-ia afirmar que, especificamente, o pensamento subjacente à primeira era mítico e artesanal, da segunda, empírico e mecanicístico, e dos últimos, científico e cibernético.” (RÜDIGER, 2003,41)

Diversas são as conceituações acerca de técnica e tecnologia. Dentre algumas que merecem ser destacadas, está a de Leroi-Gourhan (in LEMOS), que vê a técnica como determinante na evolução da espécie humana. Como explica Lemos, Gourhan vê a técnica como resultado do desenvolvimento e evolução da vida orgânica humana, assim, o fenômeno técnico seria, como elucida o mesmo autor, um caso particular, zoológico, de relação entre o ser vivo e seu meio natural.

Até a fase da formação do córtex nós podemos dizer que a evolução da técnica é de cunho zoológico, influenciando a evolução da espécie. Pouco a pouco, a técnica vai desligando-se desta evolução genética, tornando-se independente. Em um primeiro momento os objetos ajudam na formação do córtex, numa simbiose entre o sílex e os neurônios. (LEMOS, 2002, p. 29).

Em uma elucidação que poderia remeter-se ao pensamento de McLuhan sobre os meios de comunicação como extensões do corpo humano, Leroi-Gourhan afirma que é pela exteriorização do corpo que a mão necessita do instrumental. Partindo das ideias de Gourhan, G. Simondon (apud LEMOS) analisa os objetos técnicos como possuidores de uma lógica própria e, ao opor cultura à técnica, vê a máquina como responsável pela impressão de que a tecnologia não faz parte da cultura. Para Simondon (apud Lemos), a compreensão da genealogia da técnica seria a única maneira de tomar consciência do modo de existência de objetos técnicos e de seu papel na cultura contemporânea.

A necessidade de amplificar as capacidades humanas para lidar com os vários ambientes dá lugar a essas extensões tanto de ferramentas quanto de mobiliário. Essas ampliações de nossas capacidades, espécies de deificações do homem, eu as defino como tecnologias. (McLUHAN, 2005, p. 90)

1.2 – Outras definições

Defensores e opositores à técnica não faltam. Contudo, não será feita uma digressão que se refira a um dualismo semelhante ao dos Apocalípticos e Integrados, apontado dentro das Teorias da Comunicação por Umberto Eco (1993). O que interessa à pesquisa é suscitar as diferenças entre os conceitos e não apenas relatar qual seria ou não o mais correto.

Lucien Sfez (1994) fala de uma coabitação permanente do homem com a máquina, onde a informática, e todos os fenômenos relacionados a ela, são afetados, fazendo com que haja uma alienação total provocada pela técnica. Com uma visão menos “apocalíptica” da técnica, Jacques Ellul (1968) relata que a máquina é a forma mais evidente, compacta e impressionante da técnica. Em contraponto às proposições McLuhanianas, Ellul afirma que a técnica tende à mecanização, mas não consiste no fato da adaptação do homem à máquina, pois as técnicas condicionam e aumentam a quantidade de trabalho humano. Neste ponto, pode-se fazer uma conexão da quantidade de trabalho do jornalista com o advento das novas tecnologias. Antes o profissional tinha de ir às ruas em busca de informações, “correr” atrás de fontes etc. Na era da informação, houve a facilidade para escrever o texto por meio dos computadores pessoais, a busca de fontes passou a ser feita por meio da *web* ou *e-mail*, dentre outras vantagens. Entretanto, houve o acúmulo de funções, pois o webjornalista passou a ser repórter, redator, pauteiro e especialista em todos os assuntos. Tal fenômeno será detalhado nos capítulos seguintes.

Thompson (1998) volta à relação entre técnica e cultura (cultura eletronicamente mediada), apontando esta como a circulação de formas simbólicas em contextos sócio-históricos específicos e aquela como fornecedora de um grau de fixação de conteúdo significativo e de reprodução das formas simbólicas. Ele destaca que o meio técnico não pode ser totalmente dissociado dos contextos sociais em que ele é empregado e que as indústrias da mídia são fortemente dependentes da tecnologia e da inovação tecnológica. Assim como Thompson, Rodrigues (1999) vê a comunicação não como um produto,

mas como um processo de troca simbólica generalizada e impossível de ser imaginada sem os dispositivos mediáticos. Entretanto, Rodrigues tem em comum com Sfez a ideia de que a percepção da realidade é, na verdade, um produto tecnicamente elaborado pela mídia. Para Rodrigues, as técnicas são modos de fazer, materiais ou não, constituídos por procedimentos visando à realização de um resultado.

Os pessimistas vêem nas novas tecnologias mecanismos de alienação radical do homem, associando-as à perda, não só da possibilidade de conceber e projetar o futuro, mas sobretudo de dar sentido ao presente, enquanto os otimistas fazem depender da inovação tecnológica a resolução de todos os problemas que desde sempre afligiram os homens. (RODRIGUES, 1999, 203).

Diante do exposto, é possível constatar que os meios de comunicação de massa (MCM) são aparatos técnicos. A tecnologia é a situação histórica da técnica, é esta, por seu turno, realiza a transformação do mundo mediante a ação do instrumento.

1.3 – Considerações

A atividade jornalística sempre conviveu em meio às rotinas de produção e teve de se adaptar às técnicas, que chegavam e alteravam seu cotidiano. Desde a invenção de Johann Gutemberg, que, ao criar a tipografia (tipos móveis), trouxe a possibilidade de maior produção de livros e folhetos, até a *Web 2.0*¹⁰, com recursos multimídia, tem-se a técnica como elemento modificador da profissão de jornalista.

A técnica pode ser vista no sentido de inovação, de novos desafios proporcionados, no caso do jornalismo e, especificamente, no caso do nosso estudo, do jornalista. Entretanto, não é aconselhável restringir-se a um determinismo tecnológico, ou seja, à idealização da técnica e da tecnologia como fontes de solução para os problemas da humanidade. Sem dúvida não se pode descartar a ideia de que esses dois elementos permeiam a sociedade e interferem no cotidiano dos indivíduos. A técnica (instrumento) e a tecnologia (situação histórica da técnica) fazem parte da evolução de qualquer sociedade complexa, como componentes de um avanço, mas não são os únicos

¹⁰ O termo *Web 2.0* é utilizado para representar a segunda geração da *World Wide Web*. Uma das novidades apontadas pela segunda geração seria a troca de informações e colaboração dos internautas com *sites* e serviços virtuais (interatividade). Dentro deste contexto, encaixa-se a enciclopédia Wikipédia, cujas informações são disponibilizadas e editadas pelos próprios internautas. Fonte: **Entenda o que é a Web 2.0**, extraído de <http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u20173.shtml>.

elementos capazes de proporcionar a interação dos indivíduos, como no caso da rede mundial de computadores.

Na Era da Informação, os computadores têm-se tornado cada vez mais compactos e armazenam cada vez mais informações. Essas máquinas portáteis e suas redes interligadas a *World Wide Web* são o exemplo de ligação entre técnica e tecnologia e, conseqüentemente, em reestruturações no jornalismo. Mas o intuito desta pesquisa não é apontar quais seriam as conseqüências da inserção das redações no ambiente *online*. Pretende-se investigar aqueles que estão do outro lado da tela, adaptando sua vida pessoal à rotina de trabalho, correndo contra o tempo, lidando com essa tecnologia que às vezes auxilia e outras – quando ocorrem panes no sistema, por exemplo – atrapalham imensamente qualquer publicação de matérias.

As técnicas podem levar à “mecanização” dos indivíduos, não no sentido de que todos seriam transformados em máquinas robóticas, mas no sentido de levar à repetição mecânica das atividades corriqueiras. Tal fenômeno pode ser ilustrado pela cena do filme de Charles Chaplin, *Tempos Modernos*, na qual o personagem parafusa várias roscas em um ritmo muito acelerado, atividade que o torna apenas um executor de tarefas repetitivas. Sem dúvida, as técnicas proporcionam maior agilidade, como no caso do jornalismo, em que a produção de notícias segue, por exemplo, a pirâmide invertida¹¹ – independentemente do veículo para o qual se esteja redigindo uma notícia – ou ainda do importante *lead*¹². Esta técnica, quando trazida para as redações brasileiras por Pompeu de Souza, fez com que Nelson Rodrigues, à época também jornalista, chamasse os adeptos à nova técnica de “idiotas da objetividade”, pois ter concisão e objetividade passaram a ser princípios a serem seguidos pela imprensa e seriam melhor alcançados se fossem utilizadas as técnicas de produção de notícias.

A internet, ou, em termos mais amplos, a tecnologia, propiciou mudanças que estão levando o jornalismo e os jornalistas a adaptarem-se e a criarem paulatinamente uma linguagem própria para a *web*. As técnicas devem adaptar-se a tecnologias que demandam uma onda de informações constante.

¹¹ “Pirâmide invertida: técnica de redação na qual um texto é encabeçado pelas informações principais, desdobrando-se em seguida naquelas de interesse intermediário e, por fim, nas menos importantes.” (JORGE, 2008, p. 229)

¹² O *lead* (ou *lide*) no jornalismo é utilizado para especificar as principais informações que uma notícia deve transmitir no seu primeiro parágrafo, respondendo, preferencialmente, as questões “o que?”, “quando?”, “onde?”, “como?”, “quem?”, “por quê?”.

CAPÍTULO 2 – A ERA DA INFORMAÇÃO

Como a informação é o produto chave da Era da Informação, a internet é a ferramenta fundamental para produção e difusão dessa mesma informação, a geografia econômica da internet é, em grande medida, a geografia dos fornecedores de conteúdos da internet (CASTELLS, 2004, 251).

A Era da Informação – como tem sido denominada nossa sociedade contemporânea – teve início no fim do século XX e trouxe mudanças nas relações interpessoais, no trabalho e, conseqüentemente, na produção de notícias. Como afirma Marcondes Filho (2000, p. 9), “a história do jornalismo reflete de forma bastante próxima a própria aventura da modernidade [...] O jornalismo é a síntese do espírito moderno.”

Castells (2001, p.78) chama tais mudanças de *paradigmas da tecnologia da informação*. Ele menciona cinco características principais dessas alterações:

- a informação como matéria-prima;
- a penetrabilidade dos efeitos das novas tecnologias;
- a lógica das redes;
- o sistema de redes;
- a convergência de tecnologias específicas para um sistema altamente integrado.

Entretanto, duas merecem destaque. A primeira característica toma a informação como matéria-prima, ou seja, são as tecnologias que agem sobre a informação, e não somente o inverso. O segundo ponto a ser destacado refere-se à penetrabilidade dos efeitos das novas tecnologias: “Como a informação é uma parte integral de toda a atividade humana, todos os processos de nossa existência individual e coletiva são diretamente moldados pelo novo meio tecnológico.”(CASTELLS, 2001)

Rodrigues (1999) destaca a conexão do homem aos complexos e sofisticados dispositivos de informação, dentre eles a internet, de tal modo que eles elaboram a própria representação da realidade. O autor caracteriza bem a afirmação feita por McLuhan e diz não ser possível imaginar nossas vidas sem estes dispositivos mediáticos, que passaram a fazer parte integrante dos próprios órgãos de percepção. Rodrigues destaca que o telefone e o rádio são próteses auditivas do homem, a televisão

projetaria a visão e “os computadores substituem cada vez mais a componente mecânica da nossa memória.”

Voltando à proposição de McLuhan, vale destacar que dificilmente um webjornalista diria ser capaz de imaginar sua profissão sem o auxílio e, porque não dizer, sem a dependência, da máquina. A *web*, ao mesmo tempo em que auxilia no lado profissional, também está presente na vida pessoal. Os sítios (ou *sites*¹³) fornecem salas de bate-papo, redes de relacionamento de conversa, namoro, música, sexo, enfim, uma gama de opções que permeia a vida cotidiana e o ambiente de trabalho.

2.1 – Internet é um meio de comunicação?

Não se pode adentrar nas discussões acerca da internet sem ao menos elucidar se ela vem ou não a ser um meio de comunicação. Antes, porém, é importante definir a expressão “meio de comunicação”. Não há a pretensão de esgotar o tema, mas a explanação faz-se necessária a fim de tornar mais claro o objeto de estudo da presente pesquisa.

Apesar de as origens da Comunicação serem remotas, seu estudo é algo recente. O primeiro livro de epistemologia da área, *Ciências da Comunicação*, só foi publicado em meados dos de 1960, por W. Schramm. Segundo o autor, a comunicação nasceu da imitação dos sons da natureza; posteriormente, veio a imitação de gestos, fato que gerou a necessidade de se expressar. Daí nasceram os tipos de comunicação.

Existem diversos tipos de comunicação: entre máquinas, gestual, visual, virtual e de massa. Partindo do sentido etimológico do termo *comunicação*, já se encontra um leque de definições: do latim, *communicatio*, onde *muniz* significa “estar encarregado de”, *co* significa “atividade realizada conjuntamente” e o final *tio* reforça ideias de atividade. O meio, por sua vez, pode ser classificado segundo seu alcance, ou seja, interpessoal, grupal, comunidade, sociedade e nação.

Na comunidade primitiva (ROCHER, 1971), no fim do neolítico, existiam os chamados “protomeios” (MARTINO, 2006), definidos como meios, ocasionais ou permanentes, que não eram capazes de armazenar conteúdo. Como exemplo poder-se-ia citar o sinal de fumaça e os tambores. A primeira forma de organização no campo

¹³ *Site* ou sítio significa, no mundo virtual, um endereço cuja porta de entrada é sempre sua *home page*, a página principal de um *site* da *web*. Um *site* da internet é um dos nós/computadores existentes (PINHO, 2003, p.266).

simbólico deu-se por meio dos mitos. A esse respeito, vale destacar as ideias de Mircea Eliade (1957) no livro *Mito e Realidade*: nas sociedades arcaicas (ou primitivas), o mito designava uma “história verdadeira” e preciosa por seu caráter sagrado, exemplar e significativo, uma revelação primordial. Nesse ponto, há similaridade com Rocher (1971). O autor mostra que nas sociedades tradicionais, devido à sua divisão em categorias conforme a idade acontece uma mistura entre o profano e o religioso, chegando quase a serem confundidos nos ritos de passagem, acarretando uma fusão de sobrenatural e temporal, formando então uma organização social ligada ao sagrado.

Na sociedade tradicional, tem-se o surgimento do primeiro meio de comunicação: a *escrita*. A cultura era transmitida por duas vias diferentes: cultura oral e letrada, conforme a divisão de classes sociais. Nesse período, 3000 a.C, começam a aparecer os primeiros centros urbanos. Rocher (1971) menciona ainda que estrutura econômica da sociedade tradicional era simples, pois servia para prover as necessidades dos membros da comunidade, que utilizavam os bens que a natureza lhes fornecia, com o mínimo de transformação. Eles utilizavam ainda uma tecnologia arcaica em suas atividades de produção (emprego de utensílios que são o prolongamento direto dos membros do corpo humano, como martelo, machado, flechas).

A transição da sociedade tradicional para a complexa deu-se graças ao desenvolvimento da técnica e à chegada da industrialização. A chegada dos meios-máquinas (imprensa, TV, rádio) trouxe consigo a ideia de comunicação baseada na técnica e voltada à sociedade. Nesse período, há ainda o aparecimento da atualidade mediática, entendida como processo em constante transformação que se constitui a partir da atividade dos meios técnicos de comunicação. A noção de atualidade remete-se ao sentido de movimento, ritmo, tempo, mas, principalmente, ao de espaço. Os meios-máquinas são geradores dessa atualidade, a qual cria o comum da atividade social.

A atualidade, entendida como processo em constante transformação, constitui-se a partir da atividade dos meios técnicos de comunicação. Caracteriza-se como uma dimensão “virtual”, que pode ser chamada de esfera pública, instituída na dinâmica da superabundância de informações e produzida na sucessão dos acontecimentos, veiculados pelos *mass media*.

A novidade, o agora e o atual são alguns dos princípios norteadores do jornalismo. Franciscato (2005, p. 11) relata que a categoria da novidade serve para descrever um aspecto específico da temporalidade jornalística e demonstra como a notícia liga-se à ideia de inovação ou originalidade. “A novidade conduz-nos a uma

vinculação do 'novo' relatado jornalisticamente ao tempo presente das coisas que brotam na temporalidade do 'agora!.'” Em contrapartida ao pensamento de Franciscato, Moretzsohn (2002, p. 15), argumenta que, com o advento do chamado “tempo real”, caracterizado pela internet, as exigências constantes no postulado de “dizer a verdade em primeira mão” e investigar demonstram o quanto a imprensa “traí” o seu ideal devido às condições de produção: “[...] o que se tem não é a novidade, mas o clichê, que sofre sucessivos processos de ‘atualização’ para dar ao público a sensação de estar consumindo informação inédita”. Em suma, é possível dizer que este novo é previsível; que não passa de algo “passível de ser reconhecido”.

Paul Virilio (1993) afirma que o tempo de uma duração técnica é vivido sem comparação com qualquer calendário ou memória coletiva, duração que contribui para a instauração de um “presente permanente”, onde ocorre o surgimento de um tempo mundial único. Concordando com o pensamento de Virilio, Moura (2002) mostra que, ao adotar a velocidade como paradigma, os profissionais da comunicação têm como desafio vencer os paradoxos deste tempo, sem tempo. Um tempo que se estrutura em si fazendo um tempo comunicacional.

Para esclarecer o sentido de atual, tal qual empregado neste trabalho, será utilizado o entendimento de Franciscato, que explica: “Pode-se dizer que atual é aquilo que ocorre no momento mesmo em que é percebido pelos nossos sentidos (...). Mas, também pode se considerar como atual o que está em ato, em movimento, em processo de execução” (Franciscato, 2000, p.5). É justamente este estar “em movimento, em ato” que vai expor a relação da comunicação mediada com a lógica capitalista, colocando em destaque a série, ou melhor, o valor da quantidade. Um valor que se formaliza na profusão de acontecimentos que caracterizam a atualidade mediática.

Morin (1977) argumenta que as sociedades modernas, ou complexas, não são apenas industriais, mas também técnicas, burocráticas, capitalistas e de classes. Ele aponta que há agora uma segunda industrialização, processada nas imagens e nos sonhos e uma segunda colonização, capaz de adentrar na alma humana, e que a junção dessas duas, aliadas à imprensa, ao cinema, ao rádio e à televisão resultaria em um terceiro tipo de cultura: a *mass culture*. As novas técnicas e a fabricação industrial maciça trazem a cultura de massa e o que Morin chamou de “colonização da alma”, onde até mesmo a vida privada passa a ser mercadoria. Um exemplo da venda da privacidade são os *reality shows*, como *Big Brother* e *Survivor*, que ficaram conhecidos

no Brasil no ano 2000. São programas televisivos no qual pessoas anônimas têm sua intimidade, seu cotidiano, filmados 24 horas.

As definições encontradas para os meios de comunicação de massa (MCM) estão, em sua maioria, atreladas a apenas uma característica do meio, como por exemplo, à transmissão ou somente ao aspecto técnico. São determinações incompletas, como a de Katz (1975), que destaca apenas o aspecto da transmissão de informação e toma os MCM como formas dominantes e impositoras de comportamentos, algo semelhante à teoria da agulha hipodérmica.

Meios de comunicação de massa são as diversas formas industrializadas de produzir informação e entretenimento na sociedade de consumo: televisão, jornal, rádio, disco, livro, publicidade etc. Penetram praticamente toda a população urbana e grande parte da população rural, experimentando impor forma universalizantes de comportamento. (KATZ, et al, 1985)

Delimitando melhor o conceito, Martino (2001), explica que *meio* são os objetos técnicos que simulam consciências; já *comunicação* seria a relação entre essas consciências. Assim, todo objeto técnico, que é um meio de comunicação, simula uma faculdade mental, ou seja, o fenômeno comunicacional é estritamente mental. A consciência (no sentido coletivo) é a contrapartida da ação. Com isso pode-se inferir que o meio de comunicação gera o compartilhamento da experiência social, ou seja, o meio é a tecnologia, enquanto “de comunicação” refere-se ao sentido de coletividade. “Comunicar é simular a consciência de outrem, tornar comum (participar) um mesmo objeto mental (sensação, pensamento, desejo, afeto).”

Uma vez que o meio é um aparato técnico, vale destacar que a tecnologia pode ser caracterizada como a situação histórica na qual está inserida a técnica, ou seja, a tecnologia é o momento em que a técnica realiza alguma alteração na realidade de um instrumento. Com isso pode-se entender que os MCM, dentro do universo da técnica, são modos de transformação da consciência, plano no qual se dá a ação dos meios. (MARTINO, 2001)

Não obstante a dificuldade em delimitar-se o que vem a ser comunicação, sua história ainda é confundida muitas vezes com a dos meios, das teorias, das instituições ou mesmo dos conteúdos (registros). Outro equívoco comum ao tentar-se estabelecer a história da comunicação é restringi-la a um determinismo técnico, como fizeram Harold

Innis e McLuhan, que tomaram a tecnologia como único elemento demarcador da estrutura social.

Em diversas obras, que julgam fazer um relato correto da história da comunicação, notam-se diversos obstáculos epistemológicos. Dentre alguns, pode-se citar a projeção feita do presente no passado, ou seja, criam-se parâmetros do presente para comparar com o passado, tomando assim o atual como padrão de valor (“etnocentrismo”). Paul Veyne (1982) ressalta que a história pode ser feita a partir do presente, mesmo que, na maior parte das vezes, o objeto de estudo do historiador seja o passado, pois este é uma rede de causas que acarreta o presente. Há ainda o positivismo histórico, que vê a história somente pelo âmbito do verificável, quantificável, com registros claros e definidos.

La escritura de la historia de la comunicación está tristemente subdesarrollado. En parte la razón se encuentra em el hecho de que los médios de comunicación son em una amplia medida, tal como indica su nombre, los transmisores más que no los creadores de las causas y los efectos de los que por lo general se ocupan los historiadores. (SCHUDSON, 1993, 211)¹⁴

Os acontecimentos só são tidos como tais a partir do momento em que são mediatizados, pois com os MCM tem-se um regime de tempo e espaço ligado à atualidade, vista como um sistema de valor. Os MCM constroem uma temporalidade única e, diversas vezes, passam a ser utilizados para compreender a historicidade.

O meio-máquina (diferentemente de ferramenta) gera a atualidade. A atualidade gera o comum da atividade social. A imprensa, por exemplo, é um meio-máquina. Ela revolucionou a escrita, trouxe o desenvolvimento técnico da reprodutibilidade e caracterizou o início da sociedade complexa. Já a internet (rede) trouxe a coletivização da informação, potencializando a transmissão, diminuiu barreiras e transformou a dimensão do local, chegando quase a um “glocal” (junção de local com global), como denominam alguns autores como Castells. Entretanto, a história desses meios não é a história da comunicação.

No decorrer do avanço da tecnologia, cada nova geração de meios de comunicação trouxe consigo sua carga de utopias de criação de espaços públicos de interação participativa entre cidadãos informados

¹⁴ “A escritura da história da comunicação infelizmente está subdesenvolvida. Em parte, a razão se encontra no fato de que os meios de comunicação são em grande parte, tal como demonstra seu nome, os transmisores, não mais do que os criadores das causas e efeitos com quais geralmente se ocupam os historiadores.” (tradução aproximada).

usando o direito à palavra. Todo novo meio de comunicação constitui, ao mesmo tempo, o ponto de disputas entre lógicas societárias a cargo do Estado, do mercado e da sociedade civil. (AMBROSI, et al, 2005, p.1)

Diante dessa atualidade gerada pelos MCM, tem-se a ideia de uma história do presente. Seriam os jornalistas então historiadores, uma vez que relatam fatos diariamente? Graças a essa contemporaneidade transmitida pelos MCM, a sociedade, em geral, passou a viver historicamente, tendo a noção dos eventos históricos. O homem é testemunha dos acontecimentos. Um exemplo dessa situação pode ser encontrada em Ramonet (2001, p. 34) ao afirmar que, quando explode um acontecimento em qualquer parte do mundo, a mídia estabelece contato com alguma pessoa que se encontra no local para relatar o que está acontecendo, causando o “efeito de real”: “Quem fala está no local e isto é uma garantia de autenticidade, eis aí o ‘efeito real’; é uma ‘verdadeira’ testemunha e isto basta.”

O homem é um ser da comunicação e, como tal, aprimora suas técnicas para facilitar esse processo. A comunicação passa por obstáculos para definir seu campo de estudos e sua história; contudo, esta não deve estar restrita aos meios ou às instituições. Uma verdadeira história da comunicação deve abranger os períodos da comunicação desde seus primórdios, entender realmente sua significação e seu objeto de estudo.

Apesar de a internet trazer a coletivização da informação e o surgimento de uma dimensão não mais local e sim global, não é possível classificá-la como “de massa”, como o são a televisão e o rádio, pois seu uso está limitado a uma pequena margem da população mundial. “[...] Ela (a internet) não é uma mídia, mas um (novo) ambiente midiático, uma incubadora espontânea de instrumentos de comunicação, um sistema auto-organizante criativo.” (PRADO, 2002, p. 123).

2.2 – Considerações

A noção de *presente* transmitida pelos meios deve-se, principalmente, à notícia com caráter de novidade, que deve ser passada o mais depressa possível pelos meios de comunicação, atividade peculiar ao trabalho da imprensa.

Esse tempo único construído pela imprensa, seja ela televisiva, radiofônica ou internet, acarreta a noção do tempo presente, do tempo comum (social), que se vive na

sociedade contemporânea. O acompanhamento das notícias em “tempo real” dá a noção de presenciar os acontecimentos no mesmo instante em que estão ocorrendo em qualquer parte do mundo, devido à atualização quase instantânea das matérias. Há a criação da realidade mostrada pelos meios de comunicação, transmitida nesse “tempo sem tempo” da imprensa. Como destacado anteriormente, o “tempo real” não é exclusivo do *webjornalismo*, pois a televisão e o rádio também são meios capazes de transmitir a informação tanto ou mais rapidamente do que a internet.

É necessário retomar o conceito de *meio* apontado por McLuhan, uma vez que a obra do autor será primordial nesta pesquisa. Sua definição de *meio* não está restrita aos meios de comunicação de massa como o rádio ou a TV. McLuhan via os meios como extensões do corpo humano (rodas como extensões dos pés, computadores como extensões do sistema nervoso central) ou mesmo como uma forma de organização social.

“Specifically, a medium is a side-effect of a technology, generally invisible; it consists of all the psychic and social adjustments that its users and their society undergo when they adopt the new form. It is the “message” sent by the new technology; so “the medium is the message.” (ALEXANDROVA, McLuhan Terms and concepts glossary, 2008, p.4)¹⁵

De acordo com McLuhan, as novas tecnologias criam uma ambiência ou ambiente (*environment*), que pode ser entendido também como sinônimo de meio. Tal ambiência pode referir-se ao meio físico e aos contextos sociais que são afetados pelas novas tecnologias. Del Bianco (2005, p.2) elucida que esse ambiente seria um tipo de segunda natureza que forma o próprio homem e molda seus padrões e modos de perceber o mundo. “Por essa relação, os meios tornavam-se “extensões do homem” como se fossem prolongamentos do corpo, próteses dos sentidos que condicionam mudanças em nosso comportamento”, afirma Del Bianco.

Tendo como base as ideias apresentadas no tópico anterior pode-se inferir que a internet é um meio de comunicação, mas não um meio de massa, uma vez que tal noção refere-se a uma “distribuição” em larga escala, pelo menos no caso do Brasil.

¹⁵ “Especificamente, um meio é um efeito colateral de uma tecnologia, geralmente invisível, que consiste de todas as alterações psíquicas e sociais que seus usuários e sua sociedade sofrem quando adotam a nova forma. É a “mensagem” enviada pela nova tecnologia, por isso “o meio é a mensagem.” (tradução aproximada.).

O webjornalista trabalha em um meio novo ainda pouco utilizado em larga escala, ao menos se referido à questão brasileira. Nem os próprios profissionais da *web* conhecem plenamente o meio e seus inúmeros recursos, pois diariamente são lançados *softwares*, ferramentas que propiciam novos modos de publicar e ver notícias na internet.

CAPÍTULO 3 – CIBERCULTURA: PRÓS E CONTRAS

O computador em si representa já um instrumento extraordinário de fazer jornalismo, mas um computador ligado à internet será cada vez mais imprescindível na profissão.(FIDALGO, 2007)

3.1 – McLuhan, Lévy, Rüdiger e a cibercultura

Os autores Marshall McLuhan (1964), Pierre Lévy (1999) e Rüdiger (2002; 2003) serão os mais utilizados para explicitar os objetivos desta pesquisa. McLuhan fez carreira na Universidade de Toronto, no Canadá e foi discípulo de Harold Innis. Ao relatar as contribuições de Innis para a área da comunicação, Elias Machado (2002) mostra como Innis afirmava que a continuidade e a extensão de uma civilização estão vinculadas à natureza dos meios de comunicação e o significado de cada meio provém do tipo de monopólio do conhecimento estruturado na sociedade.

As proposições de McLuhan até hoje são motivo de discussão sobre sua validade e novidade. Para diversos autores, dentre eles Enzensberger, citado por Faro (2004, p. 2), as obras mcluhanianas não passam de “marketing acadêmico”, porque ele “mistificou as mídias, isolando-as do universo dos conflitos sociais”. Rüdiger (2003), também crítico das obras de McLuhan, aponta que, no período dos anos 60, existiram muitas obras de caráter publicístico, nas quais a futurologia passou a ser tomada como disciplina respeitada intelectualmente e há o encantamento proporcionado pelas novas tecnologias.

Para outros, como Doria (1999), McLuhan foi um grande visionário que antecipou a chegada da *World Wide Web*. “Somos os filhos de McLuhan” (p. 288). Em contraponto às ideias mcluhanianas dos meios como extensões do corpo humano, Rüdiger (2003) aponta que tal ligação entre homem e máquina é arbitrária, um “fetichismo tecnológico”, e parece uma armadilha “preparada, eficazmente acionada, desde muito tempo, pelo pensamento tecnológico” (p. 41). A junção homem e máquina não pode ser apontada como arbitrária, uma vez que já existem tecnologias que caracterizam bem tal relação, como o desenvolvimento de próteses, até mesmo de chips (nanotecnologia), que podem ser implantadas no corpo humano. Não se trata logicamente de um fenômeno concreto e evidente, uma vez que existem apenas alguns

casos isolados e ainda em desenvolvimento por diversas áreas de estudo. Contudo, não é nosso intuito desmistificar a obra de McLuhan, utilizando proposições maniqueístas. A proposta é utilizar suas argumentações para dar embasamento à análise e verificar possíveis respostas aos objetivos propostos na metodologia, visto que tal discussão seria objeto de uma nova análise.

Dando continuidade ao pensamento de seu professor, McLuhan argumentava que os processos político-culturais estão atrelados à tecnologia dos meios de comunicação. Apesar de diversas vezes este autor estar centrado em um determinismo tecnológico, ou seja, um deslumbramento da técnica, tendo a tecnologia como elemento determinante da estrutura social, McLuhan será primordial nessa análise para verificar se o “sujeito-jornalista” utiliza suas “ferramentas de trabalho” também como uma maneira de inserção social. Tentar-se-á entender também como os meios de comunicação, no caso a *web*, são extensões do homem.

McLuhan (1972, p. 70) elucida que, quando há o surgimento de uma nova tecnologia capaz de prolongar ou estender um ou mais de nossos sentidos, sua ação no mundo social provoca uma nova relação entre todos os nossos sentidos na cultura afetada. Neste ponto, estão inseridos o webjornalista e a sua perspectiva do social, pois, ao modificar o equilíbrio desse relacionamento, modifica-se o lado social desse “sujeito-jornalista”. Os meios que fornecem o trabalho podem ser talvez transformados nos mesmos que possibilitam o lazer. “Até agora cada cultura tem constituído para as sociedades uma fatalidade mecânica: a interiorização automática de suas próprias tecnologias.” (IBID., p.115).

Ainda não se pode afirmar se os profissionais da notícia trouxeram ou não as tecnologias da *web* ao seu convívio social, uma vez que tal apontamento será feito no capítulo referente à análise, mas já se pode falar em um ambiente de sociabilidade virtual moldado por tecnologias como a internet, a telefonia celular e as redes *wireless*¹⁶, que propiciam maior facilidade na elaboração e produção de notícias, além de criarem a possibilidade de um mundo virtual de interação e relacionamento. “A

¹⁶ *Wireless*: tecnologia capaz de unir terminais eletrônicos (geralmente computadores) entre si devido às ondas de rádio ou infravermelho, sem necessidade de utilizar cabos de conexão entre eles. Uma rede de computadores sem fios são redes que utilizam ondas eletromagnéticas ao invés de cabos, tendo sua classificação baseada na sua área de abrangência. As redes são divididas em redes pessoais ou curta distância (WPAN), redes locais (WLAN), redes metropolitanas (WMAN) e redes geograficamente distribuídas ou de longa distância (WWAN). Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Wireless>.

miniaturização e o ganho de poder de processamento propiciam uma forma de desaparecimento do *hardware* em prol da função básica: ampliar o fluxo de informação.” (PRADO, 2002, p. 113).

Pierre Lévy (1999) parece concordar com o aforismo de McLuhan ao dizer que é impossível separar o lado humano do lado material, ou seja, o homem está unido às suas técnicas e tecnologias, que são produtos de uma sociedade ou cultura. O autor argumenta que a técnica é “um ângulo de análise dos sistemas sócio-técnicos globais, um ponto de vista que enfatiza a parte material e artificial dos fenômenos humanos” (IBID., p. 22). Criticado por ser um entusiasta da cibercultura, Lévy fala que este fenômeno expressa o surgimento de um novo universal, diferente das formas culturais que vieram antes da cibercultura, no sentido de que se constrói sobre a indeterminação de um sentido global qualquer. Ele define o ciberespaço como “o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores” e a cibercultura como o “conjunto de técnicas, de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (IBID., p. 17).

O termo ciberespaço foi utilizado pela primeira vez pelo romancista William Gibson no romance de ficção-científica *Neuromancer*, em 1984. Em sua obra, Gibson definia o ciberespaço como um conjunto de redes de computadores através dos quais todas as informações (sob as suas mais diversas formas) circulavam. “O ciberespaço gibsoniano é uma ‘alucinação consensual’.” (LEMOS, 2004, p. 127).

O surgimento da cibercultura está associado ao da microinformática, na metade dos anos 70. De acordo com Lemos, o advento da tecnologia do computador pode ser analisado por três condições históricas: técnicas, sociais e ideológicas. A pesquisa basear-se-á nas duas primeiras, visto que a última condição, a ideológica, não fará parte do nosso objeto de estudo.

Voltando ao estudo da cibercultura, pode-se afirmar que este fenômeno trouxe, através de redes telemáticas, uma sociedade conectada em “tempo real”, trocando informações, dados, vídeos, músicas etc, ampliando o potencial comunicativo social, estando só (fisicamente) sem estar necessariamente isolado.

A cibercultura forma-se, precisamente, da convergência entre o social e o tecnológico, sendo através da inclusão da socialidade na prática diária da tecnologia que ela adquire seus contornos mais nítidos. Não se trata, obviamente, de nenhum determinismo social ou tecnológico, e sim de um processo simbiótico, onde nenhuma das partes determina impiedosamente a outra. (LEMOS, 2004, p.89)

Rüdiger (2002) segue uma linha semelhante à de Lemos ao dizer que a cibercultura é a junção de um momento histórico, uma conexão dialética entre o sujeito humano e suas expressões tecnológicas, “através da qual transformamos o mundo e, assim, nosso próprio modo de ser interior e material em da direção (cibernética)”. Interessante notar que, mesmo sendo crítico em relação às ideias de McLuhan, neste aspecto, Rüdiger se aproxima muito do pensamento daquele ao tocar no ponto de que nossas vidas são alteradas e que, quando nos adaptamos às tecnologias, mudamos nosso próprio modo de ser, conectando nosso cotidiano às máquinas.

De acordo com Machado (2002, p. 83), a ideia de automatização vem de Simondon, pois este foi o primeiro a pensar o acasalamento homem-máquina e a transferência de parte dos procedimentos produtivos à tecnologia. A ideia da ligação homem-máquina reporta-se ao pensamento mcluhaniano e é bem atual. A título de exemplo, pode-se citar o desenvolvimento da microinformática, que levou ao desenvolvimento de *microchips* que podem ser implantados na pele ou mesmo de próteses mecânicas que cada vez mais assemelham-se a partes do corpo humano.

Rüdiger (2002, p.57) argumenta que, a partir do pensamento cibernético, surgiu a convicção de que os humanos poderiam ser transformados em organismos maquinísticos (*ciborgs*), de modo que, por meio dessa simbiose com a tecnologia, houvesse um modo de operação eficiente dos sistemas técnicos. Contudo, afirma o autor, tal pensamento não passa de uma “fantasia delirante” apontada por entusiastas e críticos da cibercultura. (2002, p. 60).

Apesar de argumentar que a tecnologia possibilita não apenas criar uma ordem mais livre e espontânea, mas superar nossas limitações orgânicas e individuais, Rüdiger afirma que esse mesmo indivíduo passa, na cibercultura, por uma ruptura do princípio de identidade. “Através da máquina, começamos a viver situações em que não apenas o referido *eu* tornou-se múltiplo, fluido e aberto, mas, além disso, está havendo uma ruptura do princípio de identidade.” (p. 45).

Rüdiger relata que o sujeito é “uma ficção criada no curso da interação social”. Ele frisa que o indivíduo é composto por uma diversidade de mudanças e a figura do “eu” é construída de dentro para fora, por processos mediados pelas estruturas comunicacionais e que, na *web*, o homem teria a possibilidade de construir sua identidade, onde “na internet, você é o único limite”.

Então, quem seria esse “sujeito-jornalista”? Seria o mesmo sujeito, o mesmo *eu*, definido por Rüdiger como uma “simples unidade de arranjos relacionais firmados na

cibercultura” ou não? Seguindo ainda o pensamento do referido pesquisador, a tecnologia é tida como determinante do processo e da formação da vida social, como “cotidiana e expressiva, consistindo, na maior parte das vezes, na criação de relações sociais lúdicas e presenteísticas”. (RÜDIGER, 2003, p.106).

O ciberespaço é, assim, uma megamáquina civilizacional de conexão generalizada (PRADO, 2002), que por meio de ferramentas como *chats*, *blogs*, discussões *online* entre outras, potencializa as práticas sociais, os contatos entre pessoas que não se conhecem fora da *web*. Contudo, do mesmo modo que ele proporciona contatos virtuais, causa o distanciamento, o afastamento dos contatos pessoais. Thompson (1998) descreve que os indivíduos estão tendo contato com o “conhecimento não local”, pois vivemos num mundo “no qual a capacidade de experimentar se desligou da atividade de encontrar.”

Assim como Thompson (1998), Negroponte (1995, p. 145) mostra que o hipertexto é capaz de retirar barreiras da era denominada por ele de “pós-informação”, onde é possível derrubar as barreiras geográficas. “A vida digital exigirá cada vez menos que você esteja num determinado lugar em determinada hora, e a transmissão do próprio lugar vai começar a se tornar realidade.” Essa não territorialidade, o “glocal”¹⁷ proporcionado pela *web* facilita o trabalho do sujeito-jornalista, pois, para descrever um fato, não é preciso deslocar-se para entrevistar uma fonte ou para apurar as informações; há a possibilidade de pesquisa em *sites* de busca, as perguntas podem ser feitas por *e-mail*, via *chat* ou por telefone. “Se, em vez de ir trabalhar levando meus átomos para o centro da cidade, eu acessar meu escritório e fizer meu serviço por via eletrônica, qual será meu local de trabalho?”, afirma Negroponte (1995, p.145).

As tecnologias móveis como celulares, câmera, *notebooks*, conectadas a redes sem fio (*wireless*) caracterizam essa falta de necessidade de estar presente no local de trabalho, uma vez que é possível a criação de conteúdo digital jornalístico a partir desses dispositivos. Em artigo publicado no 5º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBOJor), Fernando Firmino Silva (2007) aponta que as tecnologias móveis agregam e potencializam novas funções, resultando numa convergência multimídia (áudio, vídeo, som).

¹⁷ “Através da mídia e das novas tecnologias podem ser criados novos sentidos de comunidade: uma comunidade “sem lugar” ou, como propõe Meyerowitz, uma comunidade que independe do local.” (In PENA, 2005).

A partir das tecnologias móveis, Silva elucida o conceito de “Mojo”¹⁸, diminutivo para *mobile journalist*, ou jornalista móvel. São duas as vertentes mostradas por ele para a produção jornalística realizada com o auxílio dos dispositivos móveis: uma desenvolvida pelos grandes veículos de comunicação, que adotam a tecnologia para propiciar maior celeridade ao trabalho de suas equipes, desde a coleta até a publicação da informação, e outra realizada por amadores, que fazem uso das tecnologias móveis para criarem conteúdo com teor jornalístico por meio dos *moblog*¹⁹, por exemplo, o chamado “jornalismo participativo” ou “jornalismo cidadão”.

O exemplo citado por Negroponte de um local físico de trabalho diferente da empresa, um ambiente móvel de produção, seria melhor aplicado aos jornalistas *freelancers*²⁰, ou seja, realizadores de trabalho eventuais. Estes profissionais poderiam enviar suas matérias para o editor de suas residências. Os webjornalistas não eventuais não possuem tal “facilidade”, pois todo o labor é realizado dentro das redações sobre a pressão do tempo, do editor e do concorrente. Mesmo tendo a facilidade de poder realizar suas tarefas de casa, o *freelancer* (ou “frila”), como relata Jorge (2008) não consegue manter-se financeiramente, porque, além de demorar para conseguir algum trabalho, demora para receber; como não possui nenhum vínculo empregatício, é sempre deixado para o “final da fila”.

A identidade dos webjornalistas ainda encontra-se em construção, pelo menos é o que podemos inferir no aspecto profissional, uma vez que esses profissionais começam a perder a imagem de meros reprodutores das notícias de veículos impressos, de realizar uma cópia dos *flashes* de outros *sites*, ou seja, “chupar”²¹ as notícias. Agora na terceira fase do *webjornalismo* (ou quarta, como apontam alguns estudiosos), aspecto que será detalhado em capítulo posterior, os jornalistas *online* são vistos como produtores de conteúdo, sobretudo conteúdo multimídia, auxiliados pelos mais diversos dispositivos tecnológicos.

¹⁸ O jornalista móvel é conhecido pela denominação de “Mojos”, redução para a palavra em inglês *mobile journalists* e define a nova modalidade de prática jornalista. (Silva, 2007).

¹⁹ Moblog é um blog que é atualizado por meio de equipamentos móveis como celular, PDAS e smartphone. (Silva, 2007).

²⁰ O uso de *freelancers* na imprensa de acordo com Neveu (2006, p. 47) representa um desenvolvimento de precariedade e a emergência de um “verdadeiro exército de reserva, freqüentemente composto por jovens, oscilando entre demissões e inserções ligeiras nas redações”.

²¹ Chupar: aproveitar informações já publicadas, reproduzindo-as em nova matéria. (JORGE, 2008, p. 221).

Mas qual a situação desse mesmo sujeito-jornalista e de suas relações externas, pessoais, uma vez que ele se encontra cada vez mais arraigado às atividades redacionais, onde o trabalho jornalístico tende a extrapolar o limite das paredes da redação?

3.2 – Considerações

A cibercultura é um universo de interconexões que permeia a técnica e o social, e constitui-se em um aspecto emergente na Era da Informação, auxiliada pelo uso de computadores conectados a uma rede mundial. A mesma cibercultura que proporciona a interligação de máquinas e de pessoas que se encontram no ambiente virtual propicia a diminuição dos contatos pessoais. Para que se deslocar até a mesa do colega de trabalho sentado ao lado para lhe fazer uma pergunta quando se pode enviar um *e-mail*?

Para o “sujeito-jornalista”, não há mais necessidade de ir às ruas em busca de novos fatos, de novas versões dos acontecimentos com seu “faro jornalístico”, pois basta que ele digite o nome de uma fonte, por exemplo, no campo de *sites* de busca, e pronto, lá está o novo entrevistado. O trabalho é ainda mais prático quando se recebe um *release*²² com todas as informações vindas de uma assessoria de forma detalhada, que podem ser publicadas praticamente da mesma maneira como chegaram à redação. Quando o contato é mais “próximo”, é realizado por telefone, mas quando não é possível, acontecem até mesmo entrevistas via *e-mail*. “Se o físico e o virtual forem mutuamente influenciáveis, podemos estar perante uma nova noção de espaço, que será o campo fértil para a emergência de novas formas de sociabilização, de modos de vida e de organização social.” (CARDOSO, 1998, p.3).

O ciberespaço oferece a comunicação mediada por computador, a interação social, onde o indivíduo pode transformar-se em um novo *eu*, construindo sua identidade, criando um novo espaço e tempo de interação. Contudo, na internet, os usuários não buscam apenas informação, são também seres sociais, “também buscam pertença, apoio e informação, são também atores sociais”. (IBID, p.25).

Mário José Lopes Guimarães Júnior (1997), em artigo publicado na II Reunión de Antropología del Mercosur, relata que o ciberespaço potencializa a capacidade de

²² Release (ou *press release* ou *rilise*) é material de divulgação de caráter jornalístico elaborado por agências ou assessorias de comunicação, com intuito de divulgar/promover evento, produto, personalidade ou instituição. “Os releases podem ser utilizados como pauta para reportagens; o ideal é que não sejam publicados na íntegra, mas sofram rigorosa checagem.” (JORGE, 2008, p. 229).

relacionamentos simultâneos, pois na *web* um internauta pode abrir várias janelas ao mesmo tempo e conversar com muitas pessoas ou grupos simultaneamente. Do ponto de vista qualitativo, ele destaca as peculiaridades das relações virtuais. “Os diálogos estabelecidos na Internet distinguem-se pelo fato da figura do ‘outro’ com quem se dialoga não estar presente, resultando que, em casos de competição, sempre se é vencedor [...]”

O “sujeito-jornalista” do *webjornalismo*, também ser social, utiliza a rede como meio de pesquisa, fonte, lazer, trabalho. Esse sujeito, que exerce como atividade laboral a produção de notícias *online*, que navega no ciberespaço entre o virtual e o real, pode ter, como elucidava McLuhan, os meios de comunicação como extensões do corpo humano. Esse prolongamento não ocorre no sentido de um filme de ficção científica, em que haveriam partes robóticas semelhantes ao corpo. Tais extensões seriam instrumentos facilitadores das funções laborais e não substitutos do aspecto humano. Computadores, celulares, *smartphones*, máquinas fotográficas digitais, mp3 *players*, gravadores são exemplos de aparelhos tecnológicos que seriam prolongamentos do sistema nervoso central, da memória, dos olhos, da voz, enfim, auxiliares tanto no lazer como no trabalho do *webjornalista*.

Não é possível inferir com certeza o quão atrelado este profissional está a essas tecnologias, pois tal análise será feita em capítulo propício a essa discussão.

CAPÍTULO 4 – WEBJORNALISMO – CONCEITUAÇÕES E ANÁLISES

O computador em si representa já um instrumento extraordinário de fazer jornalismo, mas um computador ligado à internet será cada vez mais imprescindível na profissão.
(FILDALGO, 2007)

4.1 – Pequeno panorama da história da internet no Brasil

Com o advento da *World Wide Web*, em meados da década de 90, os usuários passaram a trocar e compartilhar um volume maior de informações – textos e imagens – disponíveis em diversos *sites*. De acordo com Pinho (2003, p.31), o Brasil passou a conectar-se com a rede mundial de computadores em 1990, ano em que foi encerrada a Arpanet.

Nos anos 90, no Brasil, a Rede Nacional de Pesquisa (RNP)²³ começou a montagem da primeira fase da sua espinha dorsal (*backbone*), ao mesmo tempo em que divulgava os serviços da internet para a comunidade acadêmica. Em 1995, teve início a abertura da internet comercial no Brasil. No mesmo ano, os Ministérios das Comunicações e da Ciência e Tecnologia promulgaram a portaria que instituiu o Comitê Gestor da Internet no Brasil. Este comitê visava assegurar a qualidade e a eficiência dos serviços ofertados, a justa e livre competição entre provedores e a manutenção de padrões de conduta de usuários e provedores. (PINHO, 2003).

Com a resolução nº 002, de 15 de abril de 1998, o Comitê Gestor da Internet no Brasil transferiu suas atribuições de coordenação e atribuição de endereços *Internet Protocol* (IP) à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), que passou a cobrar taxas de registro e de manutenção de domínios, com a intenção de utilizá-las para o desenvolvimento da internet no país.

²³ A Rede Nacional de Pesquisa (RNP) foi desenvolvida por um grupo formado pelo Ministério do Desenvolvimento e Tecnologia – com representantes do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (Fapergs) – para integrar esforços isolados e coordenar uma iniciativa nacional em redes de âmbito acadêmico. (PINHO, 2003, p.30).

Segundo estudo de Adghirni (2002, p. 4), o “tempo real” na imprensa brasileira teve como origem a instabilidade econômica do país, momento em que era necessário saber rapidamente tudo o que se passava na área financeira para evitar ou limitar as perdas tanto para o setor privado como para as contas do governo.

Nesta época, há mais ou menos dez anos, eram as agências exclusivas para assinantes, especializadas em notícias econômicas, que davam as cartas. É o caso da agência Broadcast, do Grupo O Estado de S. Paulo, que começou a funcionar em 1991 e que ainda hoje ocupa posição de liderança no mercado de assinaturas de informação em tempo real. (ADGHIRNI, 2002, p. 5)

A Internet passa a ser empregada para atender a finalidades jornalísticas, de forma expressiva, a partir de sua utilização comercial, que se dá com o desenvolvimento da *Web* no início dos anos 90. Aos poucos, a versão *online* do jornal deslocou-se do modelo de papel para se tornar uma mídia independente com equipes próprias e autônomas. O primeiro jornal brasileiro a colocar em rede sua versão *online* foi o *Jornal do Brasil* (<http://www.jb.com.br>), em 28 de maio de 1995. No mesmo ano, foram lançados os *sites* do jornal *O Globo* e da Agência Estado, do grupo Estado (detentor dos jornais *O Estado de São Paulo* e *Jornal da Tarde*). A ele seguem-se: *Folha de S. Paulo*, *O Globo*, *Estado de Minas*, *Zero Hora*, *Diário de Pernambuco* e *Diário do Nordeste* (JORGE, 2004).

Segundo Manta (1997, p. 3), nessa época, os *sites* eram bastante simples em termos de *design* e exploravam muito pouco os recursos de hipertexto, interatividade e multimídia²⁴, limitando-se basicamente a transpor o conteúdo da edição impressa para a versão eletrônica.

Na medida em que a internet representa um mercado em evolução devido ao crescimento exponencial da rede mundial, os grandes grupos editoriais e de comunicação brasileiros também marcam sua presença no mundo virtual, estes também interessados no elevado potencial de futura geração de receitas propiciadas pelo usuário da internet, ávido fundamentalmente por conteúdo e informação. (PINHO, 2003, 115).

Puccini (2006) relata que em 1996 o Universo *Online* (UOL) lançou o *Brasil Online* – primeiro jornal em tempo real em língua portuguesa na América Latina – com

²⁴ Os conceitos de hipertexto e multimídia são os utilizados pela jornalista Ferrari (2003, p.42). Hipertexto é um texto eletrônico que fornece acesso instantâneo por meio de elos associativos (os chamados *links*), a outro hipertexto, fazendo com que o leitor navegue entre documentos interligados. Multimídia é a tecnologia que engloba texto, som, imagem e elementos gráficos. O conceito de interatividade segue a definição de Pinho (2003, p. 244), tida como o processo pelo qual os usuários interagem com o conteúdo, envolvendo, por exemplo, usuários jogando um *game* da internet, competindo com jogadores espalhados em todo o mundo.

informações de agências de notícias e de redações. Com isso, surgiram diversos *sites* voltados às notícias, explorando recursos de instantaneidade da rede, como o caso do provedor de acesso Internet Grátis (IG), que em 2000 lançou o *Último Segundo*.

Adghirni destaca que somente no final dos anos 90 os jornais brasileiros passaram a desenvolver *sites* diferenciados, com equipes exclusivas e links para outros *sites*, áudio, vídeos, animações e outros elementos multimídia. Tais mudanças fizeram com que os leitores também pudessem acessar bancos de dados, arquivos eletrônicos de edições passadas, fóruns de discussões e sistema de bate-papo em tempo real, mecanismos de busca em classificados *online*, notícias atualizadas a todo instante e uma série de outros serviços.

Como explica Ferrari (2003, p. 27), empresas como as Organizações Globo, o grupo Estado, o grupo Folha (do jornal *Folha de S. Paulo*) e a Editora Abril mantêm-se como os maiores conglomerados de mídia do país, tanto em audiência quanto em receita de publicidade. Foram esses veículos que deram os passos iniciais da internet no Brasil. Outros portais que também merecem destaque são o IG (Internet Grátis) e o Terra. Lançado em janeiro de 2000, o IG foi a primeira empresa a oferecer acesso grátis no Brasil. Ferrari (ibidem, p.29) afirma que o surgimento de portais gratuitos, aliado à expansão da rede de telefonia fixa, fez com que o número de internautas crescesse muito no Brasil.

O Terra, antigo ZAZ, começou no grupo Rede Brasil Sul (RBS). O ZAZ desapareceu quando a empresa viu a necessidade de aprimorar o acesso à internet e quis se tornar a melhor em provimento de linhas. Assim, o ZAZ foi vendido ao grupo espanhol Telefónica, criando-se o Terra, fazendo com que o portal evoluísse em matéria de produção própria de conteúdo.

Do final do ano de 1997 até o final de 2000, os grandes *sites* de conteúdo brasileiros, assim como os estadunidenses, tiveram como foco a grande oferta de conteúdo, voltado mais ao volume de notícias do que ao aprofundamento da matéria.

[...] Embora o lapso de tempo entre o lançamento comercial do jornalismo digital entre Estados Unidos e Brasil, por exemplo, seja pequeno, o que distancia um do outro seja o investimento prévio feito em pesquisa para inovação, condicionando o empresariado brasileiro do campo jornalístico a uma espécie de mimetismo das experiências norte-americanas. (MACHADO, 2002, p. 4).

4.2 – A notícias na web

A busca por fatos que gerem notícias é uma constante no trabalho de qualquer jornalista, independentemente do veículo no qual exerça a profissão, seja televisão, rádio, jornal, revista etc. O jornalismo é entendido como “uma atividade intelectual de produção de conhecimento, cujo objetivo é fornecer informações atualizadas à sociedade, sob a forma de notícias”. (JORGE, 2007).

Tuchman (1983) relata que o processo de produção das notícias segue um planejamento semelhante a uma rotina industrial, em que existem procedimentos e limites organizacionais. Embora o jornalista participe do processo produtivo das notícias, que, por sua vez, participam na formação da realidade, os profissionais da imprensa devem submeter-se às rotinas produtivas.

No Brasil, o padrão de jornalismo seguido é o anglo-americano, que surgiu no século XIX, centrado em cinco pontos (NEVEU, 2001): a importância da coleta de informações; a predominância do discurso da objetividade; a resposta às necessidades práticas e cotidianas; o *status* da imprensa como atividade industrial e a lógica empresarial contribuidora para a profissionalização forçada. Em relação ao último aspecto, há no Brasil a exigência de nível superior, bacharelado, como requisito para o exercício da profissão desde 1969. “O trabalho do jornalista consiste assim em se dotar de rotinas, de automatismos de classificação, de um senso prático proveniente da experiência que lhe permitam hierarquizar rapidamente o caos da informação.” (p. 91).

Como destaca Medina (1988), a informação jornalística se alicerça na sociedade urbana e industrial por meio das variáveis do tempo e do espaço. A autora relata que, ao vencer as principais limitações humanas, ou seja, tempo e espaço, há de se atribuir a vitória aos recursos tecnológicos.

“[...] os próprios avanços tecnológicos fazem parte das necessidades da industrialização, ou que reforça a informação, no caso, jornalística, como decorrência normal do sistema econômico que está na base. Há então a considerar a informação como outro produto, mais um, desse sistema.” (p.16)

Wolton (2003) destaca que não apenas a imprensa tem o caráter de produto à venda, de comércio, como demonstrado por Medina, mas toda a comunicação, que, por meio da instrumentalização das técnicas, mudou o seu estatuto, introduzindo-a na era do capital e do lucro.

Del Bianco (2004) aponta que as tecnologias da informação reestruturaram a organização jornalística e suas rotinas de trabalho. Ela mostra que a tecnologia não determina a práxis social, pois o sentido da tecnologia reside nas intenções dos usuários que as trocam e formulam.

A produção de notícias para a internet é constante, uma vez que a atualização é uma tarefa cíclica, com períodos constantes. Esse excesso de informação, acarretado graças à concorrência e à velocidade do meio, faz com que o jornalista tenha pouco tempo para desenvolver suas matérias e, principalmente, para apurá-las, como afirma Moretzsohn (2002), destacando que o ritmo veloz das redações *online* faz com que o repórter divulgue informações sobre as quais não possui certeza, a capacidade de reflexão no processo de produção da notícia torna-se reduzida. “O profissional de jornalismo tem que juntar a pressa à perfeição, sempre no intuito de cativar leitores e garantir-lhes o direito a informar-se.”(JORGE, 2008)

Essa corrida contra o tempo traz consigo o conflito entre qualidade e primazia da notícia, fato que acarreta uma apuração precária, algumas vezes inexistente, ou, como chamado por alguns autores, em um “empacotamento”²⁵ das notícias *online*. Contudo, o empacotamento refere-se à primeira fase (ou geração) do *webjornalismo*, uma vez que a produção de notícias *online* encontra-se em um estágio mais avançado, não ficando restrita apenas à mera reprodução dos veículos impressos.

Kucinski (2004) afirma que, no jornalismo *online*, os atributos da notícia como precisão, contextualização e interpretação são “sacrificados” em nome da velocidade. Ele mostra ainda que a fragmentação do conteúdo, uma característica do processo de produção da informação, é levada ao extremo na *web*.

O sistema informacional começa a considerar, pouco a pouco, que há valores importantes (instantaneidade, massificação) e valores menos importantes, isto é, menos rentáveis (os critérios da verdade). A informação tornou-se uma mercadoria. Ela tem cada vez menos uma função cívica.” (RAMONET, 2001, 74).

Ramonet declara que as novas tecnologias favoreceram o desaparecimento da especificidade do jornalismo. “[...] a Internet permite a qualquer pessoa não só ser efetivamente, à sua maneira, jornalista, mas até encontrar-se à frente de uma mídia de alcance planetário.” (RAMONET, 2001, p. 56).

²⁵ O “empacotamento” de notícias é aqui analisado de acordo com a visão de autores como Ferrari e Caldas, que definem o termo como sendo uma transposição do conteúdo de veículos impressos (jornais ou revistas) para o meio *online*.

[...] não existe na teia da informação a definição exata de emissor-receptor. São papéis dinâmicos, temporários. Essa revolucionária anarquia no processo das mídias esvazia em parte o outrora absoluto poder da palavra dos detentores do meio, dos famosos ‘donos do poder’. [...] No ciberespaço, existe liberdade para quem quiser expor a sua mensagem, seja ela qual for. (CALDAS, 2002, p. 173)

A credibilidade da imprensa decaiu nos últimos anos devido a casos relacionados à falta de ética de alguns jornalistas. Os autores Kovach e Rosenstiel asseguram que o público está desconfiando cada vez mais dos jornalistas, chegando até mesmo a odiá-los. Dominique Wolton (2004, p.299) declara que, nos últimos trinta anos, o fosso entre a representação que os jornalistas têm de si mesmos e a confiança que o público deposita neles tem crescido lentamente. Wolton ainda diz que a falta de credibilidade é um problema de mão dupla, pois, por um lado, a perda de confiança do público reduziria a legitimidade dos jornalistas, e, portanto, seu papel de contrapoder, e por outro, a ilusão de que, graças às novas tecnologias, poder-se-ia reduzir o papel dos jornalistas.

Essa falta de credibilidade deve-se principalmente à veracidade das informações publicadas. A apuração da informação no meio *online* é constantemente afetada e a consequência é a publicação, muitas vezes, de inverdades. Kovach e Rosenstiel declaram que a essência do jornalismo deve basear-se na disciplina da verificação, pois é esse fator que diferencia jornalismo do entretenimento: “[...] a função do jornalismo não mudou na era digital. As técnicas talvez sejam diferentes, mas os princípios básicos são os mesmos. O jornalista em primeiro lugar está envolvido na verificação.” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p.22)

A chegada do “tempo real” agravou o problema, uma vez que a apuração das informações tornou-se precária ou mesmo inexistente. Contudo, a internet, ao mesmo tempo em que acelera o processo da produção da notícia, também auxilia na mesma, por meio de sua vasta lista de fontes e sítios de busca. Traquina (2001) mostra que o eixo central do campo jornalístico é o fator tempo. O autor chega a denominar as empresas jornalísticas como “máquinas do tempo”, onde os jornalistas trabalham com uma “cronamentalidade” e o conceito de tempo utilizado por esses profissionais no curso da produção são importantes na sua cultura profissional.

4.3 – Fases (ou gerações) do jornalismo na internet

Kunczik (2001, p.241) aponta três fases históricas nas investigações em torno da seleção de notícias:

- 1) estudos individualistas (decisões do seletor ligadas a certas características da personalidade e a traços psicológicos individuais);
- 2) estudos institucionais (análise dos fenômenos de seleção de notícias dentro do contexto das organizações);
- 3) “estudos cibernéticos” (análise da importância dos meios da comunicação de massa para a estabilidade de todo o sistema).

Kunczik argumenta que os estudos referentes ao contexto das organizações são mais relevantes, pois o ambiente organizacional pesa muito mais na seleção das matérias do que as disposições individuais. Ele descreve que um dos principais fatores no processo de seleção não é a avaliação de notícias, mas a compulsão para produzir um jornal, onde a pressão do tempo e a falta de espaço são mecanismos decisivos, que em determinados momentos podem vir a ser critérios mais importantes do que o conteúdo.

Já o pesquisador John Pavlick (2001), da Universidade de Columbia, aponta três fases (ou estágios) para o jornalismo na internet, de acordo com a produção de conteúdos: 1) a reprodução da versão impressa para a internet com início em 1982; 2) a transposição já com alguns recursos de mídia²⁶ em 1992; 3) o processo de desenvolvimento de conteúdo voltado à *web* em 2001 até os dias atuais.

Na primeira fase, a *transpositiva*, havia apenas uma cópia da versão impressa para a *online*, não existia a utilização de recursos multimídia e as matérias eram atualizadas a cada 24 horas, de acordo com o fechamento do impresso. Havia apenas a reprodução dos conteúdos e design do impresso, aproveitando dados armazenados nos computadores da redação tradicional (QUADROS, 2002).

Serão apontadas aqui algumas características da primeira geração do jornalismo na *web* e suas consequências para o trabalho desse profissional:

Todas essas novas tecnologias estão em vias de transformar e de degradar as condições de trabalho dos jornalistas. Os jornalistas trabalham demais [...] Assim um repórter pode agora escrever um

²⁶ Como recursos de mídia estão incluídos vídeo, texto, áudio, fotografias, infográficos etc.

artigo para a edição da noite, aparecer na tela para tratar do mesmo fato na televisão e recheiar a informação com especialistas da internet sugerindo-lhes vínculos com outros *sites* ou eventos. Essas práticas mantêm os custos baixos e aumentam a renda da produção. Mas elas absorvem grande parte do tempo que os jornalistas consagravam às suas pesquisas. (RAMONET, 2001, p.136).

Na segunda fase, a da *metáfora*, os jornais ainda têm como base suas versões impressas, tanto em questão de layout como de conteúdo, porém alguns produtos passam a ser direcionados para a veiculação na *web*. Nesta etapa, há a crescente utilização do *e-mail*. Negroponte (1995) destaca que o correio eletrônico começava a tornar-se um instrumento de trabalho muito eficaz para os repórteres.

Entrevistas por *e-mail*, além de menos enxeridas, permitem uma maior reflexão por parte do entrevistado. Estou convencido de que entrevistas assim vão se tornar um excelente meio e uma ferramenta padrão do jornalismo mundial – basta que os repórteres sejam capazes de aprender alguns fundamentos de decoro digital. (p. 166).

Na terceira fase, chamada por Pavlick de *jornalismo contextualizado* e por Mielniczuk (2004) de *webjornalismo* de terceira geração, As práticas jornalísticas exploram as potencialidades da internet por meio de produtos exclusivos. Há a utilização de *links*, vídeos, áudio, *podcasts*²⁷, *blogs* etc. Barbosa (2007a) ressalta que não se pode precisar com certeza a duração de cada fase, pois diversos *websites* jornalísticos ainda operam de acordo com o modelo da segunda etapa e a terceira ainda se encontra em desenvolvimento.

Suzana Barbosa (2007b) descreve um modelo de jornalismo digital em base de dados como uma etapa de transição entre a terceira geração e uma quarta fase do jornalismo digital. Ela tem como base as ideias de Fidalgo (2003), que diz que o jornalismo *online* recorrerá necessariamente à tecnologia das bases de dados, assim exemplificada por ele:

“[...]E aqui há que não confundir de modo algum hipertexto com bases de dados. O que simplifica os jornais *online* são as relações hipertextuais que permitem consultas rápidas e cômodas de matérias associadas com a notícia em causa. Porém aqui as relações ou links estão previamente estabelecidos, são estáticos. Numa base de dados, ao contrário, apenas se cria o tipo de relação deixando em aberto quais os correlatos dessas relações. No hipertexto temos ligações de página a página, na base de dados temos relações de campos, podendo cada campo comportar um número aberto de páginas.” (FIDALGO, 2003, p.3).

²⁷ “Podcast significa uma junção das palavras broadcast e Ipod e resulta na possibilidade de disponibilização de programas de áudio que podem ser ouvidos no computador em tempo real ou baixado para um tocador de MP3 possibilitando mobilidade na emissão do arquivo.” (SILVA, 2007).

Schwingel (2005) relata a emergência de um jornalismo de quarta geração, o qual aliará a utilização de banco de dados a ferramentas automatizadas e diferenciadas para apuração, edição e veiculação com o fim de formular produtos jornalísticos.

4.4 – Mudanças nas redações

O jornalismo, como qualquer outra profissão, é feito por meio de técnicas, com o intuito de tornar mais rápida e eficaz a execução de qualquer tarefa. Baldessar (2001), em trabalho apresentado no XXIV Intercom, afirmou que a adoção de novos instrumentos de trabalho e as formas de utilizá-los metamorfoseou o cotidiano dos jornalistas sem, no entanto, mudá-lo radicalmente. Recebido primeiro com medo, depois cedeu lugar ao encantamento, “o computador facilita a execução das tarefas e, inegavelmente, melhora o ambiente de trabalho. Para obter maior desempenho das máquinas e garantir a produção, a redação é climatizada”.

Com o jornalismo *online*, não só a produção da notícia foi alterada mas também o modo de o leitor, ou usuário, recebê-la, exigindo novas notícias de acordo com o ritmo do “tempo real” e obtendo, às vezes, textos com pouca ou nenhuma apuração. Wolton (2003) afirma que a *web* leva a crer na urgência de satisfazer as necessidades de informação do público – todos precisam estar informados a qualquer momento; porém, no conjunto, a oferta supera em muito a demanda.

Gradim (2007)²⁸ aponta que a internet alterou o trabalho dos jornalistas como fonte de informação, tema de informação, meio de publicação e difusão, e como fórum de notícias. Entretanto, ela destaca que os deveres e tarefas do jornalista não foram alteradas.

“Os deveres e tarefas dos profissionais mantêm-se – porque falamos de um ideal, e de princípios reguladores – e se o modo de apresentar as notícias mudou muitíssimo desde o tempo do nariz de cera, e se cada novo *medium* (rádio, tv...) e cada novo avanço tecnológico (do despacho trazido por barco às comunicações por satélite), induziu verdadeiras revoluções nos gêneros e na forma, as tarefas e deveres, repito, parecem-me permanecer as mesmas.” (GRADIM, 2007, p. 82)

²⁸ **Webjornalismo e a profissão de jornalista:** alguns equívocos sobre a dissolução do quarto poder. (In BARBOSA, 2007).

Quadros (2002) destaca que tanto o jornalista de veículos impressos quanto o de veículos *online* trabalham com públicos específicos, porém a diferença é que, “no computador, o profissional busca uma fórmula para ser global e despertar o interesse de leitores de diversas partes do mundo.” (p. 11). As modificações na rotina de trabalho também são relatadas por Quadros ao dizer que, além de ter sido obrigado a utilizar novas ferramentas e a desenvolver a linguagem e conceitos apropriados para a arquitetura *web*, o jornalista passou a enfrentar desafios com relação a uma carga de trabalho ainda mais desgastante que a do profissional que atuava no diário impresso.

Além do modo de recepção da notícia pelo leitor, a velocidade da notícia *online* transformou o jornalista em um “sabe-tudo”, indo de política, economia, cultura e esportes à moda. Exige-se que ele saiba escrever qualquer tipo de matéria sobre qualquer assunto a qualquer tempo. Marcondes Filho (2000), em *A Saga dos Cães Perdidos*, afirma que o jornalista está se transformando em um fornecedor de conteúdo, ao invés de ser um especialista, tornou-se um generalista. Ele relata que, com tecnologias como a *web*, não são mais necessários os especialistas ou, pelo menos, “grandes especialistas”, pois a imprensa se satisfaz com um prestador de serviços jornalísticos; o comentário, a análise e a interpretação passam a ser funções tiradas de outras fontes, como cientistas, professores, ou seja, são externas ao jornalismo. O francês Pierre Lévy (1999, p. 188) mostra-se mais radical e questiona que talvez esse profissional não venha a ser mais necessário:

[...] Se cada pessoa pode emitir mensagens para várias outras, participar de fóruns de debates entre especialistas e filtrar o dilúvio informacional de acordo com seus próprios critérios (o que começa a tornar-se tecnicamente possível), seria ainda necessário, para se manter atualizado, recorrer a esses especialistas da redução ao menor denominador comum que são os jornalistas clássicos?

A afirmação de Lévy não tem força, uma vez que, com o advento das novas tecnologias, tornou-se primordial o filtro, a triagem realizada por esses profissionais. Marcos Palácios (2003) destaca que a afirmação de Lévy é uma simplificação absolutamente descabida. Em outro artigo, Palácios (2001) elucida ainda que

[...] a Internet é um excelente suporte para a oferta e estocagem de informação, mas a disponibilização de crescentes massas de informação requer, cada vez mais, profissionais encarregados da filtragem, triagem, validação dessas informações [...]

Diversos autores como Kovach e Rosenstiel (2004), Marcondes Filho (2000), Pierre Lévy (1999) e Kucinski (2004) afirmam que a chegada da internet nas redações

ocasionou diversas modificações, desde o processamento da notícia até a publicação nos *sites* ou nos portais, assim como nas rotinas de trabalho dos jornalistas, incluindo a organização do trabalho, os processos produtivos e os códigos particulares (as normas de redação).

4.5 – Apontamentos sobre o jornalismo na *web*

O advento das novas tecnologias da comunicação facilitou o trabalho dos jornalistas, mas estas também podem fazer com que qualquer cidadão diga que está “fazendo jornalismo”, como afirmam autores como Kovach (2003), Ramonet (2001) e Caldas (2002), graças aos *blogs* que surgem diariamente na rede. Kovach diz que as novas ferramentas tecnológicas criaram possibilidade para que, virtualmente, qualquer um possa competir com a grande imprensa e fazer o trabalho de jornalista, o de guardião. Ele afirma ainda que informação e comunicação tendem a confundir-se. Muitos jornalistas continuam achando que sua profissão é a única que produz informação, quando todas as instituições e organizações da sociedade põem-se freneticamente a fazer a mesma coisa. Kovach (2004) aponta que qualquer um pode dizer ser jornalista, mas não necessariamente o será, pois o que difere o “fazer jornalismo” do “ser jornalista” é a apuração, o compromisso da verdade com o público.

O novo jornalista, segundo Kovach (2004), não decide mais o que o público deve saber, somente ajuda o público a pôr ordem nas coisas. Ele diz ainda que a função do jornalismo não mudou na era digital; as técnicas talvez sejam diferentes, mas os princípios básicos são os mesmos. Ramonet (2001) assegura que a função de jornalista desapareceu, pois, segundo ele, em teoria, a relação informacional era esquematicamente representada de forma triangular, constituída de três pólos distintos: o evento, o jornalista e o cidadão. Atualmente o triângulo transformou-se em um eixo, no qual de um lado está o acontecimento e do outro o cidadão, pois agora os meios de comunicação são capazes de colocá-lo em contato direto com o acontecimento.

Numa era em que qualquer pessoa pode virar repórter ou comentarista na Internet, temos um jornalismo de duas mãos. [...] O jornalista se converte em uma espécie de moderador de discussões [...] O público se converte não em consumidores, mas em “promidores”, um híbrido de produtor e consumidor. (KOVACH, 2004, p. 41).

Wolton (2003) destaca que cabe ao jornalista lembrar que, quanto maior a quantidade de informação, mais a noção de ponto de vista é determinante, pois o público quer compreender, e especialmente entender, a notícia dentro de seu contexto. Esse fato deveria revalorizar o papel do jornalista. Quanto mais informações, mais relações complementares entre informação e saber são necessárias.

Os jornalistas têm como um de seus papéis fundamentais a mediação das discussões públicas. Kovach (2004) chama o jornalista de “moderador de discussões”, Wolton (2003) de “mediador generalista entre o espetáculo do mundo e o grande público” e Heloíza Herscovitz (2003, p.12) de “mediador social entre a realidade objetiva e o público”. No entanto, todos têm a opinião comum de que a figura tradicional do jornalista está sendo “dispensada”. Herscovitz, por exemplo, relata que “o leitor, metamorfoseado em usuário, eliminará a figura tradicional do jornalista/editor, encarregando-se da seleção, hierarquização e contextualização do que é notícia”. (IBID., p. 12). Entretanto, ela ressalta que a imprensa pode não ter êxito em dizer o que as pessoas devem pensar, mas tem grande êxito em dizer aos leitores sobre o que pensar, o que ressalta a função da imprensa como *agenda-setting*.

Caldas (2002) acredita que os jornalistas não irão desaparecer, mas para isso terão de transformar-se em repórteres multimídia, capazes de prover ao mesmo tempo diferentes meios, como jornal, internet, TV e rádio. Kucinski (2004) mostra também que esses profissionais não vão desaparecer, mas as grandes redações sim, pois, com a facilidade tecnológica, os jornalistas poderão trabalhar em suas casas e qualquer um poderá produzir seu jornal, seu boletim ou sua revista.

Wolton (2003) afirma que são poucos os pesquisadores capazes que ousam criticar as novas tecnologias para averiguar, por exemplo, se elas realmente significam progresso. Ele mostra que o fascínio exercido por elas ocorre devido às dimensões psicológicas, ao movimento de individualização de nossa sociedade, onde as novas tecnologias simbolizam a liberdade e a capacidade de dominar o tempo e o espaço. Essa atração dá-se devido a três fatores: autonomia, domínio e velocidade. “Cada um pode agir, sem intermediário, quando bem quiser, sem filtro, nem hierarquia e, ainda mais, em tempo real.” (WOLTON, 2003, p. 85)

Ramonet (2000, p.15) afirma que a internet “enlouqueceu” a imprensa escrita, pois, para entrar na corrida contra o “tempo real”, esta cercou-se por todos os lados dos furos de reportagem (*scoops*), com o único objetivo de não se deixar distanciar pela internet. O autor ainda destaca que a mídia está sujeita a uma concorrência cada vez

mais feroz, graças às pressões comerciais, uma vez que os dirigentes das empresas de mídia são do universo empresarial e não do jornalístico e, devido a isso, são menos sensíveis à veracidade da informação: “Aos olhos deles, o *news business*, o mercado de informação, é antes de tudo um meio de gerar lucros”. A afirmação de Ramonet acerca dos jornais impressos talvez esteja um pouco defasada, já que sua obra foi publicada logo no início do *boom* da internet comercial, em meados de 1997. Naquele período, houve um grande receio com relação à internet; contudo, atualmente, praticamente todos os grandes jornais possuem suas versões *online*.

É inegável que o chamado “tempo real” trouxe modificações consideráveis dentro das redações. Os jornalistas tiveram de se adaptar à velocidade desse novo meio. O tempo de produção da pauta, apuração e redação da matéria foi reduzido consideravelmente. Marcondes Filho (2000) diz que o jornalismo, antes de uma habilidade investigativa ou linguística, tornou-se um “disciplinamento técnico”. O bom jornalista passou a ser mais aquele que consegue, em tempo hábil, dar conta das exigências de produção de notícias do que aquele que mais sabe ou que melhor escreve.

Outro ponto observado no jornalismo da *web* e até mesmo em outras formas de jornalismo é o que foi chamado por Kucinski (2004) de “rede de factibilidade”. Se um assunto já foi publicado pelo concorrente, ele torna-se obrigatoriamente verdadeiro, pois os jornalistas se apoiam uns nos outros. Todavia, é preciso observar que essa cobertura amparada nos concorrentes também é uma das consequências do “tempo real” (e do jornalismo como um todo) e da confluência entre comércio e notícia: quem publica primeiro cumpre melhor a função da informação.

A internet descentraliza o poder de transmissão da informação, mas não se pode afirmar que, com a disseminação daquela, sobretudo de notícias por meio de *blogs* ou *sites*, a função do jornalista venha a ser dispensada. Qualquer um pode ser um jornalista, mas nem todos o são. O que difere os que dizem ser dos que realmente são é justamente a disciplina da verificação. Os mecanismos de filtragem, de correntes de opinião não podem ser operados sem a cooperação do jornalista.

Dentre os dilemas trazidos com a internet, está a previsão sobre o futuro jornal impresso. Muitos acreditam que este iria desaparecer. Contudo, o impresso sobrevive porque, apesar da concorrência acirrada com a *web*, ele ainda preza por um texto mais interpretativo e analítico. No jornal impresso, o leitor tende a buscar o aprofundamento da notícia; já na *web*, ele busca informação rápida e sucinta. Cabe então a ambos os

veículos diferenciarem o seu público-leitor, segmentar, pois aquele que lê um periódico não é o mesmo usuário da internet.

[...] Em um universo de discursos numerosos, complexos e contraditórios, a força do discurso jornalístico consiste em simplificar os problemas para torná-los compreensíveis pelo maior número de pessoas.” (WOLTON, 2004, 311).

Essa corrida contra o tempo traz consigo o conflito entre qualidade e primazia da notícia, o que acarreta, como mencionado anteriormente, uma apuração precária, algumas vezes inexistente, ou, como chamado por alguns autores, em um “empacotamento”²⁹ das notícias *online*. O “empacotamento” foi um fenômeno que marcou a primeira fase do *webjornalismo*, onde havia praticamente uma “cópia” das versões impressas para a *web*.

Kucinski (2004) afirma que, no jornalismo *online*, os atributos da notícia como precisão, contextualização e interpretação são “sacrificados” em nome da velocidade. Ele mostra ainda que a fragmentação do conteúdo, uma característica do processo de produção da informação é levada ao extremo na *web*.

O sistema informacional começa a considerar, pouco a pouco, que há valores importantes (instantaneidade, massificação) e valores menos importantes, isto é, menos rentáveis (os critérios da verdade). A informação tornou-se uma mercadoria. Ela tem cada vez menos uma função cívica.” (RAMONET, 2001, 74).

A internet facilita a produção de notícias, mas um bom repórter não pode dispensar contatos com fontes, realizar pesquisas e levantamentos. Eles devem buscar um aprimoramento intelectual e técnico para estarem aptos a lidar com as novas mídias e estar sempre atentos aos meios que utilizam para a apuração. A ética deve estar presente em todos os momentos da produção da notícia, independentemente do veículo utilizado.

²⁹ O “empacotamento” de notícias é aqui analisado de acordo com a visão de autores como Ferrari e Caldas, que definem o termo como sendo uma transposição do conteúdo de veículos impressos (jornais ou revistas) para o meio *online*.

4.6 – O lado pessoal do webjornalista

Além das modificações na estrutura da redação, ocorreram mudanças que causaram até mesmo problemas de saúde para os profissionais. Em um estudo realizado na década de 1980, Bohère (1984) fez um apanhado das condições de trabalho dos jornalistas em nível mundial e relata que enfermidades como problemas respiratórios, lesão por esforço repetitivo, dentre outras, devem-se principalmente ao estilo de vida dos profissionais. A quantidade de horas de trabalho, ansiedade, tensão, má alimentação e plantões são alguns dos fatores apontados como principais causadores de ataques do coração e de problemas nervosos.

De acordo com Baldessar (2001), dados de uma pesquisa da Organização Mundial do Trabalho (OIT) feita em 1986, ou seja, logo no início da introdução do computador pessoal no ambiente de trabalho, identificaram as doenças cardiovasculares, no aparelho digestivo e neuroses como as enfermidades mais frequentes na profissão de jornalista. Em 1997, no *boom* da internet, a OIT refez a análise e constatou a ocorrência de novas enfermidades como deficiências na visão e no sistema reprodutor, lesões permanentes nos tendões, alergias, epilepsia, stress, bronquite crônica – devido ao ar refrigerado das redações – além de problemas de ergonomia, todas associadas ao uso do computador.

Em trabalho realizado em 2003, o pesquisador Roberto Heloani colheu dados de um grupo de profissionais de 20 a 39 anos de idade, entre homens e mulheres. No estudo, ele entrevistou 22 jornalistas, aplicando testes referentes ao estresse e à saúde no trabalho, além de fazer discussões em grupos focais. Ele apontou que a jornada de trabalho desses profissionais ultrapassa, muitas vezes, 12 horas diárias, além dos plantões nos finais de semana e feriados. As principais consequências apontadas pela rotina de trabalho na vida pessoal são falta de tempo para a família, lazer, leitura, para realizar atividades domésticas e atividade física. Os jornalistas entrevistados apontaram dificuldades no convívio familiar, tais como a falta de tempo disponível para os parentes, falta de diálogo, distância e incompreensão em relação ao horário de trabalho.

Um fato interessante apontado por Quadros (2002), ao relatar a história do jornalismo *online* no Brasil, foi o caso do jornal *O Estado de São Paulo* no final de

1997, ainda na primeira fase do *webjornalismo*³⁰. Segundo a autora, o primeiro requisito para a contratação de um jornalista para a versão *online* do jornal era verificar se este era ou não fumante; somente depois era averiguado se ele dominava outros idiomas, por exemplo. A fumaça, de acordo com os técnicos, afetava os equipamentos. Já os editores de *O Estado de São Paulo* argumentavam que a dependência ao cigarro significava várias saídas da redação, e conseqüentemente, baixa produção. O computador não poderia ser deixado por alguns minutos, pois, no decorrer desse período, algo muito importante poderia acontecer e deixar de ser publicado.

Castells (2004) e Rodrigues (1999) destacam que a velocidade dos novos meios de comunicação acarretou uma nova ordem de produção da notícia. Castells mostra, por exemplo, que, da mesma forma que a informação é o produto chave da Era da Informação, a internet é a ferramenta fundamental para a produção e difusão desta. Já Rodrigues relata que a natureza cibernética das novas tecnologias permite hoje acelerar o processo informativo, ultrapassar as barreiras espaciais à circulação da informação, neutralizar a subjetividade dos atores sociais, homogeneizar as mensagens e converter a informação num fluxo contínuo e planetário.

Esta capacidade informativa que a tecnologia põe hoje ao nosso dispor não anula, antes parece exacerbar, os diferendos que alimentam os quadros interpretativos da ordem comunicacional. Apesar de a percepção da realidade se ter assim tornado um produto tecnicamente elaborado pelos *media*, cada um de nós continua, no entanto, a interpretá-la no quadro da experiência espontânea da sua própria cultura. (RODRIGUES, 1999, p. 27).

A internet trouxe consigo uma rede ilimitada de fontes e, com isso, os contatos pessoais foram reduzidos, ou mesmo esquecidos. A jornalista Pollyana Ferrari (2003), especializada em internet, relata que, com a rede mundial de computadores, a informação pode ser propagada mais livremente, e que um jornalista hoje sem internet não é ninguém, pois tudo é pesquisado digitando-se *www*. Ferrari mostra que o “sufoco” *online*, ou seja, a corrida contra o tempo, os *deadlines*, são muito maiores do que nas mídias tradicionais, como TV, jornais, revistas e rádio.

Outro aspecto importante dentro das redações foi a extinção de algumas funções e o acúmulo de outras, como afirma Caldas (2002, p. 18), ao dizer que diversas

³⁰ Os termos *webjornalismo* e *jornalismo online* são os mais adequados para os objetivos procurados pela pesquisa, visto que estes englobam tanto a produção quanto a divulgação das notícias pela *World Wide Web* com o auxílio de recursos multimídia.

atividades foram reagrupadas e redefinidas, e, com isso, o tempo da notícia e a forma de apuração mudaram. O repórter tem de se desdobrar em três ou quatro funções que não eram suas e editores e subeditores desmembram-se em pauteiros e fechadores. Caldas diz que as notícias se fragmentaram, tornando-se impessoais e parecidas, fato que refletiu na qualidade do texto.

Diante do exposto, nota-se que o foco das pesquisas foi justamente definir como as rotinas produtivas foram afetadas com a introdução das novas tecnologias nas redações *online*. Falou-se em obstáculos para produzir bons textos, condições de trabalho precárias, redução do quadro de pessoal, aglomeração de atribuições e corrida contra *deadlines*; no entanto, nada foi mencionado com relação ao jornalista, em relação a como ele sentiu os efeitos dessas tecnologias nos seus métodos de trabalho.

Para determinada profissão tocada bruscamente por uma revolução tecnológica que torna obsoletos seus conhecimentos e *savoir-faire* tradicionais – ou mesmo a existência da profissão – [...] para todos esses a evolução técnica parece ser a manifestação de um “outro” ameaçador. [...] A aceleração é tão forte e tão generalizada que até mesmo os mais “ligados” encontram-se em graus diversos, ultrapassados pela mudança, já que ninguém pode participar ativamente da criação das transformações do conjunto de especialidades técnicas, nem mesmo seguir essas transformações de perto. (LÉVY, 1999, p.28).

É plausível o aforismo de Rocha (2005), que diz que a cibercultura está imbricada tanto no contexto social como no tecnológico. Porém, não se pode afirmar ainda quem é o jornalista desse novo meio, visto que tanto a *web* quanto as práticas produtivas para essa nova tecnologia ainda estão em vias de desenvolvimento. Contudo, faz-se necessário mostrar a proposição (ou mesmo previsão) da pesquisadora Anabela Gradim (2003), da Universidade de Beira Interior, que projeta o jornalista do futuro como uma espécie de MacGayver, personagem da série com esse mesmo nome, na qual o protagonista era capaz de desenvolver instrumentos com os mais inusitados objetos. “Homem de mil e um recursos, trabalha sozinho, equipado com uma câmara de vídeo digital, telefone satélite, *laptop* com *software* de edição de vídeo e HTML, e ligação sem fios à internet.”

4.6.1 Alguns aspectos sobre os jornalistas brasileiros

Em pesquisa realizada em agosto de 2008 pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), com apoio da Federação Internacional dos Jornalistas (FIJI), em 18 estados brasileiros e 25 municípios, foram analisadas as condições de trabalho dos jornalistas dos mais diversos veículos, de diferentes faixas etárias, escolaridade, salários e afiliação sindical. A FIJI, junto às federações de jornalistas da América Latina, pretende traçar as condições de trabalho dos jornalistas desse continente. Foram aplicados questionários com perguntas abertas e fechadas, direcionadas aos profissionais dos mais diversos meios de comunicação (TV, rádio, impresso e internet) para 63 jornalistas de um universo de 60000 mil jornalistas (total de jornalistas em atividade atualmente no Brasil). Dentre os pesquisados, 5% trabalham como webjornalistas.

A percepção que a Federação teve da categoria foi que a maioria dos entrevistados está na faixa de 30 a 50 anos de idade e tem entre 21 a 25 anos de experiência como jornalista. Aproximadamente 82,54% dos jornalistas trabalham como empregados e grande parte desses profissionais – aproximadamente 95% – trabalham como repórter, redator ou assessor de imprensa. A pesquisa mostrou ainda que 33% dos pesquisados tinham menos de três anos de efetivo exercício no atual emprego, o que, na opinião da FENAJ, demonstra os altos índices de rotatividade na profissão. Os dados demonstram também que a maioria dos profissionais chega a trabalhar mais de 10 horas por dia.

Qualquer profissão, dependendo da rotina a se ser empregada, pode causar mais ou menos riscos à saúde do trabalhador. No caso dos jornalistas, as principais enfermidades apontadas em decorrência do trabalho são LER (Lesões por Esforços Repetitivos) e DORT (Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho), com 9,52%; stress, com 12,70%; doenças respiratórias, com 6,35%; dependência química (álcool, drogas), com 3,17%; deficiência na visão ou audição, com 4,76% e problemas cardíacos, com 1,59%. Os jornalistas apontaram também que não possuem informações sobre segurança pessoal no trabalho (87,30%). A FENAJ vem trabalhando com a conscientização dos jornalistas para registrarem, junto aos sindicatos ou até mesmo junto ao Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), as doenças ocorridas em decorrência do trabalho.

Outro dado interessante foi a discriminação sofrida no ambiente de trabalho, que abrange cerca de 33% dos pesquisados. Deste grupo, 19% disseram ser discriminados por motivos sindicais, 12% pela orientação política, 3% por gênero e 1,59% pela cor. Ainda foi demonstrado que 46% já sofreu algum tipo de agressão praticada pelos próprios superiores e 30,16%, assédio moral.

Fato comum na rotina jornalística é o veto (ou censura) sofrido por jornalistas em suas matérias. Os profissionais apontaram que 19,4% já sofreram com esse problema, ocasionado pelo chefe de redação, pela direção do veículo, por políticos ou autoridades públicas e até mesmo por anunciantes.

Uma porcentagem de 60,32% dos jornalistas disse já ter se autocensurado, ou seja, já modificaram textos, opiniões que iriam publicar devido ao medo de demissão (17,46%), para manter a fonte da informação (11,11%), por orientação política (17,46%), por temor a polícia, forças armadas ou autoridades públicas (6,5%) ou para não desagradar anunciantes (6,35%).

Aproximadamente 39,68% já foram vítimas de ameaça, em especial de processos judiciais, demissão e até ameaça de morte, dos quais 22,2% foram ameaçados por políticos ou autoridades públicas; por grupos religiosos ou pelos próprios donos dos veículos (11,11%); por pessoas investigadas por corrupção (9,52%); por anunciantes (4,76%); por grupos armados ilegais/milícias (3,17%) e por juízes ou promotores (1,59%).

Com relação a edições realizadas em seus textos que alteraram o sentido de seus textos ou imagens, os profissionais pesquisados mostram que 39,68% têm suas matérias modificadas na edição, muitas vezes sem o seu consentimento, prática muito comum no jornalismo.

CAPÍTULO 5 – ANÁLISES E ENTREVISTAS

5.1 – Um breve histórico da trajetória do Correio Braziliense e da Agência Brasil

Inicialmente, a análise englobaria o portal *Correio Web*, o *site correiobraziliense.com.br* (CB.com.br) e o portal G1, da *Globo.com*. Contudo, como este último veículo, após inúmeras tentativas, não deu um *feedback* positivo em relação à realização da pesquisa, foi necessária a mudança da metodologia da pesquisa para a agência de notícias da Empresa Brasil de Comunicação (EBC), a *Agência Brasil*.

O jornal *Correio Braziliense* foi o primeiro veículo impresso a circular no Distrito Federal, no dia da inauguração de Brasília, 21 de abril de 1960. De acordo com o *site* dos Diários Associados (www.diariosassociados.com.br), grupo ao qual pertence o jornal, o *Correio Braziliense* tem sua história dividida em duas fases. A primeira, de 1808 a 1822, quando ainda era editado por Hipólito José da Costa, em Londres, e defendia a causa da Independência. A segunda iniciou-se quando do resgate do nome pelo Grupo Diário Associados de Assis Chateaubriand para o lançamento do jornal no dia da fundação de Brasília.

Hoje o *Correio Braziliense* é o jornal de maior circulação do Centro Oeste, do Distrito Federal e do Entorno – região formada por municípios que têm fronteira com o DF, tais como Valparaíso e Águas Lindas, ambos em Goiás. Segundo levantamento feito em maio de 2008 pelo IVC (Instituto Verificador de Circulação), o *Correio Braziliense* domina 68% da circulação de jornais no Distrito Federal.

A versão para a internet do Correio, o *Correio Web*, entrou no ar em 2000. Em 2004, o *site* foi relançado com novos recursos e interfaces gráficas. Em 2008, ocorreu a separação do portal *Correio Web* (www.correioweb.com.br) e do *site correiobraziliense.com.br*. Ao completar 48 anos no dia 21 de abril de 2008, o *Correio Braziliense* lançou o novo *site* de notícias, o www.correiobraziliense.com.br. O *site* disponibiliza vídeos, *podcasts* e infográficos. O *Correio Web* (portal) tornou-se um local onde os próprios leitores podem postar vídeos, áudio e ver matérias sobre concursos públicos. Já o *CB.com.br* tornou-se o *site* de caráter jornalístico com matérias *online*. O Correio possui 6.351.415 *page views* mensais. (fonte: Google Analytics, junho 2008).

O portal *Correio Web* disponibiliza aos internautas *videochats*, o Dzaí, um dos *sites* interativos, que oferece aos usuários a possibilidade de postar suas fotos, vídeos, notícias, *podcasts* e criar *blogs*. No *CB.com.br* o internauta encontra notícias das diversas editorias, com destaque para a Cidades DF, que engloba os assuntos das cidades, da capital federal, o *web* jornal (*Correio Notícias*), *blogs* dos columnistas, infográficos e fotos.

Criada em 1975, a Radiobrás opera emissoras de rádio e de televisão do Governo Federal. A Radiobrás já foi vinculada aos Ministérios das Comunicações e da Justiça e, desde 1992, está ligada à Presidência da República. Em 2007, o Governo criou a Empresa Brasil de Comunicação (EBC), empresa de economia mista responsável por gerir as emissoras públicas federais de rádio e de televisão, oriunda da associação dos patrimônios da Empresa Brasileira de Comunicação (Radiobrás) e da Associação de Comunicação Educativa Roquette Pinto (Acerp). O sistema Radiobrás engloba a *Agência Brasil*, uma rádio-agência, duas emissoras e televisão e cinco emissoras de rádio. A *Agência Brasil* oferece notícias em tempo real, grandes reportagens, cobertura fotográfica diária, banco de fotos, infografia, mapas e *blogs*.

A equipe do *CB.com.br* conta com 16 repórteres, uma editora, três subeditores e quatro estagiários. Já o *Correio Web* conta com três repórteres, uma editora, dois subeditores e dois estagiários. A *Agência Brasil* conta com 32 jornalistas, dentre editores e repórteres, sendo 25 repórteres em Brasília. O ideal seria entrevistar todos os jornalistas das equipes, entretanto, alguns profissionais não quiseram participar da pesquisa e outros argumentaram que não teriam tempo suficiente para responderem qualquer pergunta.

5.2 – Os webjornalistas pesquisados

Foram entrevistados um total de 20 jornalistas, dentre repórteres, subeditores e editores dos veículos *CB.com.br*, *Correio Web* e *Empresa Brasil de Comunicação – Agência Brasil*. No *Correio Web*, foram pesquisados quatro jornalistas – uma subeditora e três repórteres. Já no *CB.com.br*, seis repórteres foram analisados. Na *Agência Brasil*,

foram 10 jornalistas, sendo uma editora, dois setoristas³¹ e os demais, repórteres. Três destes responderam o questionário por *e-mail*, pois argumentaram que não teriam tempo disponível para responder pessoalmente ou que não ficavam na redação.

O acesso às redações foi feito por meio de contato com os editores-chefes de cada redação, a fim de obter autorização para realização da pesquisa nos veículos. Cada editor estipulou um horário tido como relativamente mais calmo na redação para que fossem realizadas as entrevistas. Um fato interessante foi que nenhum dos editores se prontificou a também participar da pesquisa, mas todos disponibilizaram suas equipes. Primeiramente, foi feita uma pesquisa de campo durante um dia em cada uma das redações para conhecer o ambiente de trabalho desses profissionais e saber como eram escritórios e o contato entre esses jornalistas. Posteriormente, foi realizado um questionário junto a cada profissional para conhecer seu cotidiano, sua relação com a tecnologia; foram realizadas também algumas conversas informais, que, muitas vezes, chegaram a revelar mais fatos do que aqueles presentes no questionário formal.

O intuito não foi entrevistar profissionais de determinada idade ou editoria; a pretensão foi entrevistar jornalistas que trabalhavam no ambiente *online*. Não seria possível estipular uma faixa etária para ser analisada, pois não se sabia ainda quem seriam esses profissionais, visto que o foco seria justamente descobrir, ou ao menos traçar, um breve panorama de quem seriam os webjornalistas.

A pesquisa teve de ser enquadrada na rotina das redações *online* para que fosse possível pesquisar os jornalistas nos horários considerados menos tumultuados para eles, ou melhor, cada editor permitiu o livre acesso às redações, desde que os jornalistas fossem entrevistados nas horas tidas como as mais tranquilas.

Será apresentado o ambiente de trabalho em cada redação, suas peculiaridades, os pontos de vista apontados por cada profissional para então consolidarem-se os dados acerca do “sujeito-jornalista” no ambiente *online*. Serão mostradas as respostas de cada jornalista pesquisado, apontando os aspectos mais relevantes de suas falas para depois averiguar os pontos em comum. Não serão revelados os verdadeiros nomes dos entrevistados para preservar suas identidades; assim, cada jornalista será identificado por uma letra.

³¹ Setor (ou setor de cobertura): área fixa de cobertura. Os repórteres de setor são chamados setoristas. (In Jorge, 2008). Exemplos de jornalistas setoristas são os que trabalham, por exemplo, na cobertura do Ministério da Fazenda, no Congresso Nacional, cobrindo economia, política, agricultura etc.

As entrevistas foram estruturadas no modo pergunta e resposta. Nota-se nos questionários que algumas respostas estão no discurso direto e outras não. Para aquelas consideradas mais relevantes para o estudo foram aspas para identificar a fala dos próprios webjornalistas. Na parte de anexos da pesquisa, foram apresentadas as páginas iniciais de cada veículo, além de mostrar o tempo de atualização entre uma matéria e outra publicada, para que assim se percebesse o “tempo real” em cada veículo.

Questionário aplicado aos webjornalistas

- 1) Nome completo, idade, estado civil.
- 2) Caso já tenha sido casado, casou-se mais de uma vez?
- 3) Tem filhos?
- 4) Possui pós-graduação ou outro curso superior?
- 5) Acha que a profissão interfere nas relações com familiares, amigos, namorado(a)?
- 6) As amizades estão principalmente no ambiente de trabalho?
- 7) Há quanto tempo é jornalista?
- 8) Há quanto tempo trabalha com jornalismo *online*?
- 9) Trabalha em qual editoria?
- 10) Gosta de trabalhar como jornalista *online*? Por quê?
- 11) Como é a rotina na redação?
- 12) Quantas horas de trabalho por dia? Tem de ficar na redação além do horário de trabalho com muita frequência?
- 13) Como se mantém atualizado?
- 14) Utiliza *notebook*, *smartphone* ou outras tecnologias para auxiliar no trabalho ou mesmo para buscar informações? Gosta de manter-se atualizado sobre novas tecnologias, novos produtos, por exemplo?
- 15) O quão importante você acredita que a tecnologia é para a realização do seu trabalho e na sua vida social?
- 16) Participa de bate-papos ou *sites* de relacionamento, como *Orkut*? Tem *Flickr*, *fotolog*, blog? Utiliza a internet para conhecer novas pessoas?
- 17) Quais as principais dificuldades e facilidades em se trabalhar em um veículo *online*?
- 18) Apresenta alguma enfermidade em decorrência do trabalho?
- 19) O que costuma fazer nas horas de lazer?

- 20) Quantas matérias publica em média por dia?
- 21) Seria possível realizar o seu trabalho sem a necessidade de estar na redação?

5.3 – O Correio Web

O portal, que surgiu em 1996, oferece notícias e acesso aos *sites* dos outros veículos do grupo Diários Associados, ao qual o portal pertence, tais como o jornal *Correio Braziliense*, a emissora *Clube FM* e a *TV Brasília*. O *Correio Web* é um portal de notícias e, na fala de uma das subeditoras do portal: “Ele não pode ser considerado um *site* noticioso, porque nosso foco não é a produção de notícias”. As notícias que são veiculadas no portal provêm da equipe do *CB.com.br*.

O portal ainda oferece diversos serviços tais como roteiros de fim de semana, guias turísticos, culturais e de entretenimento, informações de utilidade pública e canais especiais como os classificados de imóveis (www.lugarcerto.com.br) e de veículos (www.vrum.com.br). É possível também encontrar lançamentos musicais e comprar CDs no canal Esom (www.esom.com.br) e acessar as novidades sobre concursos públicos no canal www.concursos.correioweb.com.br.

Segundo dados apontados pelo *site* do grupo Diários Associados (www.diariosassociados.com.br), o portal *Correio Web* é o mais acessado do Distrito Federal, tendo como perfil de leitores 53% de homens, 47% de mulheres, dos quais 85% estão nas classes A e B. O portal possui 25.576.635 *page views*, 7.038.699 exibições de página e cerca de 4.827.821 visitas³².

A parte de notícias do portal que é realizada pela equipe do *Correio Web* é a de concursos públicos (produção diária) e a de imóveis (esporádica). Esta ocorre quando há alguma cobertura especial sobre o assunto. Fora isso, a equipe produz os *sites* especiais para algum acontecimento específico como, por exemplo, o da *Maratona de Revezamento*, evento realizado pelo jornal em comemoração ao aniversário de Brasília, no dia 21 de abril.

A equipe do *Correio Web* conta com três repórteres, uma editora, dois subeditores e dois estagiários. Nessa redação foram entrevistados os três repórteres e uma subeditoria. Não é o foco desse estudo analisar os estagiários, pois, apesar de

³² Fonte: Google Analytics, junho 2008.

estarem dentro do cotidiano de uma redação, não fazem parte do nosso foco de estudo, além de ainda estarem no apredizado do jornalismo.

Para realizar o encontro com os jornalistas, foi estabelecido que o horário menos turbulento para as entrevistas seria no horário das 13h e às 14h30, pois, após esse período, a redação fica “punk”, como argumentou a subeditora.

A primeira impressão que se tem do *Correio Web* é que este grupo de jornalistas é relativamente jovem, com idade entre 23 e 25 anos. A pessoa com maior bagagem é a editora do portal, que não pôde participar da pesquisa – possui 34 anos. Praticamente todos são recém-formados e estão encantados com a profissão e com as possibilidades de recursos multimídia proporcionados pela internet.

A redação do portal é isolada dos demais departamentos do jornal. Localiza-se em uma sala isolada que fica sempre com a porta fechada devido ao ar condicionado, sempre em constante funcionamento para manter uma temperatura mais amena para os equipamentos eletrônicos. Por ser uma equipe pequena, todos se conhecem e costumam a sair juntos, organizar festas e saídas depois do horário de trabalho.

A sala é bem iluminada e possui duas grandes mesas onde, ao redor, estão os computadores para cada jornalista. Jornalistas, editor, subeditores e estagiários sentam-se todos próximos. Não há distinção de locais para os que possuem ou não cargo de chefia. Por ser um ambiente composto por jovens, os computadores e mesas são todos enfeitados. Os de algumas repórteres são cheios de adesivos coloridos, fotos e porta objetos. Até mesmo o quadro em que consta as pautas do dia e os principais contatos possui desenhos e apelidos para cada integrante do grupo.

5.4 – Os webjornalistas do *Correio Web*

O dia das entrevistas com a equipe foi tranquilo, ao contrário do dia anterior, que foi bastante tumultuado, devido ao acontecimento da morte da jovem Eloá³³. Os repórteres não tinham tempo nem ao menos de conversar com o colega ao lado. “Ontem teve a reconstituição do crime da Eloá e teve o vídeo da reconstituição do crime, que tivemos que colocar e foi um dos mais acessados com diversas matérias. Foi uma correria só”, declarou a subeditora.

³³ Caso ocorrido no final de 2008 em Santo André, São Paulo, onde a jovem Eloá de 15 anos foi mantida presa pelo ex-namorado Lindemberg Alves, de 22 anos, por 100 horas e assinada com um tiro na cabeça.

Entrevistado A

1) Idade e estado civil

23 anos, solteira.

2) Caso já tenha sido casado, casou-se mais de uma vez?

Não é casada.

3) Tem filhos?

Não.

4) Possui pós-graduação ou outro curso superior?

Não, mas pretende fazer pós-graduação em breve.

5) Acha que a profissão interfere nas relações com familiares, amigos, namorado(a)?

“Depende, a rotina de jornalista em si é bem estressante. Às vezes você tem que ficar até mais tarde e deixa de fazer algumas coisas que você gostaria de fazer. Acaba de um jeito ou de outro interferindo de algum jeito. Mas eu não acredito que seja algo muito sacrificante, porque é algo que eu gosto.”

5) As amizades estão principalmente no ambiente de trabalho?

Sim, a maioria é de jornalistas, cerca de 90%. “Os jornalistas procriam em cativeiro.”

6) Há quanto tempo é jornalista?

Um ano.

7) Há quanto tempo trabalha com jornalismo *online*?

Há três anos, contando o tempo de estágio.

8) Trabalha em qual editoria?

É subeditora do *Correio Web*.

9) Gosta de trabalhar como jornalista *online*? Por quê?

Sim. “Os jornais e revistas estão perdendo força e todos os veículos estão migrando para a internet. A internet é um veículo que você pode fazer tudo o que quiser, pois existem várias plataformas de áudio, vídeo, foto. Pelo menos eu adoro internet.”

10) Como é a rotina na redação?

Responsável pela atualização da “capa” do *Correio Web*. “Devo deixá-la o mais nova possível para os internautas. Por isso, todos na redação ficam o tempo todo com a televisão ligada para saber o que está acontecendo. “Hoje, por exemplo, tem a

reconstituição do crime da Eloá, então temos que ficar de olho para manter a capa atualizada.”

11) Quantas horas trabalha por dia? Tem que ficar na redação além do horário de trabalho com muita frequência?

Trabalha de 8h às 15h.

“Em épocas de especiais eu cheguei a ficar umas 14h, mas, em dias normais, não ultrapassa de 30 minutos a uma hora do horário de trabalho normal. Já cheguei mesmo a tirar 10 dias de folga devido às horas extras que eu tinha feito.”

12) Como se mantém atualizado?

Tem preguiça de ler as versões impressas.

“Fico o tempo todo olhando os *sites* da concorrência, porque a gente tem que saber o que eles estão dando. É um controle que todo mundo faz. Quando eu chego em casa eu sempre dou uma olhada, confiro as notícias, mas não fico o tempo toda conectada não. Quando saio do trabalho eu deixo pra lá, pois sei que na manhã seguinte eu vou me atualizar de novo e quando estou de férias eu não olho nada, pois é um volume de informação muito grande e as notícias se repetem muito.”

13) Utiliza *notebook*, *smartphone* ou outras tecnologias para auxiliar no trabalho ou mesmo buscar informações? Gosta de se manter atualizado sobre novas tecnologias, novos produtos, por exemplo?

“Em casa eu tenho um *notebook* e acesso a internet. Gosto, porque quem trabalha com internet, além de gostar, precisa saber e conhecer novos produtos e recursos.”

14) O quão importante acredita que a tecnologia é para a realização do seu trabalho e na sua vida social?

“É fundamental, pois trabalhando na internet, se você não gostar de tecnologia, não for um ‘rato de internet’ não tem como, pois todo dia há alguma coisa nova de foto, vídeo... Então a gente tem que estar alinhado nos *softwares*. Hoje o jornalista na internet deve saber que as pessoas não procuram apenas notícias, as pessoas querem ver vídeos, áudio. Ninguém gosta só de ler, por isso às vezes temos que dar o mais fácil. Eu quero inclusive fazer um curso de HTML para me ajudar mais.”

15) Participa de bate-papos ou sítios de relacionamento, como *Orkut*? Tem *Flickr*, *fotolog*, *blog*? Utiliza a internet para conhecer novas pessoas?

Participou de *fotologs*, *facebook*, *Orkut* e pretende ter um *blog*, mas acha que para ter um é preciso ter conteúdo, pois não quer apenas ficar escrevendo sobre a vida pessoal.

Utiliza a internet para manter contatos com amigos e também para procurar novas fontes.

16) Quais as principais dificuldades e facilidades em trabalhar em um veículo *online*?

“Facilidade é poder traduzir um determinado assunto de diversas formas. Se você não tem como escrever, você tem vídeo, infográfico, ou seja, os recursos multimídia, das várias plataformas que você pode usar. A dificuldade seria o fato da tecnologia avançar muito rápido e você estar sempre obsoleto. O mais difícil é você se manter atual em relação à tecnologia.”

17) Apresenta alguma enfermidade em decorrência do trabalho?

Dificuldade na visão, dores de cabeça.

“Apesar da cultura profissional mostrar que jornalista tem que fumar, beber e tomar muito café, eu não sou adepta de nenhum desses requisitos e me preocupo muito com a minha saúde.”

18) O que costuma fazer nas horas de lazer?

“Nas horas de folga eu adoro ir ao cinema, sair pra beber com os amigos, ir à praia (quando morava em Florianópolis fazia isso), passear no shopping, ficar em casa lendo um livro. Costumo a ir ao cinema duas vezes por semana. Tinha o hábito de sair pelo menos três vezes por semana com os amigos. Agora só tenho tempo livre na sexta e no sábado, quando não estou de plantão.”

19) Quantas matérias publica em média por dia?

Depende do dia, pois sempre está atualizando o *site*.

20) Seria possível realizar o seu trabalho sem a necessidade de estar na redação?

“Sim, poderia ser feito de casa, pois daria para fazer a atualização fora da redação.”

Considerações

A empolgação da entrevistada A em trabalhar no *online* é evidente, pois ela demonstrou estar sempre atualizada com as novas ferramentas e recursos que são criados quase que diariamente. “A internet é um veículo no qual você pode fazer tudo o que quiser e eu quero continuar sempre no *online*”, revelou.

A entrevistada A acredita que a profissão não chega a interferir nas relações com os familiares ou com o namorado, uma vez que os familiares não residem em Brasília e ela usa a *web* para manter contato com eles. O seu horário de trabalho é relativamente

tranquilo, pois ela cumpre uma carga horária de sete horas diárias. A entrevistada revela que, esporadicamente, já chegou a ficar até 14h na redação para finalizar alguns *hotsites*³⁴ de eventos do jornal. Ela acredita que, mesmo sendo cansativo, não chega a ser muito sacrificante, pois está fazendo algo que gosta.

A entrevistada A mostrou desinteresse pela versão impressa dos jornais; até mesmo os concorrentes são pesquisados pela internet. “Tenho preguiça de ler o impresso. Fico o tempo todo olhando os *sites* da concorrência, porque a gente tem que saber o que eles estão dando. É um controle que todo mundo faz.”

Com relação à tecnologia, a entrevistada declarou que o jornalista que não for um “rato de internet” não é um webjornalista de verdade. Ela gosta de se manter atualizada sobre novos softwares, plataformas e gosta de utilizar *sites* de relacionamentos como *Orkut*³⁵ para conversar com amigos. Mas ela declarou um fato interessante: por mais que tente manter-se atualizada, ela não consegue, pois sente-se sempre obsoleta.

Nos momentos de lazer, ela recorre ao cinema e a saídas aos bares com amigos.

Entrevistado B

1) Idade e estado civil

23 anos, solteira.

2) Caso já tenha sido casado, casou-se mais de uma vez?

Não é casada.

3) Tem filhos?

Não.

4) Possui pós-graduação ou outro curso superior?

Não.

5) Acha que a profissão interfere nas relações com familiares, amigos, namorado(a)?

³⁴ *Hotsite* (microsite ou minisite): *Sites* de menor tamanho que podem ser hospedados em provedores de conteúdo de redes, geralmente com foco em determinado produto ou serviço. In: PINHO, 2003, p.250. Ou ainda : “pequeno *site* planejado para apresentar e destacar uma ação de comunicação e marketing pontual. Tecnicamente não há nenhuma diferença entre um "*website*" e um chamado "*hotsite*"; sua diferenciação está apenas na estratégia de comunicação utilizada para concebê-lo. Usualmente os *hotsites* possuem tempo de vida útil determinado e são ligados a uma ação de marketing ou comunicação específica.” Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hotsites>.

³⁵ *Site* de relacionamento *Orkut* (www.orkut.com.br) foi criado em fevereiro de 2004 por um funcionário do Google, *Orkut* Buyukkokten. A idéia do *site* é fazer novas amizades e manter as antigas, além de poder participar de comunidades sobre os mais variados temas.

“As relações com a família são complicadas. O namorado entende a profissão porque também é jornalista. Final de semana, quando tem plantão, eu não sirvo pra nada, então eu fico muito cansada e para fazer qualquer coisa é um sacrifício. Para sair da sua rotina de casa e trabalho, você tem que estar muito disposto. As relações com a família deram uma ‘diluída’.”

6) As amizades estão principalmente no ambiente de trabalho?

“Não posso dizer que são especialmente do ambiente de trabalho, mas são na maioria jornalistas.”

7) Há quanto tempo é jornalista?

Há um ano.

8) Há quanto tempo trabalha com jornalismo *online*?

Há menos de um ano.

9) Trabalha em qual editoria?

É coordenadora da parte de concursos do *site*.

10) Gosta de trabalhar como jornalista *online*? Por quê?

Gosta bastante. Quando se formou, já tinha ideia de que gostaria de trabalhar com *online*, devido ao estágio que tinha feito, pois acredita que, na internet, há um ambiente onde “se permite tudo e mais um pouco”.

11) Como é a rotina na redação?

Começa fazendo rondas e fechando as pautas. Faz as devidas atualizações e depois sai para almoçar (40 minutos de almoço). O restante do dia trabalha com a edição de matérias e publicação de documentos referente a concursos.

12) Quantas horas trabalha por dia? Tem que ficar na redação além do horário de trabalho com muita frequência?

Trabalha das 10h às 16h e afirma serem raros os dias em que fica muito além do horário normal.

13) Como se mantém atualizado?

“Eu vivo na internet. Eu saio do trabalho e a primeira coisa que eu faço quando chego em casa é ligar o computador. É algo doentio. Se eu não entrar na internet, se eu estiver de folga num sábado eu tenho que entrar na internet. E penso em entrar em um *site*, mas, quando eu vejo, já se passaram mais de três horas navegando.”

14) Utiliza *notebook*, *smartphone* ou outras tecnologias para auxiliar no trabalho ou mesmo buscar informações? Gosta de se manter atualizado sobre novas tecnologias, novos produtos, por exemplo?

Gosta de saber sobre tecnologia, mas não tem “fissura” por ela.

“Eu gosto de saber até onde que está indo, lançamentos, mas não me mato para ter os últimos lançamentos.”

15) O quão importante acredita que a tecnologia é para a realização do seu trabalho e na sua vida social?

“Sem a tecnologia, a gente não faz nada. A gente precisa estar sempre muito atento a tudo que está rolando na internet. Temos que estar por dentro de tudo. E eu quero que daqui a há cinco anos todo mundo acesse a internet pelo celular por baixo custo, porque eu acho que esse é o caminho, que o acesso fique mais fácil do que é hoje em dia.”

16) Participa de bate-papos ou sítios de relacionamento, como *Orkut*? Tem *Flickr*, *fotolog*, *blog*? Utiliza a internet para conhecer novas pessoas?

Já teve *site* de relacionamentos, *blog*, *fotolog*. Atualmente tem MSN e *My Space*.

17) Quais as principais dificuldades e facilidades em se trabalhar em um veículo *online*?

“A pressão maior é dar a notícia antes de qualquer *site*, em primeira mão. Aqui também ninguém vai pra rua, não conhece as fontes pessoalmente. Às vezes quem está na rua, quem mostra a cara, tem mais facilidade de realizar entrevistas, de fazer contatos. A maior batalha diária é furar todo mundo.”

18) Apresenta alguma enfermidade em decorrência do trabalho?

Apresenta tendinite.

“Em época de produção de novos *sites* eu ficava com tudo dolorido: braço, ombro, pescoço, porque a gente não sai de frente do computador.”

19) O que costuma fazer nas horas de lazer?

Revelou que a única atividade física que faz é quando sai de frente do computador para fumar. Nos finais de semana, quando não está de plantão, vai ao cinema, teatro e bares.

“Em finais de semana que estou de plantão eu não sirvo para nada, não tenho ânimo para sair, só quero descansar.”

20) Quantas matérias publica em média por dia?

Dez notícias no ar por dia.

21) Seria possível realizar o seu trabalho sem a necessidade de estar na redação?

“O trabalho poderia ser realizado de casa tranquilamente.”

Considerações

A entrevistada *B* mostrou um aspecto muito interessante em seu discurso, ao revelar que não tem “fissura” por internet ou tecnologia, mas, do mesmo modo que faz tal afirmativa, demonstrou que passa horas conectada diariamente, até mesmo fora do ambiente de trabalho. “Eu saio do trabalho e a primeira coisa que eu faço quando chego em casa é ligar o computador. É algo doentio.”

Os mesmos jornalistas entrevistados, que demonstraram não ter grande interesse por novas tecnologias, revelaram que não conseguiriam imaginar a realização do trabalho de jornalismo antes da internet e que sentem a necessidade diária de estarem conectados, dentro ou fora do ambiente de trabalho.

As relações com familiares e amigos também foi um dos aspectos importantes nas respostas da referida jornalista. O namorado compreende a rotina de trabalho, pois também é jornalista; já os familiares parecem não ser tão compreensivos, pois os encontros familiares foram deixados para segundo plano. “Final de semana, quando tem plantão, eu não sirvo para nada. [...] Para sair da sua rotina de casa e trabalho você tem que estar muito disposto.”

Apesar de ser uma profissional nova, com apenas 23 anos, ela já apresenta enfermidade em decorrência do trabalho. Ela tem tendinite³⁶. A entrevistada *B* também revelou, com ironia, que a única atividade física que chega a fazer diariamente é quando sai de frente do computador para fumar. O fumo parece ser algo muito comum entre os jornalistas, e a junção com o ar condicionado das redações aumenta os problemas respiratórios nesses profissionais.

Nas horas de lazer, a entrevistada também recorre ao cinema, teatro, bares e muitas horas de acesso à internet.

Entrevistado C

1) Idade e estado civil

23 anos, solteira.

2) Caso já tenha sido casado, casou-se mais de uma vez?

Não é casada.

3) Tem filhos?

³⁶ Tendinite: é uma inflamação que acontece nos tendões, que pode ter como uma de suas causas os esforços repetitivos e prolongados.

Não.

4) Possui pós-graduação ou outro curso superior?

Não, mas pretende fazer uma pós-graduação em tecnologia.

5) Acha que a profissão interfere nas relações com familiares, amigos, namorado(a)?

Acredita que, por namorar um jornalista, a profissão não interfere tanto na relação.

6) As amizades estão principalmente no ambiente de trabalho?

São do ambiente de trabalho, mas, por não ser de Brasília, vê a internet como um meio facilitador de contato com os amigos de sua cidade natal.

7) Há quanto tempo é jornalista?

Possui um ano e meio de formada.

8) Há quanto tempo trabalha com jornalismo *online*?

Há sete meses é jornalista *online*. Diz que adora trabalhar com isso e descobriu essa paixão pelo *online* quando fez seu primeiro estágio.

9) Trabalha em qual editoria?

Concursos.

10) Gosta de trabalhar como jornalista *online*? Por quê?

“É uma correria que eu gosto muito, pois eu sou viciada em informação e eu entro em vários *sites* ao mesmo tempo.”

11) Como é a rotina na redação?

Como trabalha na editoria de concursos, primeiro olha todos os *sites* de instituições organizadoras de concursos públicos, checa as informações, faz as devidas apurações pelo telefone e escreve matérias.

12) Quantas horas trabalha por dia? Tem que ficar na redação além do horário de trabalho com muita frequência?

Trabalha das 10h as 18h.

“Quando passa desse horário é coisa de uma hora. Só passa muito quando é algo muito urgente.”

13) Como se mantém atualizado?

Atualiza-se pela internet e até o jornal impresso costuma a ver na tela do computador.

“Quando eu chego em casa eu entro na internet, vou ver mais notícias. É bem um vício mesmo.”

14) Utiliza *notebook*, *smartphone* ou outras tecnologias para auxiliar no trabalho ou mesmo buscar informações? Gosta de se manter atualizado sobre novas tecnologias, novos produtos, por exemplo?

Apesar de não possuir esses aparelhos, diz que gosta de se manter atualizada sobre os lançamentos.

15) O quão importante acredita que a tecnologia é para a realização do seu trabalho e na sua vida social?

“A tecnologia é fundamental. Daqui a alguns anos, o jornal impresso não vai existir, pois vai ser tudo voltado para internet com os *sites* colaborativos.”

16) Participa de bate-papos ou sítios de relacionamento, como *Orkut*? Tem *Flickr*, *fotolog*, *blog*? Utiliza a internet para conhecer novas pessoas?

Já teve vários *blogs* e participa de *site* de relacionamentos. Já utilizou muito a internet para fazer novas amizades, e as pessoas que conheceu por esse meio são suas amigas até hoje; no entanto, hoje não se “arriscaria” mais a fazer novos contatos pela internet.

17) Quais as principais dificuldades e facilidades em se trabalhar em um veículo *online*?

As facilidades seriam a agilidade, a rapidez e a praticidade. A dificuldade seria a apuração, que, por ser muito rápida, pode ser fraca e acaba resultando em informações insuficientes ou mesmo incorretas.

18) Apresenta alguma enfermidade em decorrência do trabalho?

Não.

19) O que costuma fazer nas horas de lazer?

“Vejo filmes e assisto a seriados durante a semana. Também gosto muito de ler livros, revistas e ouvir música todos os dias. Faço curso de espanhol nas terças e quintas. No fim de semana, costumo almoçar fora de casa e depois gosto de passear na livraria ou em algum shopping. No fim de semana também gosto de encontrar amigos em barzinho e ir ao teatro. Como larguei a academia, estou tentando voltar aos poucos, fazendo caminhada. Mas confesso que isso não tem sido tão frequente.”

20) Quantas matérias publica em média por dia?

Uma média de seis matérias por dia.

21) Seria possível realizar o seu trabalho sem a necessidade de estar na redação?

Daria para realizar o trabalho de casa, pois muitas coisas são apuradas por telefone.

Considerações

Essa jornalista também demonstrou-se muito animada com o webjornalismo, uma vez que é o seu primeiro emprego na área e está fazendo algo de que gosta. A não-interferência nas relações familiares afirmada por ela, parece ocorrer devido ao pouco tempo na profissão. As equipes analisadas possuíram a característica de ter jornalistas muito novos, recém-formados e ávidos pela primeira experiência pessoal.

A entrevistada C também enfatizou o “vício” com relação à internet e declarou gostar de tecnologia. Ela ainda argumentou que o jornal impresso, ao qual ela não lê mais, tende a desaparecer nos próximos anos. Afirmção um pouco precipitada, uma vez que não seria pelo fato de haver o crescente aumento de *sites* colaborativos que haverá o desaparecimento dos jornais impressos. Ao pensar dessa forma também poder-se-ia levar em conta o desaparecimento dos jornalistas, pois estes seriam figuras descartadas (ou descartáveis) no processo de recolhimento e publicação das informações. Contudo, o excesso de informação propiciado pela *web* carece de um profissional que saiba filtrar esses dados para o público.

O leitor que quiser matérias com um maior teor de conteúdo continuará buscando sua versão impressa, mesmo que seja pelo simples prazer de folhear as páginas do jornal. Não é devido ao surgimento de uma nova ferramenta, seja dos *blogs* ou *sites* colaborativos, que se pode afirmar que o impresso irá desaparecer, pois um novo meio, um novo veículo tende a adaptar-se ao surgimento do outro, para acompanhá-lo ou incorporá-lo, mas não para suprimi-lo. Ao menos foi o que tivemos até o presente momento com a televisão, o rádio e o impresso.

Voltando à entrevistada, ela revelou que já utilizou muito a internet para conhecer novas pessoas e fazer amizades, e destacou que muitos dos que encontrou na internet são seus amigos até hoje. A jornalista disse que atualmente não se arriscaria mais em conhecer pessoas pela internet, pois considera muito arriscado porque existem muitas pessoas que criam perfis falsos para conversarem com outras pessoas.

Assim como apontaram seus colegas de redação, ela destaca a agilidade como um facilitador de transmissão de notícias da mesma maneira que dificulta a apuração correta das notícias. Por um lado, tem-se a notícia passada em “tempo real”, por outro, não se sabe se ela está completa ou se é realmente verídica e confiável.

A prática de atividade física fica em segundo plano. Ela diz que, até no começo da faculdade, praticava atividades físicas como tênis e academia, mas foram aos poucos

sendo deixadas de lado devido aos estágios e ao primeiro emprego. Nas horas livres, ela opta pelo cinema e idas a bares com amigos.

Entrevistado D

1) Idade e estado civil

23 anos, solteiro.

2) Caso já tenha sido casado, casou-se mais de uma vez?

Não é casado.

3) Tem filhos?

Não.

4) Possui pós-graduação ou outro curso superior?

Não, mas pretende fazer pós-graduação em jornalismo econômico.

5) Acha que a profissão interfere nas relações com familiares, amigos, namorado(a)?

Acredita que não interfere.

6) As amizades estão principalmente no ambiente de trabalho?

A maioria sim.

7) Há quanto tempo é jornalista?

Há um ano.

8) Há quanto tempo trabalha com jornalismo *online*?

Trabalha há nove meses como jornalista *online*.

9) Trabalha em qual editoria?

Concursos.

10) Gosta de trabalhar como jornalista *online*? Por quê?

Gosta, devido à agilidade.

11) Como é a rotina na redação?

Começa vendo as pautas e o que está em discussão nas casas legislativas. Fecha a pauta e começa a trabalhar em cima dela. A partir das 18h, começa a “fechar” o *site* e preparar o que vai “dormir” nele.

12) Quantas horas trabalha por dia? Tem que ficar na redação além do horário de trabalho com muita frequência?

Trabalha das 15h as 20h. Não costuma ficar muito tempo depois do horário de trabalho.

13) Como se mantém atualizado?

“Depois que eu comecei a trabalhar com internet, eu praticamente não olho mais jornal impresso. Eu leio o impresso na internet. Quando saio do trabalho e vou pra casa, eu volto para a internet.”

14) Utiliza *notebook, smartphone* ou outras tecnologias para auxiliar no trabalho ou mesmo para buscar informações? Gosta de se manter atualizado sobre novas tecnologias, novos produtos, por exemplo?

Gosta e consome o que a tecnologia oferece.

15) O quão importante acredita que a tecnologia é para a realização do seu trabalho e na sua vida social?

“Eu acredito na causa e consequência. Se não houvesse tecnologia da forma que ela está hoje, não existiria o trabalho da forma como ele existe, porque não seria possível que as pessoas consumissem a informação que eu estou produzindo daqui a 10 minutos. A tecnologia é vital para o meu trabalho e o meu trabalho só existe por causa da tecnologia.”

16) Participa de bate-papos ou sítios de relacionamento, como *Orkut*? Tem *Flickr, fotolog, blog*? Utiliza a internet para conhecer novas pessoas?

Participa de *Orkut*. Não usa a internet para conhecer novas pessoas.

17) Quais as principais dificuldades e facilidades em se trabalhar em um veículo *online*?

“A principal dificuldade é que as fontes não estão acostumadas com o nosso ritmo de produção. No jornal impresso você já tinha essa dificuldade. A fonte não assimila que aquela demanda é pra aquele dia e na internet isso piora. Se eu preciso de uma informação para hoje eu preciso checá-la em no máximo uma hora. E as fontes não assimilam esse ritmo de produção. O mais interessante é pode trabalhar com mais de uma mídia, com texto, imagem, texto, vídeo... Você tem o *feedback* quase que instantâneo. O *feedback* e a possibilidade de trabalhar com várias mídias são os pontos mais interessantes.”

18) Apresenta alguma enfermidade em decorrência do trabalho?

Não.

19) O que costuma fazer nas horas de lazer?

Leitura em casa.

Cinema - duas vezes por mês, em média.

Assistir DVDs em casa - em média dois por semana.

20) Quantas matérias publica em média por dia?

De quatro a seis notícias por dia.

21) Seria possível realizar o seu trabalho sem a necessidade de estar na redação?

Seria possível realizar o trabalho de casa, mas seria preciso disponibilizar telefone para falar com as fontes.

Considerações

O entrevistado D, assim como a maioria dos colegas, aponta que seus amigos são principalmente jornalistas. A pouca idade, apenas 23 anos, também demonstra a não preocupação com a interferência do trabalho nas relações familiares.

Esse entrevistado também revelou que não lê mais as versões impressas dos jornais, pois agora lê todos na internet, porque acha mais rápido e prático. Esses jovens profissionais parecem ter se afastado das versões impressas, talvez devido à comodidade de, em apenas um clique, ir passando as páginas (algo que se refere às versões impressas) e também à rapidez da internet, pois tudo é dado de uma forma sucinta. Não se pode negar a possibilidade de haver grandes reportagens na *web* e também textos mais aprofundados, apurados por meio dos recursos multimídia, em especial os *links*, porém também é preciso destacar que a leitura nos monitores de computador é mais lenta e mais cansativa do que a leitura regular.

A necessidade de sair do ambiente de trabalho, no qual se está sempre conectado, *online*, e, ao chegar em casa, voltar ao computador, também aparece na fala desse profissional. Além disso, ele frisa que gosta de consumir o que a tecnologia pode proporcionar. “A tecnologia é vital para o meu trabalho e o meu trabalho só existe por causa da tecnologia”, argumentou o entrevistado.

O lazer, assim como apontado pelos demais colegas, também fica por conta de idas esporádicas ao cinema e a leituras de livros e revistas.

A velocidade de transmissão da notícia foi apontada como um aspecto difícil de se lidar para passar a informação. Do mesmo modo, o volume de informações que chega constantemente à redação torna-se difícil de ser administrado dependendo da demanda do dia. O lado bom, apontado por esse webjornalista, de se trabalhar com um veículo *online* é o *feedback* quase instantâneo passado pelos leitores, além de poder trabalhar com áudio, vídeo, texto, infográficos etc.

Os jovens profissionais da equipe do Correio *Web* destacaram que não têm “fissura”, loucura, por tecnologia; porém, todos deixaram escapar que gostam de obter

novos recursos de software ou hardware, os quais podem facilitar o trabalho e ser utilizados na vida pessoal. Constatou-se também que os entrevistados não conseguem ficar muito tempo sem verificar notícias na internet, alguns até mesmo no seu período de férias ou de descanso.

Todos os jornalistas desse primeiro bloco participam de algum *site* de relacionamentos, em especial o *Orkut*, para manter contatos com amigos e até mesmo pesquisar algumas possíveis fontes.

5.5– O Correio Braziliense.com.br (CB.com.br)

Lançado em 21 de abril de 2008, no dia de aniversário de Brasília e do próprio jornal, o CB.com.br apresenta 13 *blogs* dos colunistas, vídeos, *podcasts*³⁷, infográficos, notícias em tempo real e o conteúdo completo da versão impressa.

Os assinantes podem acompanhar as notícias impressas do Correio Braziliense no formato HTML (com recurso adicional “Leia Mais” em texto) ou pelo Correio Digital (por meio da ferramenta *flip*), sistema que reproduz a edição impressa. Essa tecnologia permite ao leitor “folhear” com o mouse as páginas do jornal.

O *site* é composto pelas editorias de Política, Distrito Federal, Brasil, Economia, Esportes, Mundo e Divirta-se. O *site* possui 1.471.571 visitas e 6.351.415³⁸ *page views* em junho de 2008.

No *CB.com.br* foram entrevistados seis repórteres das diversas editorias entre 23 e 27 anos. A redação do *CB.com.br* localiza-se no meio da redação do jornal impresso. Logo que se entra na grande sala lotada de computadores por todos os lados e do som constante dos teclados, tem-se uma placa indicando onde fica a equipe do *CB.com.br*. Há uma grande bancada rodeada de jornalistas, onde, na ponta, fica a editora-chefe do *site* e, no meio, ficam os subeditores. A redação é bem iluminada, mas quase não se tem a visão do exterior do prédio, devido às persianas. O horário que a editoria solicitou que a pesquisa fosse realizada foi o período entre 13h30 e 15h, no qual há a transição entre as equipes da manhã com a da tarde, ou na linguagem do jornal: “quando uma equipe chega para render a outra”.

³⁷ “Podcast significa uma junção das palavras broadcast e Ipod e resulta na possibilidade de disponibilização de programas de áudio que podem ser ouvidos no computador em tempo real ou baixado para um tocador de MP3 possibilitando mobilidade na emissão do arquivo.” (SILVA, 2007)

³⁸ Fonte: Google Analytics, junho de 2008.

A equipe do *CB.com.br*, assim como a do *Correio Web*, não sai para fazer apurações, pois a equipe é pequena (são 16 repórteres, uma editora, três subeditores e quatro estagiários, divididos entre os turnos da manhã e da tarde). É muito raro alguém deslocar-se para entrevistar uma fonte, por exemplo. É a equipe do jornal impresso que realmente vai às ruas e envia vários *flashes* para o *online*. Muitas editorias são abastecidas com matérias de agências de notícias.

A correria é constante na editoria de Cidades, pois sempre há algo novo para ser publicado. Um dos repórteres entrevistados dessa editoria disse que não tem hora de almoço, pois não consegue parar. Só quando acaba seu expediente é que ele tem tempo para alimentar-se.

Entrevistado E

1) Idade e estado civil

23 anos, solteira.

2) Caso já tenha sido casado, casou-se mais de uma vez?

Não é casada.

3) Tem filhos?

Não.

4) Possui pós-graduação ou outro curso superior?

Não, mas pretende fazer pós-graduação em jornalismo *online* ou multimídia.

5) Acha que a profissão interfere nas relações com familiares, amigos, namorado(a)?

“A profissão interfere um pouco nas relações pessoais, pois não é uma rotina como a das outras profissões, que você tem um horário para entrar e pra sair. Às vezes você marca alguma coisa, mas precisa ficar na redação até mais tarde. No *online* acontece muito isso; de repente acontece uma cobertura especial.”

6) As amizades estão principalmente no ambiente de trabalho?

A maioria das amizades é de jornalistas.

7) Há quanto tempo é jornalista?

Há um ano.

8) Há quanto tempo trabalha com jornalismo *online*?

Há oito meses.

9) Trabalha em qual editoria?

Política, mas revela que muitas vezes, por falta de pessoal, tem de trabalhar na editoria de economia.

10) Gosta de trabalhar como jornalista *online*? Por quê?

Sim, devido à agilidade e à interação.

11) Como é a rotina na redação?

Quando chega pela manhã, a página de política está bem desatualizada. Então, atualiza toda a página. A equipe não sai da redação, pois não possui pessoas suficientes para fazer apurações externas. O pessoal do CB *online* fica recebendo *flashes* dos repórteres do CB impresso. A entrevistada relata que faz uma pauta ou outra por telefone mesmo.

12) Quantas horas trabalha por dia? Tem que ficar na redação além do horário de trabalho com muita frequência?

Entra às 15h. Não costuma passar muito do horário de trabalho.

13) Como se mantém atualizado?

Lê pela manhã os jornais impressos e depois passa a ler na internet. Fica o tempo todo conectada para ver o que os concorrentes estão manchitando.

“Assim que chego em casa, ligo o computador para ver a se matéria que deixei programada entrou e para ver se alguma coisa, mesmo que não seja da editoria, que ficou todo mundo envolvido, para ver o que deu, se conseguiram fazer a matéria.”

14) Utiliza *notebook*, *smartphone* ou outras tecnologias para auxiliar no trabalho ou mesmo buscar informações? Gosta de se manter atualizado sobre novas tecnologias, novos produtos, por exemplo?

Se mantém atualizada com relação aos tipos de servidor, tratamento de fotografias, especificamente sobre o que é preciso para realizar bem o trabalho.

15) O quão importante acredita que a tecnologia é para a realização do seu trabalho e na sua vida social?

“Sem a tecnologia nós não fazemos nada, do fotógrafo que foi para a pauta ter levado um *laptop* para me passar a foto e me passar antes de todo mundo, porque, se ele chegar na redação e ainda ter que descarregar uma foto, vai demorar muito. De como os repórteres vão passar esse *flash* pra mim, se eles vão me ligar, se eles levaram *laptop*, se já vão me passar direito por *e-mail* tudo para colocar a matéria no ar. Desde do provedor de acesso até o nosso sistema de publicação, desde de conseguir a matéria até conseguir colocar ela no ar, a tecnologia é tudo.”

16) Participa de bate-papos ou sítios de relacionamento, como *Orkut*? Tem *Flickr*, *fotolog*, *blog*? Utiliza a internet para conhecer novas pessoas?

Participa de *site* de relacionamento, mas não utiliza para conhecer novas pessoas

17) Quais as principais dificuldades e facilidades em se trabalhar em um veículo *online*?

“No veículo *online* você tem que ter muito cuidado, porque é tudo muito rápido e tem aquela pressão de publicar antes de todo mundo e nessa você pode acabar dando muita informação errada. Na apuração do *online*, além de ser rápida, você tem que ter credibilidade forte com a fonte para poder dar aquela matéria que você está apurando no telefone. Mas, no *online*, quando você erra alguma coisa, você pode consertar na mesma hora; já no impresso isso não é possível. Também pode interagir rápido, porque às vezes a gente coloca uma matéria no ar e alguém logo em seguida já coloca um comentário falando de uma outra coisa que já aconteceu naquele mesmo sentido.”

18) Apresenta alguma enfermidade em decorrência do trabalho?

Não.

19) O que costuma fazer nas horas de lazer?

“Nas horas de lazer eu frequento festas e casas de amigos. Vou ao cinema, leio livros. Gosto de viajar sempre que possível, mesmo que seja nos fins de semana. E também aproveito o tempo para descansar.”

20) Quantas matérias publica em média por dia?

“Quando o dia está bom de matéria, eu não passo quinze minutos sem postar alguma matéria. Mas se for um tema polêmico, esse tempo diminui ainda mais, passando para a cada cinco minutos. A gente ainda depende muito dos repórteres do impresso, pois são eles que ficam na rua apurando.”

21) Seria possível realizar o seu trabalho sem a necessidade de estar na redação?

Seria possível realizar o trabalho de casa.

Considerações

A primeira entrevistada do *CB.com.br* é recém-formada e tem apenas 23 anos. Ela revelou que o interesse por veículos *online* veio ainda quando estava na faculdade e que o primeiro estágio foi na área. Ela foi uma das primeiras que, apesar da pouca idade, admitiu que a profissão interfere nas relações com familiares e com amigos, especialmente com aqueles que não são jornalistas, pois, muitas vezes, teve que adiar ou desmarcar compromissos devido a acontecimentos que surgiram na última hora.

Ela destacou que os repórteres do *CB.com.br* não fazem muitas apurações externas; eles recebem *flashes* do CB impresso e apuram uma pauta ou outra por telefone.

O esquema de plantão nos dois jornais (*Correio Web* e *CB.com.br*) é semelhante. Há o revezamento dos repórteres: eles dão um plantão num final de semana e folgam três.

Essa jornalista parece ser uma das únicas que ainda recorre à versão impressa para posteriormente ler a versão *online*. Ela revela que passa o restante do dia conectada para averiguar o que os concorrentes estão publicando e, assim que sai do trabalho e chega em casa, ela retorna ao computador para verificar se a matéria que deixou programada realmente entrou e para conferir o que os colegas publicaram. Não é nenhuma novidade que os jornalistas do *online* também sintam a necessidade de ver o que os concorrentes estão publicando. Independentemente do veículo para o qual trabalham, seja impresso, televisão, rádio ou mesmo para a internet, todo profissional da notícia deve saber o que o outro já publicou, como publicou e se está ou não em desvantagem. É o que foi apontado por Kucinski (2004) em capítulos anteriores como “rede de factibilidade”, na qual os jornalistas se apoiam uns nos outros.

Ela considera essencial a tecnologia para o seu trabalho e diz que gosta de se manter atualizada sobre tipos de servidor, tratamento de fotografias, ou seja, sobre meios que facilitem seu trabalho.

A jornalista pondera que o webjornalismo demanda velocidade e muitas vezes os erros são inevitáveis. Por outro lado, ela aponta a interação com o público como um fator positivo. Contudo, a chamada interação, indicada pela entrevistada, poderia ser melhor caracterizada como uma forma de *feedback* mais ágil do leitor, uma vez que a interação não equivale a apenas apontar um erro em um texto, por exemplo. A interação remete-se a dois lados, estabelecendo uma relação.

Entrevistado F

1) Idade e estado civil

25 anos, solteira.

2) Caso já tenha sido casado, casou-se mais de uma vez?

Não é casada.

3) Tem filhos?

Não.

4) Possui pós-graduação ou outro curso superior?

Não, mas pretende fazer pós-graduação em telejornalismo.

5) Acha que a profissão interfere nas relações com familiares, amigos, namorado(a)?

As relações com a família são as mais afetadas, pois convive muito pouco com eles.

“Jantares, festas de família são coisas que eu geralmente não participo.”

6) As amizades estão principalmente no ambiente de trabalho?

Não necessariamente.

7) Há quanto tempo é jornalista?

Há um ano.

8) Há quanto tempo trabalha com jornalismo *online*?

Há um ano.

9) Trabalha em qual editoria?

É repórter do *Web Journal*, editora e produtora.

10) Gosta de trabalhar como jornalista *online*? Por quê?

Gosta, devido à possibilidade de agregar várias mídias, apesar de preferir trabalhar com telejornalismo.

11) Como é a rotina na redação?

Chega 9h30 e começa a planejar o *webjournal* que é gravado às 14h30 e vai ao ar às 16h30. Vê as pautas. Grava e edita as matérias.

12) Quantas horas trabalha por dia? Tem que ficar na redação além do horário de trabalho com muita frequência?

Trabalha das 09h às 14h. Muito raramente fica além do horário.

13) Como se mantém atualizado?

Se mantém atualizada principalmente pela internet e pela televisão.

14) Utiliza *notebook*, *smartphone* ou outras tecnologias para auxiliar no trabalho ou mesmo buscar informações? Gosta de se manter atualizado sobre novas tecnologias, novos produtos, por exemplo?

Diz não ter a menor paciência com tecnologia.

15) O quão importante acredita que a tecnologia é para a realização do seu trabalho e na sua vida social?

Considera muito importante, apesar de não gostar de lidar com tecnologias.

16) Participa de bate-papos ou sítios de relacionamentos, como *Orkut*? Tem *Flickr*, *fotolog*, *blog*? Utiliza a internet para conhecer novas pessoas?

Não participa de nenhum tipo de *site*.

17) Quais as principais dificuldades e facilidades em se trabalhar em um veículo *online*?

“A gente tem dificuldades na disponibilização de conteúdo, especialmente em relação aos vídeos, pois os arquivos acabam se tornando muito pesados. Com relação aos vídeos, as pessoas não têm paciência em ficar esperando vídeo baixar. Se o vídeo começar a travar, as pessoas desistem. O lado bom seria a autonomia e poder experimentar, ver o que dá certo ou não, é um privilégio.”

18) Apresenta alguma enfermidade em decorrência do trabalho?

Não.

19) O que costuma fazer nas horas de lazer?

Costuma sair com amigos ou com o namorado para cinema, bares, teatro etc.

20) Quantas matérias publica em média por dia?

Quatro.

21) Seria possível realizar o seu trabalho sem a necessidade de estar na redação?

Não, pois a equipe do *webjournal* precisa de todo equipamento e suporte para edição e gravação do jornal.

Considerações

O acúmulo de funções apareceu na fala dessa entrevistada. Como o *CB.com.br* possui um *webjournal*, a entrevistada *F* revelou que tem as funções de repórter do *webjournal*, editora, pauteira, produtora e apresentadora. O enxugamento das redações é um aspecto que veio à tona com o surgimento da internet e também graças ao crescimento de mão de obra barata, ou seja, os estagiários.

Ela apontou que as relações com os familiares foram bastante afetadas e acaba convivendo pouco tempo com eles. “Jantares, festas de família são coisas que eu geralmente não participo.”

Apesar de declarar sua preferência em trabalhar com televisão, a jornalista mostra grande interesse pelo *online* graças à possibilidade dos recursos propiciados. “Estamos trabalhando com algo totalmente novo, que podemos ainda ousar.”

Entrevistado G

1) Idade e estado civil

27 anos, solteiro.

2) Caso já tenha sido casado, casou-se mais de uma vez?

Não é casado.

3) Tem filhos?

Não.

4) Possui pós-graduação ou outro curso superior?

Não, mas pretende fazer pós-graduação em Relações Internacionais ou Ciências Políticas.

5) Acha que a profissão interfere nas relações com familiares, amigos, namorado(a)?

A profissão interfere nas relações com a família e, principalmente com a namorada, que às vezes não entende o ritmo de trabalho do jornalismo.

“O ritmo de vida dela é mais flexível do que o meu. Agora no final do ano estávamos preparando uma viagem, mas vai depender do meu esquema de plantão”

6) As amizades estão principalmente no ambiente de trabalho?

As amizades são principalmente de jornalistas, mas o entrevistado diz tentar evitar um pouco para “respirar ares diferenciados”.

“Eu tento evitar, mas, ao mesmo tempo quando eu saio e encontro um amigo jornalista, eu acho que a conversa flui com mais naturalidade, com mais elementos em comum.”

7) Há quanto tempo é jornalista?

Há dois anos.

8) Há quanto tempo trabalha com jornalismo *online*?

Um ano e meio.

9) Trabalha em qual editoria?

Cidades.

10) Gosta de trabalhar como jornalista *online*? Por quê?

Gosta de trabalhar no *online* devido à questão da agilidade, de dar a notícia com mais rapidez, apesar de, no impresso, poder trabalhar com mais detalhes.

“Tudo o que sai no impresso no dia seguinte já foi noticiado pelo *online* antes.”

11) Como é a rotina na redação?

Entra na redação às 8h, verifica se têm ocorrências, acidentes de trânsito, homicídios. Depois olha as sugestões de pautas, filtra-as e vê o que rende.

“A prioridade é o factual, embora uma vez ou outra dê para publicar uma matéria com cara de impresso. Só no período na manhã a equipe de cidades já colocou aproximadamente cinco ou seis matérias no ar.”

12) Quantas horas trabalha por dia? Tem que ficar na redação além do horário de trabalho com muita frequência?

Ele diz não ter horário de almoço, mas algumas editorias conseguem tirar uma hora de almoço.

“A equipe de *Cidades* não pára, aliás, só pára quando já entrando a próxima equipe.”

13) Como se mantém atualizado?

Se mantém atualizado por meio de internet e rádio. “Minha internet está sempre ligada em casa.”

14) Utiliza *notebook*, *smartphone* ou outras tecnologias para auxiliar no trabalho ou mesmo buscar informações? Gosta de se manter atualizado sobre novas tecnologias, novos produtos, por exemplo?

Gosta de se manter atualizado sobre novas tecnologias e consumi-las.

15) O quão importante acredita que a tecnologia é para a realização do seu trabalho e na sua vida social?

“É fundamental para ambos os aspectos.”

16) Participa de bate-papos ou sítios de relacionamentos, como *Orkut*? Tem *Flickr*, *fotolog*, *blog*? Utiliza a internet para conhecer novas pessoas?

Gosta de *blogs*, mas ainda “não se rendeu”. “O campo da internet é um campo muito democrático, pois você está sempre contribuindo de alguma maneira com ele a todo instante. É uma ferramenta que a gente usa a nosso favor.”

17) Quais as principais dificuldades e facilidades em se trabalhar em um veículo *online*?

“O bom de trabalhar com *online* é agilidade e poder dar a notícia em primeira mão. No *online*, a gente pauta todos. Porém há limitação de não poder dar um material mais denso, mais detalhado, mais apurado. Ficamos muito tempo na redação, mas o jornalismo de verdade é o jornalismo de rua.”

18) Apresenta alguma enfermidade em decorrência do trabalho?

Apresenta alguns problemas de coluna e de visão

19) O que costuma fazer nas horas de lazer?

Sair com a namorada, ir ao cinema e ao teatro.

20) Quantas matérias publica em média por dia?

Coloca no ar de quatro a cinco matérias por dia. “No dia em que não tem muita notícia, a gente sofre, mas a culpa não é nossa e, mesmo assim, a gente tem que conseguir dar alguma coisa. Às vezes fica uma mesma manchete duas horas no ar. Então às vezes publicamos matérias que são um verdadeiro peso noticioso”

21) Seria possível realizar o seu trabalho sem a necessidade de estar na redação?

“Não tem como realizar o trabalho de casa, pois tem que falar com editor, precisa de telefone da redação.”

Considerações

O entrevistado *G* é o mais velho da equipe da tarde. Tem 27 anos e também parece um típico estereótipo do jornalista *online*, pois vive em uma rotina tumultuada. Não tem tempo para se alimentar corretamente e está sempre atento ao que está acontecendo ao seu redor, conectado praticamente 24h à internet. Repórter da editoria de *Cidades*, ele revelou que não tem horário para almoçar, pois “quando ponho a bunda na cadeira não tenho um horário para sair, o almoço fica para depois do expediente. Não tem como ficar saindo toda hora em *Cidades*”, argumentou o jornalista *G*. A equipe de *Cidades* só pára quando chega o pessoal do turno seguinte.

A incompreensão com seus horários de trabalho parte da família e de sua namorada. “É muito complicado o namoro, porque ela não é jornalista. Na profissão dela, ela pode ter um horário fixo para as coisas. Eu não.”, declarou.

Ele também disse que as amizades são de jornalistas e do ambiente de trabalho, pois, por mais que tente conhecer pessoas de outras profissões, o profissional declarou que, quando encontra com jornalistas, a conversa flui com maior naturalidade.

Assim como os demais entrevistados, esse jornalista vê na internet um lugar para experimentações, um novo mercado. A agilidade do meio foi novamente citada como um fator que auxilia e ao mesmo tempo dificulta o desenvolvimento do trabalho, pois propicia o aumento de erros na publicação de notícias, além de dificultar a elaboração de um material mais denso, detalhado. “Ficamos muito tempo na redação, mas o jornalismo de verdade é feito na rua.” Ponto interessante apontado por esse jornalista, pois se o jornalismo de verdade, na opinião dele, é aquele que é feito por meio de apuração, de corrida atrás de fontes, estes webjornalistas seriam o quê? Meros produtores de notas?

Devido às horas que fica em frente ao computador, o entrevistado *G* já apresenta problemas de visão e de coluna. O lazer fica por conta de idas ao cinema, ao teatro e de dar maior atenção à namorada.

Entrevistado H

1) Idade e estado civil.

23 anos, solteira.

2) Caso já tenha sido casado, casou-se mais de uma vez?

Não é casada.

3) Tem filhos?

Não.

4) Possui pós-graduação ou outro curso superior?

Não, mas pensa em fazer futuramente.

5) Acha que a profissão interfere nas relações com familiares, amigos, namorado(a)?

Acredita que o *online* não interfere tanto nas relações com familiares e com o namorado, como acontecia quando trabalhava em um veículo impresso. Vê os horários do *online* como mais flexíveis do que os do impresso.

6) As amizades estão principalmente no ambiente de trabalho?

Amizades principalmente de jornalistas.

7) Há quanto tempo é jornalista?

Há um ano.

8) Há quanto tempo trabalha com jornalismo *online*?

Há sete meses.

9) Trabalha em qual editoria?

Cidades.

10) Gosta de trabalhar como jornalista *online*? Por quê?

“Gosto de trabalhar com isso, pois acho que o *online* oferece muito mais serviço do que o impresso.”

11) Como é a rotina na redação?

Entra às 14h, vê o que já foi publicado pelos concorrentes e faz a ronda.

“A gente não pode deixar de dar alguma notícia que alguém já deu, mesmo que seja atrasado.”

12) Quantas horas trabalha por dia? Tem que ficar na redação além do horário de trabalho com muita frequência?

Das 14h às 20h. “Difícilmente passa do horário, no máximo uma hora a mais.”

13) Como se mantém atualizado?

“Eu fico vendo jornais o dia inteiro pela internet, não pego mais em papel”

14) Utiliza *notebook*, *smartphone* ou outras tecnologias para auxiliar no trabalho ou mesmo buscar informações? Gosta de se manter atualizado sobre novas tecnologias, novos produtos, por exemplo?

“Eu gosto de me manter atualizada sobre novas tecnologias, informática, pois eu trabalhei no caderno de informática, mesmo sendo que algo que, possivelmente, eu não possa ter.”

15) O quão importante acredita que a tecnologia é para a realização do seu trabalho e na sua vida social?

“Essencial, tanto para o pessoal como para o profissional, e possui prós e contras como qualquer coisa.”

16) Participa de bate-papos ou sítios de relacionamentos, como *Orkut*? Tem *Flickr*, *fotolog*, *blog*? Utiliza a internet para conhecer novas pessoas?

Adora ler e participar de *blogs*, apesar de não ter um. Diz que fica conectada o dia inteiro no *Gtalk*.

17) Quais as principais dificuldades e facilidades em se trabalhar em um veículo *online*?

“A principal vantagem do *online* é você poder dar a notícia agora, o imediatismo. O lado ruim é que você tem a possibilidade de errar mais, não tem tempo para aprofundar, não tem uma avaliação correta da notícia.”

18) Apresenta alguma enfermidade em decorrência do trabalho?

Não.

19) O que costuma fazer nas horas de lazer?

“Nas minhas horas de lazer eu geralmente saio para dançar, vou a festas, pubs ou casas de show. Eu também vou muito ao cinema, bares, assisto a muita TV e leio bastante livros de ficção.”

20) Quantas matérias publica em média por dia?

Coloca uma média de 10 matérias no ar por dia.

21) Seria possível realizar o seu trabalho sem a necessidade de estar na redação?

Acredita que não poderia realizar seu trabalho de casa, pois necessita da estrutura da redação para dar suporte e acha que o trabalho demoraria mais, porque ficaria longe dos editores.

Considerações

Mais uma jornalista nova e com pouca experiência, apenas 23 anos. Essa profissional argumentou que sentia que a profissão interferia mais nas relações com familiares e com o namorado quando trabalhava em um veículo impresso. Ela disse que o *online* tem que oferecer mais serviço do que o impresso, por isso você pode conciliar relações pessoais e trabalho.

Ela também relatou que fica praticamente o dia inteiro olhando os principais jornais pela internet e conectada no *Gtalk*³⁹. Ela também mostrou o interesse por *blogs* e *sites* colaborativos, dos quais gosta de participar.

A jornalista, assim como outros entrevistados, revelou que há uma grande probabilidade de erros no webjornalismo, desde erros gramaticais até de apuração. “Você não tem tempo para apurar, não tem como fazer uma avaliação correta da notícia”, falou a entrevistada.

Assim como o colega de trabalho anteriormente entrevistado, essa profissional aponta o webjornalismo apenas como uma prestação de serviço. Sem dúvida, o jornalismo em si é uma prestação de serviço à sociedade, mas o ponto enfatizado por ela mostra o webjornalismo como um ramo que poderia ser considerado “inferior” ao impresso, por exemplo.

Devido à pouca experiência dos entrevistados e à pouca idade, praticamente a maioria deles revelou que não poderia realizar seu trabalho de casa, mesmo tendo acesso a computador, internet e ao sistema de publicação de notícias do jornal, pois necessitariam da estrutura da redação e, principalmente da revisão dos editores.

³⁹ O *Gtalk* é um serviço de mensagens desenvolvido pelo Google, que engloba recursos de mensagens instantâneas de texto e voz. O programa ainda funciona como notificador de novos *e-mails* em contas do Gmail, serviço gratuito de *e-mail* também criado pelo Google. Para utilizar o Google Talk é preciso ter uma Conta Google. (Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Google_Talk).

Entrevistado I

1) Idade e estado civil

23 anos, solteira.

2) Caso já tenha sido casado, casou-se mais de uma vez?

Não é casada.

3) Tem filhos?

Não.

4) Possui pós-graduação ou outro curso superior?

Não, mas pretende fazer mestrado em história.

5) Acha que a profissão interfere nas relações com familiares, amigos, namorado(a)?

Acredita que a profissão interfere na relação com a família, mas esta entende, pois também existem outros jornalistas na família.

6) As amizades estão principalmente no ambiente de trabalho?

Sim, principalmente.

7) Há quanto tempo é jornalista?

Há um ano.

8) Há quanto tempo trabalha com jornalismo *online*?

Há um ano.

9) Trabalha em qual editoria?

Apontou que estava cobrindo duas editorias, devido à falta de pessoas na equipe, assim acumulava as editorias de Política e Brasil.

10) Gosta de trabalhar como jornalista *online*? Por quê?

Disse que gosta de trabalhar com um veículo *online*, mas, se pudesse escolher uma área, escolheria o impresso.

11) Como é a rotina na redação?

Costuma a olhar as matérias de agências e depois atualiza a página de política. Confessa que, na maioria das vezes, as matérias são todas vindas de agências de notícias e que raras vezes produz algum texto em que realmente é necessária a apuração.

12) Quantas horas trabalha por dia? Tem que ficar na redação além do horário de trabalho com muita frequência?

Trabalha das 8h às 15h e dificilmente fica além desse horário.

“Eu gosto muito do que faço; então, se o meu horário normal de trabalho ultrapassar, pra mim não tem nenhum problema.”

13) Como se mantém atualizado?

Gosta de se manter atualizada por jornais da internet e diz ficar sempre conectada. Quando sai do trabalho e chega em casa, liga logo o computador e, se perceber algo diferente ou que não foi dado, liga para a redação. Quando percebe algum erro dos colegas, também liga para o amigo e avisa a ele para alterar a matéria.

14) Utiliza *notebook*, *smartphone* ou outras tecnologias para auxiliar no trabalho ou mesmo buscar informações? Gosta de se manter atualizado sobre novas tecnologias, novos produtos, por exemplo?

Não se considera uma pessoa que gosta de acompanhar as novas tecnologias, mas gostaria de fazer cursos relacionados à internet, como HTML, por exemplo.

15) O quão importante acredita que a tecnologia é para a realização do seu trabalho e na sua vida social?

“Não consigo imaginar como os jornalistas antes trabalhavam sem internet, pois tudo o que você precisa você encontra na *web*.” A repórter disse que, por não ser de Brasília, utiliza muito a internet para manter contato com familiares e amigos de sua cidade natal.

16) Participa de bate-papos ou sítios de relacionamentos, como *Orkut*? Tem *Flickr*, *photolog*, *blog*? Utiliza a internet para conhecer novas pessoas?

“Meu sonho é ter um blog, mas eu nunca consegui, não tive tempo ainda de criar um.”

17) Quais as principais dificuldades e facilidades em se trabalhar em um veículo *online*?

“O lado ruim é a questão do tempo. Às vezes eu tenho que escolher entre colocar a notícia no ar logo ou apurá-la melhor. Ou eu faço a matéria mais devagar ou deixo o concorrente publicar primeiro. Mas eu acho bem mais tranquilo do que no impresso”

18) Apresenta alguma enfermidade em decorrência do trabalho?

Não.

19) O que costuma fazer nas horas de lazer?

“Gosto de sair com os amigos, ir ao cinema, ir a bares.”

20) Quantas matérias publica em média por dia?

Cinco matérias em média.

21) Seria possível realizar o seu trabalho sem a necessidade de estar na redação?

A entrevistada I afirma que o trabalho poderia ser realizado de casa, se envolvesse somente o levantamento junto às agências, mas a equipe depende de telefones e contatos

que só podem ser feitos por meio da redação e que se sentiria insegura em editar as próprias matérias devido à pouca experiência; além disso, constantemente se cobra e compara seu trabalho com o do concorrente.

Considerações

A entrevistada *I* foi a única dos entrevistados que mostrou não gostar de trabalhar com *online*. Ela declarou que “caiu de paraquedas” no *webjornalismo*, pois precisava de um emprego em que não fosse exigida muita experiência e o *online* pareceu ser a solução mais razoável. Contudo, por mais que declarassem trabalhar com *webjornalismo*, praticamente todos os pesquisados declararam que, se pudessem escolher outra área do jornalismo, como impresso, rádio ou televisão, optariam por outra, menos o *online*. No máximo três jornalistas declaram sua preferência pelo jornalismo.

Ela disse que no *online* o horário de trabalho é mais flexível, porque não há necessidade de extrapolar por muitas horas a jornada regular. Esse ponto também foi destacado por quase todos os jornalistas. É muito raro terem de ficar muitas horas além do horário normal. O que foi registrado como o grande “vilão” foi o impresso, no qual o jornalista possui um horário regular para entrar, mas não se sabe a que hora poderá deixar a redação ou a pauta.

Apesar de ter afirmado não ter preferência pelo *webjornalismo*, ela demonstrou que gosta de novas tecnologias e que ainda tem grande vontade de criar um *blog*, mesmo que não seja necessariamente com teor jornalístico, mas ainda não o fez devido à falta de tempo.

Novamente a questão do tempo foi apontada como um empecilho na produção de material de boa qualidade. “Às vezes tenho que escolher entre colocar a notícia no ar logo ou apurar melhor.” Mesmo havendo essa corrida contra o tempo e contra os concorrentes, pode-se notar, em conversas informais com os jornalistas, que eles não se sentem tão pressionados por seus superiores, tais como editores e subeditores, porque eles mesmos se cobram e comparam seu trabalho ao dos colegas de redação e ao dos de fora.

Entrevistado J

1) Idade e estado civil

25 anos, solteira.

2) Caso já tenha sido casado, casou-se mais de uma vez?

Não é casada.

3) Tem filhos?

Não.

4) Possui pós-graduação ou outro curso superior?

Possui pós-graduação em Relações Internacionais.

5) Acha que a profissão interfere nas relações com familiares, amigos, namorado(a)?

Acredita que a rotina do jornal impresso interfere muito mais nas relações pessoais do que o *online*, pois, apesar da correria do *online*, os repórteres possuem um horário certo para entrar e sair da redação. A profissão não interfere tanto nas relações com os familiares, por exemplo, mas a entrevistada sempre escuta que jornalismo é uma profissão muito sacrificante, pois ganha pouco para trabalhar muito.

6) As amizades estão principalmente no ambiente de trabalho?

São principalmente de jornalistas, mas eles não estão necessariamente no trabalho.

7) Há quanto tempo é jornalista?

Há três anos.

8) Há quanto tempo trabalha com jornalismo *online*?

Há um ano.

9) Trabalha em qual editoria?

Economia. Contudo, revela que, apesar de ser repórter de economia, muitas vezes tem que cobrir assuntos de outras editorias.

“Tecnicamente não somos editores, mas acabamos fazendo um trabalho como se fosse de editor, pois nós temos que decidir o que vai ser manchete na parte de economia do *site* e atualizar.”

10) Gosta de trabalhar como jornalista *online*? Por quê?

“Eu vim parar de paraquedas no *online*, mas é muito interessante.” Diz gostar de trabalhar com *online*, mas, se pudesse escolher, optaria pelo impresso. Descobriu, trabalhando com *online*, que esse tipo de jornalista não é um jornalista de “notinha”, como ela mesma pensava antes de trabalhar com esse tipo de veículo.

11) Como é a rotina na redação?

Dá uma olhada geral na página, confere se as notícias não estão muito “velhas”, faz uma ronda pelas agências de notícias e faz as matérias que foram pautadas pela editoria.

12) Quantas horas trabalha por dia? Tem que ficar na redação além do horário de trabalho com muita frequência?

Trabalha das 15h às 21h. Raramente tem que ficar além do horário de trabalho.

13) Como se mantém atualizado?

Se mantém atualizada pela internet, pois sempre é preciso fazer uma ronda pelos concorrentes para saber o que eles estão publicando.

14) Utiliza *notebook*, *smartphone* ou outras tecnologias para auxiliar no trabalho ou mesmo buscar informações? Gosta de se manter atualizado sobre novas tecnologias, novos produtos, por exemplo?

Não utiliza, pois não gosta muito de novas tecnologias.

15) O quão importante acredita que a tecnologia é para a realização do seu trabalho e na sua vida social?

A tecnologia é importante para a realização do trabalho em questões como agilidade, funcionalidades e recursos como áudio e vídeo.

16) Participa de bate-papos ou sítios de relacionamentos, como *Orkut*? Tem *Flickr*, *fotolog*, *blog*? Utiliza a internet para conhecer novas pessoas?

Participa do *Orkut* e já teve um *blog* literário. Utiliza a internet para contatar fontes.

17) Quais as principais dificuldades e facilidades em se trabalhar em um veículo *online*?

Acredita que o lado bom de trabalhar no *online* é o horário delimitado, que, em outras áreas do jornalismo, é praticamente inexistente.

“Além de ser o futuro da informação, podemos dizer que o jornal impresso virou apenas uma questão de gosto, de costume. Eu acho um privilégio estar dentro deste universo. Por outro lado, no *online*, você decide em segundos o que deve ser publicado, por isso há grande probabilidade de erros.”

18) Apresenta alguma enfermidade em decorrência do trabalho?

Tem muitas dores musculares.

19) O que costuma fazer nas horas de lazer?

Faz ioga para aliviar a tensão e acredita que, se trabalhasse no impresso, não teria tempo para praticar atividade física.

20) Quantas matérias publica em média por dia?

Uma média de 100 por dia.

21) Seria possível realizar o seu trabalho sem a necessidade de estar na redação?

Seria possível tecnicamente, mas ela também revela sentir falta de um editor para revisar suas matérias.

Considerações

De uma maneira tímida, a última entrevistada do CB.com.br falou que preferiria trabalhar com jornalismo impresso, mas acabou gostando do webjornalismo. Antes de ter a experiência em um veículo *online*, ela declarou pensar que o webjornalismo fosse um trabalho apenas de fazer “notinhas”.

Como já teve a experiência de trabalhar em um veículo impresso, ela considera que este atrapalha muito mais nas relações com a família, porque, no caso do *online*, os repórteres possuem um horário certo para entrar e sair. Ela declarou que o *site* do CB.com.br pára de funcionar às 22h, pois é o horário no qual deixa de chegar notícias pelas agências. “No impresso, se você pega uma pauta, aquela pauta é sua. Independentemente do que aconteça, você tem que terminar aquela matéria. O *online* é muito corrido enquanto você está produzindo, mas o impresso toma muito mais tempo de você.”

A jornalista relatou que já foi indagada várias vezes por amigos e familiares porque escolheu uma profissão tão sacrificante e mal remunerada como o jornalismo. Ela disse que realmente não acha que seu salário seja satisfatório, mas é a profissão que sempre quis.

Em meio às conversas informais, vários jornalistas disseram que, apesar de estarem alocados em uma editoria, muito raramente não fazem matéria de outras e acumulam outras funções, até mesmo a de editores, quando estão de plantão.

Essa profissional também recorre à internet para se manter atualizada e costuma a fazer uma ronda nos concorrentes para saber o que publicaram. O principal aspecto positivo de se trabalhar com webjornalismo, apontado por ela, foi o horário delimitado. Ela demonstrou seu encantamento com o webjornalismo, afirmando que ele será o futuro da informação e que o impresso, por exemplo, virou apenas uma questão de gosto, de preferência.

A jornalista declarou que, por ser uma pessoa muito ansiosa, a profissão fez com que isso aumentasse e, para aliviar a tensão e as dores musculares constantes, ela faz

ioga. “Trabalhando no impresso eu não teria tempo para praticar qualquer atividade física.”

Destacam-se a quantidade de matéria que a jornalista declarou colocar no ar por dia, cerca de 100 matérias. Algo aparentemente improvável. Indagada novamente sobre a quantidade, ela reafirmou o número.

5.5 – A Agência Brasil – EBC

A Agência Brasil, agência de notícias da Empresa Brasil de Comunicação (EBC – Radiobrás), é mantida pelo Governo Brasileiro. As notícias produzidas pela Agência são veiculadas pelo Sistema Radiobrás de Jornalismo, compreendendo quatro emissoras de rádio e três emissoras de televisão: Rádio Nacional AM, Rádio Nacional FM, Rádio Nacional do Rio de Janeiro, Rádio Nacional da Amazônia, TV Brasil, NBR e TV Brasil – Canal Integración.⁴⁰

A Agência Brasil conta com 32 jornalistas, dentre editores e repórteres – 25 deles estão em Brasília. A Agência Brasil oferece notícias em tempo real, grandes reportagens, cobertura fotográfica diária, banco de fotos, infografia, mapas e *blogs*. Na Agência, foram entrevistados 10 jornalistas: uma editora, dois setoristas e os demais, repórteres, dos quais três responderam o questionário por *e-mail*.

O ambiente de trabalho da Agência Brasil é bem peculiar, pois ela fica em um andar inferior, onde os móveis já não são tão novos e a iluminação é bastante ruim. Numa grande sala ficam as equipes da agência e da rádio, visto que alguns jornalistas da Agência Brasil gravam matérias para a rádio. Fica bem nítida a separação entre os que são repórteres e os que são editores. Há uma bancada para cada grupo. O editor chefe fica em local isolado, em uma mesa no canto da redação.

Ao contrário das outras redações, nas quais os repórteres pararam suas atividades para participar da pesquisa, na Agência as entrevistas aconteceram enquanto os jornalistas realizavam suas tarefas cotidianas, escrevendo matérias, escutando editores e atendendo telefonemas, por exemplo.

⁴⁰ Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ag%C3%A2ncia_Brasil

Entrevistado K (entrevista realizada por e-mail)

1) Idade e estado civil

50 anos, casado.

2) Caso já tenha sido casado, casou-se mais de uma vez?

Não.

3) Tem filhos?

Dois.

4) Possui pós-graduação ou outro curso superior?

“Estou concluindo o curso de Gestão de Tecnologia da Informação (Graduação).”

5) Acha que a profissão interfere nas relações com familiares, amigos, namorado(a) (a)?

Em grande parte.

6) As amizades estão principalmente no ambiente de trabalho?

“Sim. Não tem outro jeito.”

7) Há quanto tempo é jornalista?

22 anos.

8) Há quanto tempo trabalha com jornalismo *online*?

Em rádio, desde 1998 e agência, na Internet, 2002.

9) Trabalha em qual editoria?

Setorista do Ministério da Fazenda.

10) Gosta de trabalhar como jornalista *online*? Por quê?

Sim.

11) Como é a rotina na redação?

7h45 – checar a pauta

8h00 – chegar ao setor (no meu caso, Ministério da Fazenda)

8h30 – falar com assessores na Receita Federal, no Ministério, no Tesouro etc.

9h00 – acompanhar a agenda do dia e reportar os eventos.

12) Quantas horas de trabalho por dia? Tem que ficar na redação além do horário de trabalho com muita frequência?

7 horas, às vezes.

13) Como se mantém atualizado?

Jornal impresso, rádio do carro, internet, revistas e mídia da Radiobrás.

14) Utiliza *notebook*, *smartphone* ou outras tecnologias para auxiliar no trabalho ou mesmo para buscar informações? Gosta de se manter atualizado sobre novas tecnologias, novos produtos, por exemplo?

Notebook. Sim.

15) O quão importante você acredita que a tecnologia é para a realização do seu trabalho e na sua vida social?

“Como coloquei anteriormente, estou me matriculando em um curso de tecnologia por achá-la fundamental, tanto na vida profissional quanto social, minha e de outras pessoas.”

16) Participa de bate-papos ou *sites* de relacionamentos, como *Orkut*? Tem *Flickr*, *fotolog*, *blog*? Utiliza a internet para conhecer novas pessoas?

Sim.

17) Quais as principais dificuldades e facilidades em se trabalhar em um veículo *online*?

Muitas delas são relacionadas à tecnologia, tanto na rua quanto na redação. Outra é a agilidade do pessoal da retaguarda (editores etc.). Um grande problema é a apuração quando se está *online*.

18) Apresenta alguma enfermidade em decorrência do trabalho?

“Tenho vitiligo decorrente do desgaste emocional.”

19) O que costuma fazer nas horas de lazer?

“Pedalo (*spinning*) três a quatro vezes por semana e corro duas vezes. Sendo 90% das vezes *indoor*.”

20) Quantas matérias publica em média por dia?

Depende. Chego a oito, às vezes.

21) Seria possível realizar o seu trabalho sem a necessidade de estar na redação?

“Faço-o fora da redação, sempre. Não acredito que um bom repórter consiga fazer frequentemente um bom trabalho da redação. Falta-lhe o ambiente, o clima e a agilidade da informação, quando existe a necessidade de ser obtida direto da fonte.”

Considerações

O entrevistado *K* foi um dos jornalistas entrevistados com mais experiência (22 anos) e com mais idade (50 anos). A entrevista não foi realizada pessoalmente, pois ele é setorista do Ministério da Fazenda e não ficava na redação da Agência.

Devido à experiência em outros veículos além do *online*, ele acredita que o jornalismo interfere nas relações familiares, ainda mais em seu caso, que é casado e possui dois filhos. Ele também relatou que as amizades são principalmente de jornalistas, pois são as pessoas com as quais se convive diariamente. Mesmo que não sejam da mesma equipe, acaba por fazer amizades com pessoas da mesma área, que cobrem o mesmo setor, por exemplo.

Os entrevistados que possuem um pouco mais de experiência, aproximadamente entre dois ou mais anos de jornalismo, declararam possuir alguma enfermidade em decorrência da profissão. Esse jornalista, por exemplo, relatou que tem vitiligo devido ao desgaste emocional ocasionado pelo estresse e pela pressão do trabalho.

Por ser setorista do Ministério da Fazenda, ele cobre uma área que possui uma demanda grande de assuntos; assim, ele chega a publicar uma média de oito a dez notícias por dia, quantia bem superior a apontada pelos jornalistas anteriormente entrevistados – uma média de duas a quatro matérias diárias.

Além de gostar de trabalhar com *online*, de manter-se atualizado e consumir novas tecnologias, o entrevistado *K* também participa de *sites* de relacionamentos, tanto para conhecer novas pessoas como para procurar possíveis fontes.

Ao contrário dos colegas anteriormente entrevistados, que acreditam que não é possível realizar o trabalho em suas residências, devido à falta de um editor para verificar seus textos, esse jornalista aponta como um fator negativo de se trabalhar no *online* a falta de “retaguarda” dos editores, ou seja, eles nem sempre estão prontos para verificar as matérias. Para ele, não seria novidade realizar o trabalho fora da redação, pois ele realiza seu trabalho do Ministério e afirmou que “não acredito que um bom repórter consiga fazer frequentemente um bom trabalho da redação. Falta-lhe o ambiente, o clima e a agilidade da informação [...]”.

O lazer desse profissional fica por conta de longas corridas de bicicleta (*spinning*) de quatro a três vezes por semana.

Entrevistado L (entrevista realizada por e-mail)

1) Idade e estado civil

23 anos, solteira.

2) Caso já tenha sido casado, casou-se mais de uma vez?

Não é casada.

3) Tem filhos?

Não.

4) Possui pós-graduação ou outro curso superior?

Não.

5) Acha que a profissão interfere nas relações com familiares, amigos, namorado(a)?

Sim.

6) As amizades estão principalmente no ambiente de trabalho?

Sim.

7) Há quanto tempo é jornalista?

Formada há dois anos.

8) Há quanto tempo trabalha com jornalismo *online*?

Um ano.

9) Trabalha em qual editoria?

Política.

10) Gosta de trabalhar como jornalista *online*? Por quê?

“Sim. A principal vantagem é o dinamismo do meio e a maior liberdade que ele permite – tanto no tamanho do texto quanto no formato da notícia e até mesmo no horário de fechamento (não tem hora para baixar a página ou para o jornal entrar no ar).”

11) Como é a rotina na redação?

“Logo que chego, confiro a pauta do dia e vejo se alguma delas já está reservada para mim. Se for um assunto do dia, sigo para a pauta e, se possível passo, um *flash* para a redação ainda da rua. Quando chego na redação, acrescento mais informações ao texto ou alguma nova retranca, caso haja assunto. Como aqui na EBC somos multimídia, fecho ainda uma matéria para a Rádio Nacional. Se for assunto muito quente, eles ligam da rua e a gente entra ao vivo. Isso em um dia normal, mas claro que a rotina se altera constantemente de acordo com a demanda.”

12) Quantas horas de trabalho por dia? Tem que ficar na redação além do horário de trabalho com muita frequência?

Em média sete horas.

“Por diversas vezes tenho que ficar além do horário, mas isso é normal pra mim.”

13) Como se mantém atualizado?

“Principalmente pela internet, além dos noticiários de rádio e da TV que fica o dia inteiro ligada na redação.”

14) Utiliza *notebook*, *smartphone* ou outras tecnologias para auxiliar no trabalho ou mesmo para buscar informações? Gosta de se manter atualizado sobre novas tecnologias, novos produtos, por exemplo?

“Infelizmente, ainda fazemos *online* analogicamente. Temos poucos *notebooks* e placas de internet para trabalharmos conectados na rua. Ainda uso majoritariamente o telefone para passar a matéria para os editores, que editam o texto pela redação. Seria muito interessante que não só eu, mas a própria empresa estivesse atualizada em relação às novas tecnologias e produtos que facilitam a rotina do jornalismo *online*. Em casa, só uso *notebook*.”

15) O quão importante você acredita que a tecnologia é para a realização do seu trabalho e na sua vida social?

“Super importante para o trabalho. Elas não só facilitam como permitem um aprofundamento muito maior nos assuntos, o que enriquece a produção. Na vida social, ela também se tornou parte indispensável.”

16) Participa de bate-papos ou *sites* de relacionamentos, como *Orkut*? Tem *Flickr*, *photolog*, *blog*? Utiliza a internet para conhecer novas pessoas?

“Uso *site* de relacionamentos, apenas o *Orkut*. Mas apenas para me relacionar com pessoas que já conheço na vida real.”

17) Quais as principais dificuldades e facilidades em se trabalhar em um veículo *online*?

“As facilidades, como citei acima, é o dinamismo e a liberdade que o meio permite, tanto no formato do texto, quanto no tamanho e até no conteúdo. Como um ponto negativo, eu citaria essa obsessão pelo furo, que existe entre os veículos *online*. Essa afobação, que muitas vezes termina em matérias publicadas com erros, seja de português como de apuração. E outro detalhe: no *online*, a notícia não tem hora para acontecer porque não existe o *deadline*, o fechamento. Portanto, não há hora para o repórter ir embora também.”

18) Apresenta alguma enfermidade em decorrência do trabalho?

Não.

19) O que costuma fazer nas horas de lazer?

Ir ao cinema, ler, sair à noite, assistir televisão, praticar atividades físicas.

20) Quantas matérias publica em média por dia?

“Varia muito. Tem dias que apenas uma, tem dias que até cinco. Eu diria que pelo menos uma por dia.”

21) Seria possível realizar o seu trabalho sem a necessidade de estar na redação?

Com certeza.

Considerações

A segunda entrevistada também só pôde responder o questionário por *e-mail*. Alguns pontos nas suas respostas merecem destaque como, por exemplo, o fato de ela intitular os jornalistas da Agência como “multimídia”. É uma realidade presente nas redações mais novas, onde o profissional da notícia deve ser alguém apto a redigir textos para rádio, TV, internet, gravar, degravar e editar, além de ter conhecimento para escrever sobre qualquer assunto. Esse é um dos motivos pelos quais os jornalistas estão tornando-se grandes generalistas ao invés de especialistas em algum assunto ou editoria, por exemplo. No caso da Agência Brasil, os jornalistas escrevem para o *site* e muitas vezes também devem fazer um novo texto adaptado para o rádio e gravá-lo.

Nos questionários respondidos por *e-mail*, os jornalistas não aprofundaram suas respostas em alguns aspectos, como a interferência da profissão nas relações com familiares e amigos e a relação com a tecnologia. Contudo, nos aspectos referentes ao cotidiano da profissão, foram até mais expansivos do que os que foram entrevistados pessoalmente.

Essa jornalista talvez tenha sido uma das poucas a afirmar que, no veículo *online*, não há um horário de trabalho determinado, ao contrário do que afirmaram os jornalistas do *Correio Web* e do *CB.com.br*. Também importa destacar que todas essas redações pesquisadas são locais atípicos: cada uma possui uma peculiaridade e não é possível fazer generalizações infundadas.

Outro ponto interessante na fala dessa jornalista, foi a falta de suporte oferecida pela empresa com relação à tecnologia. Por se tratar de uma empresa pública, a *Agência Brasil* possui dificuldades em manter-se constantemente atualizada, pois a compra de qualquer equipamento demanda o procedimento licitatório de acordo com a lei. A falta de instrumentos, como *notebooks* e câmeras, dificulta a agilidade do trabalho dos jornalistas desse veículo, que se sentem em defasagem quando comparados a outros.

A tecnologia foi apontada pela jornalista como de fundamental importância e a internet foi, pela primeira vez, vista como uma ferramenta que possibilita o aprofundamento dos textos, pois há uma gama de fontes e informações que podem ser obtidas no universo da *web*. Não há dúvida de que a *web* propicia um universo de

informações, mas sabe-se que, na prática, não é isso que acontece no jornalismo. Cópias de matérias de agências de notícias, de *releases* recebidos via *e-mail* são comuns nas redações.

Com relação ao lazer, o cinema parece ser uma das preferências para os jornalistas, além de bares e saídas com amigos.

Entrevistado M (entrevista realizada por e-mail)

1) Idade e estado civil

24 anos, casado.

2) Caso já tenha sido casado, casou-se mais de uma vez?

Casou-se recentemente.

3) Tem filhos?

Sim.

4) Possui pós-graduação ou outro curso superior?

Não.

5) Acha que a profissão interfere nas relações com familiares, amigos, namorado(a) (a)?

“Sim, já que seu universo de interesses passa a ser outro” .

6) As amizades estão principalmente no ambiente de trabalho?

“Com certeza, pois são as pessoas que mais se parecem com você, partilham de suas experiências e passam muito tempo contigo” .

7) Há quanto tempo é jornalista?

Há dois anos.

8) Há quanto tempo trabalha com jornalismo *online*?

Um ano e três meses.

9) Trabalha em qual editoria?

Meio ambiente.

10) Gosta de trabalhar como jornalista *online*? Por quê?

“Sim, por ser um veículo dinâmico, pelo compromisso com o tempo real sem detrimento para a apuração e por ser a internet um espaço de livre criação.”

11) Como é a rotina na redação?

“É basicamente a mesma da redação de impresso: chegar, pegar uma pauta, apurar e escrever. A diferença é que o *deadline* é o minuto seguinte. E tem as reuniões de pauta semanais.”

12) Quantas horas de trabalho por dia?

“Na regra, sete horas. Na prática... Notícia não tem hora, né?”

13) Como se mantém atualizado?

“Todas as formas de noticiário: *blogs* e agências *online* no trabalho, rádio no carro e televisão em casa.”

14) Utilizada *notebook*, *smartphone* ou outras tecnologias para auxiliar no trabalho ou mesmo para buscar informações? Gosta de se manter atualizado sobre novas tecnologias, novos produtos, por exemplo?

“Com certeza. Na verdade, é uma premissa para quem trabalha em veículo *online*.”

15) O quão importante você acredita que a tecnologia é importante para a realização do seu trabalho e na sua vida social?

“O trabalho depende quase que exclusivamente da tecnologia, portanto, ela é fundamental. Na vida social, é importante também, pois se tornou a melhor forma de se comunicar.”

16) Participa de bate-papos ou *sites* de relacionamentos, como *Orkut*? Tem *Flickr*, *fotolog*, *blog*? Utiliza a internet para conhecer novas pessoas?

“Participo de tudo. Normalmente não uso a internet para conhecer novas pessoas, mas, como isso acontece naturalmente sem a internet, na rede não poderia ser diferente. Só não consigo estabelecer relações mais sérias pela internet, como uma amizade.”

17) Quais as principais dificuldades e facilidades em se trabalhar em um veículo *online*?

“A principal dificuldade está na pressão pelo tempo real. Na verdade, essa não seria a maior dificuldade, se a mentalidade das redações mudasse o conceito de tempo real. Hoje, este conceito é confundido com o furo jornalístico. Há uma briga para ver quem dá a notícia primeiro. Se uma agência der a notícia e a outra não, pode ter certeza que os editores desta outra estão “surtando”. Vira uma briga para ver quem digita mais rápido... Não sei apontar facilidades específicas de se trabalhar em veículo *online*.”

18) Apresenta alguma enfermidade em decorrência do trabalho?

“Não, mas há colegas afastados por causa da LER e muitos casos de tendinites.”

19) O que costuma fazer nas horas de lazer?

“Correr no parque, ler, ouvir música, assistir televisão, dormir muito e aproveitar a noite.”

20) Quantas matérias publica em média por dia?

“A média é de duas por dia, mas isso depende do dia. Já fiz oito matérias num dia...”

21) Seria possível realizar o seu trabalho sem a necessidade de estar na redação?

“Não, pois não sou setorista de Congresso, Palácio do Planalto, nem do Ministério da Fazenda ou Banco Central – estes conseguem fazer seus trabalhos longe da redação. Cobria cultura prioritariamente, portanto, precisava da redação. É nela que estão meus editores, meu computador com fontes, o telefone...”

Considerações

O terceiro entrevistado da Agência, apesar da pouca idade, 24 anos, já é casado e possui filho. Esse jornalista também respondeu o questionário por *e-mail* e mostrou-se bastante sucinto em suas respostas, especialmente nas questões que envolviam sua vida pessoal.

Assim como sua colega entrevistada anteriormente, ele afirmou que, na teoria, possui sete horas de trabalho diárias, mas que na prática não funciona dessa maneira. “Na regra, sete horas. Na prática... Notícia não tem hora, né?”, argumentou.

O conhecimento de ferramentas tecnológicas foi apontado como fundamental para se trabalhar no webjornalismo. Ele declarou que, até mesmo na vida pessoal, a tecnologia se tornou um meio fundamental para comunicar-se com outras pessoas. Praticamente todos os jornalistas entrevistados afirmaram participar de algum tipo de *site* de relacionamentos, em especial o *Orkut*. Com esse profissional não foi diferente. Ele diz que participa de *blogs* e *sites*, mas que não os utiliza para fazer novas amizades.

O lado ruim de se trabalhar em um veículo *online* foi bastante destacado por esse profissional. O “tempo real” e o furo jornalístico foram considerados os dois pontos que causam mais correria e competição nas redações *online*, além de levar à pressão exercida pelos editores, especialmente quando o concorrente publica antes uma notícia.

As amizades desse profissional são na maioria jornalistas, porque, nas suas próprias palavras “são as pessoas que mais se parecem com você, partilham de suas experiências e passam muito tempo contigo.”

As horas de lazer ficam por conta de leituras, atividades físicas e muitas horas de sono.

Entrevistado N

1) Idade e estado civil

34 anos, casada.

2) Caso já tenha sido casado, casou-se mais de uma vez?

Está no segundo casamento.

3) Tem filhos?

Sim.

4) Possui pós-graduação ou outro curso superior?

Não.

5) Acha que a profissão interfere nas relações com familiares, amigos, namorado(a)?

Agora que trabalha no *online* e é editora, diz que as relações não são tão afetadas quando comparadas ao período em que trabalhava como repórter, pois não havia respeito ao horário.

6) As amizades estão principalmente no ambiente de trabalho?

A maioria dos amigos são jornalistas

7) Há quanto tempo é jornalista?

14 anos.

8) Há quanto tempo trabalha com jornalismo *online*?

10 anos.

9) Trabalha em qual editoria?

Editoria de *Economia*.

10) Gosta de trabalhar como jornalista *online*? Por quê?

Gosta, pelo fato de ser desafiador.

11) Como é a rotina na redação?

Edita preferencialmente as matérias de economia, mas eventualmente acaba editando textos de outras editorias. Verifica as pautas, vê o que já foi publicado em outros *sites* e capta os *flashes* dos repórteres.

12) Quantas horas trabalha por dia? Tem que ficar na redação além do horário de trabalho com muita frequência?

Diz que a empresa cumpre as cinco horas diárias regulamentadas para a profissão e que há uma prorrogação de jornada de duas horas, mas nada que ultrapasse esse período. “Tudo depende do dia. Tem ocasiões que, dependendo do acontecimento, não conseguimos nem ao menos ir ao banheiro.”

13) Como se mantém atualizado?

Com conversas com os colegas, leituras de revistas, livros, TV e principalmente por internet.

14) Utiliza *notebook*, *smartphone* ou outras tecnologias para auxiliar no trabalho ou mesmo buscar informações? Gosta de se manter atualizado sobre novas tecnologias, novo produtos, por exemplo?

Não gosta.

15) O quão importante acredita que a tecnologia é para a realização do seu trabalho e na sua vida social?

“É fundamental, pois há a interferência de um lado no outro, além de a tecnologia facilitar e às vezes dificultar o trabalho do jornalista.”

16) Participa de bate-papos ou sítios de relacionamentos, como *Orkut*? Tem *Flickr*, *fotolog*, *blog*? Utiliza a internet para conhecer novas pessoas?

Não gosta de participar, apesar de declarar ter bastante facilidade em lidar com tecnologias e adaptar-se a elas.

17) Quais as principais dificuldades e facilidades em se trabalhar em um veículo *online*?

“A agilidade e a instantaneidade podem ser ao mesmo tempo boas e ruins para o trabalho do jornalista. No nosso caso, o sistema de abastecimento de notícias é muito lento e isso dificulta o andamento do trabalho. Um aspecto apontado como positivo é a possibilidade de se atingir um público muito maior, transpondo barreiras.”

18) Apresenta alguma enfermidade em decorrência do trabalho?

Problemas de visão.

19) O que costuma fazer nas horas de lazer?

Ouvir música, ir ao cinema, ao teatro, ler e passar tempo com a família.

20) Quantas matérias publica em média por dia?

Edita uma média de 15 a 20 matérias por dia.

21) Seria possível realizar o seu trabalho sem a necessidade de estar na redação?

Não crê que seja possível, devido ao sistema de notícias ser lento, o que dificultaria a rápida publicação.

Considerações

Essa profissional foi a única editora da Agência que se prontificou a participar da pesquisa, pois os demais editores argumentaram que seus repórteres estariam dispostos a auxiliar, mas não demonstraram qualquer interesse em participar. A entrevista foi realizada entre a edição de vários textos, chamadas ao telefone e pedidos de repórteres, o que acarretou respostas curtas e rápidas.

Ela está em seu segundo casamento e acredita que a profissão interfere nas relações com os familiares, mas destacou que a sua rotina agora no *online* é bem mais tranquila, quando comparada ao período em que era repórter e não tinha um horário fixo para nada.

A editora declarou gostar de trabalhar com *online* por ser algo desafiador, novo, que pode ainda ser explorado. Ela foi uma das poucas jornalistas que afirmou não participar de nenhum tipo de *site* de relacionamentos, bate-papos ou *blogs*. Contudo, declarou que, apesar de não utilizar essas ferramentas, ela tem bastante facilidade em lidar com tecnologias e adaptar-se a elas.

A rotina mais tranquila no *online* possibilitou que ela tivesse mais tempo com os filhos e pudesse aproveitar os momentos de lazer. Apesar de o *online* proporcionar um horário de trabalho mais flexível, ela revela que a tecnologia muitas vezes chega mais a atrapalhar do que a ajudar. Um exemplo citado foi o sistema de abastecimento de notícias da Agência, que é bastante lento e dificulta que o trabalho seja feito de uma forma mais rápida. Na fala dessa entrevistada, apareceu novamente a cobrança, mas esta sendo feita pelo próprio jornalista. Os profissionais, apesar de reclamarem da velocidade do meio, do “tempo real”, querem ainda mais agilidade, querem transmitir ainda mais informação – eles mesmos se cobram para que o trabalho seja feito cada vez mais rápido. Parece não ser necessário que superiores venham perguntar sobre o andamento de uma matéria, exigir que o texto seja redigido mais rapidamente, pois a cultura jornalística já pôs essa ideia na mente dos profissionais.

Entrevistado O

1) Idade e estado civil

24 anos, solteira.

2) Caso já tenha sido casado, casou-se mais de uma vez?

Não é casada.

3) Tem filhos?

Não.

4) Possui pós-graduação ou outro curso superior?

Não.

5) Acha que a profissão interfere nas relações com familiares, amigos, namorado(a)?

“Eu tenho uma família muito compreensiva, pois os plantões atrapalham, as viagens do trabalho. Eu não sei o que vai acontecer no meu dia, não é algo previsível, pois eu não sei por exemplo se, quando for 12h, eu vou poder sair para almoçar. Então eu prefiro não agendar nada muito próximo ao meu horário de trabalho.”

6) As amizades estão principalmente no ambiente de trabalho?

A maioria são jornalistas, mas não necessariamente do ambiente de trabalho.

7) Há quanto tempo é jornalista?

Há um ano.

8) Há quanto tempo trabalha com jornalismo *online*?

Há um ano.

9) Trabalha em qual editoria?

Direitos Sociais.

10) Gosta de trabalhar como jornalista *online*? Por quê?

Gosta, porque possibilita a utilização de outros recursos como áudio, vídeo etc. Contudo, se pudesse optar por uma área, escolheria o radiojornalismo.

11) Como é a rotina na redação?

Verifica as pautas que chegam pelo *e-mail*, vai atrás da pautas que foram designadas, apura, volta para redação (quando há a necessidade de sair dela), redige-as e manda para o editor. Além disso, tem que fazer uma mesma matéria render várias retrancas.

12) Quantas horas trabalha por dia? Tem que ficar na redação além do horário de trabalho com muita frequência?

Das 10h às 18h, mas, em casos excepcionais, quando a pauta se estende, acaba ficando algumas horas a mais.

13) Como se mantém atualizado?

“Televisão, rádio, internet. “Eu sou meio viciada, pois, quando eu estou no carro, eu estou ouvindo notícia; quando chego em casa, eu assisto a quase todos os jornais, olho na internet. Meu namorado briga comigo perguntando como aguento ficar vendo notícia o dia inteiro.”

14) Utiliza *notebook, smartphone* ou outras tecnologias para auxiliar no trabalho ou mesmo buscar informações? Gosta de se manter atualizado sobre novas tecnologias, novos produtos, por exemplo?

Gosta de se manter atualizada.

15) O quão importante acredita que a tecnologia é para a realização do seu trabalho e na sua vida social?

“A tecnologia permeia tudo. No meu trabalho, se o sistema é lento, acaba prejudicando todo o meu trabalho; então, se a empresa não estiver atualizada tecnologicamente, ela vai ficar para trás.”

16) Participa de bate-papos ou sítios de relacionamento, como *Orkut*? Tem *Flickr, fotolog, blog*? Utiliza a internet para conhecer novas pessoas?

Participa de *site* de relacionamento, contudo, diz não acessar com muita frequência.

17) Quais as principais dificuldades e facilidades em se trabalhar em um veículo *online*?

“O ruim é quando o sistema trava ou está muito lento e acaba que você publica a matéria depois do concorrente, apesar do leitor não se importar que publico antes ou depois. Se você tem um público cativo do seu *site*, ele não vai procurar informações em outro, mesmo que seja ‘atrasado’. O lado legal é você poder colocar no ar a matéria que você acabou de apurar, não precisa esperar o dia seguinte e, se você errar, tem a possibilidade de corrigir o texto.”

18) Apresenta alguma enfermidade em decorrência do trabalho?

Não.

19) O que costuma fazer nas horas de lazer?

Até mesmo na redação gosta de conversar com os colegas, tomar um cafezinho. Gosta de sair com o namorado, ir ao teatro, ouvir música e ir ao cinema. Isso quando não está de plantão.

20) Quantas matérias publica em média por dia?

Em média, cinco a sete matérias.

21) Seria possível realizar o seu trabalho sem a necessidade de estar na redação?

Acha que não, pois não teria o suporte necessário para realizar as matérias.

Considerações

Mais uma jovem jornalista dentre os entrevistados. Essa, com 24 anos, diz que a vida de repórter é muito agitada e que há uma interferência da profissão nas relações com a família e com o namorado. Viagens, pautas que se estendem além do horário normal e a imprevisibilidade de horários são constantes na rotina dessa jornalista. Os repórteres aparentam ser os profissionais mais cansados, que estão sempre colocados à sua tela do computador em meio ao barulho dos teclados; tudo quando não estão na rua apurando algum fato.

A redação da Agência possui um cotidiano diferente dos outros veículos pesquisados, pois, apesar da equipe possuir muitos jornalistas novos, estes, por estarem sempre apurando alguma matéria, já sentem as dificuldades da profissão, como os horários e as doenças causadas pelo uso contínuo do computador. Os horários para os profissionais da EBC não são tão flexíveis, como afirmaram os pesquisados do *Correio Web* e do *CB.com.br*, uma vez que os jornalistas do *Correio Web* “capturam” as notícias do *CB.com.br*, que por sua vez capta os *flashes* dos repórteres do jornal impresso, ou seja, são poucos os fatos que eles têm de “correr atrás” para apurar.

Essa jornalista destacou novamente a questão do sistema de fornecimento de notícias da Agência ser lento e da necessidade de que a empresa fosse tecnologicamente mais atualizada, tanto em questão de softwares quanto de equipamentos. A jornalista relatou que o sistema leva à publicação mais demorada de notícias, o que faz com que o concorrente publique antes. No entanto, ela declarou que o leitor, o internauta, não está atento a quem publicou primeiro a informação. Essa necessidade de ser o primeiro surge da competição entre os jornalistas; não é algo fundamental para o leitor.

Com relação à possibilidade de realizar seu trabalho fora do ambiente da redação, ela afirmou que não seria possível, pois ainda há necessidade do suporte físico e tecnológico da redação para que haja a publicação correta de notícias.

A jornalista apontou a necessidade constante de estar sempre atualizada por meio de qualquer veículo. A tecnologia que passa a informação não é relevante, desde que ela saiba o que está acontecendo ao seu redor. Mas ela revelou que, sem a tecnologia, não haveria seu trabalho da maneira que está atualmente configurado.

Entrevistado P

1) Idade e estado civil

22 anos, solteira.

2) Caso já tenha sido casado, casou-se mais de uma vez?

Não é casada.

3) Tem filhos?

Não.

4) Possui pós-graduação ou outro curso superior?

Não.

5) Acha que a profissão interfere nas relações com familiares, amigos, namorado(a)?

Acredita que interfere um pouco, devido à correria do dia a dia de um jornalista e, em especial, à imprevisibilidade dos acontecimentos, o que pode acarretar horas a mais de trabalho.

6) As amizades estão principalmente no ambiente de trabalho?

Não.

7) Há quanto tempo é jornalista?

Há um ano.

8) Há quanto tempo trabalha com jornalismo *online*?

Há um ano.

9) Trabalha em qual editoria?

Social.

10) Gosta de trabalhar como jornalista *online*? Por quê?

Gosta, por causa da dinâmica do *online* e pelo espaço disponibilizado para a publicação das matérias, graças ao recurso de *hiperlinks*. Contudo, revela que sempre quis trabalhar com veículo impresso, mas acabou “caindo” no *online*.

11) Como é a rotina na redação?

Olha os *e-mails* para verificar quais são as pautas do dia, verifica com o chefe de reportagem quem está cobrindo cada uma, verifica o que é mais urgente e começa a apuração.

12) Quantas horas trabalha por dia? Tem que ficar na redação além do horário de trabalho com muita frequência?

De 14h às 21h. Revela que o mais comum é ficar além do horário normal, pois dificilmente sai na hora ou mesmo mais cedo.

13) Como se mantém atualizado?

Por meio de Internet e rádio.

14) Utiliza *notebook*, *smartphone* ou outras tecnologias para auxiliar no trabalho ou mesmo buscar informações? Gosta de se manter atualizado sobre novas tecnologias, novos produtos, por exemplo?

Um pouco, somente verifica o que pode se tornar um auxiliador para a sua vida pessoal e profissional.

15) O quão importante acredita que a tecnologia é para a realização do seu trabalho e na sua vida social?

Essencial.

16) Participa de bate-papos ou sítios de relacionamentos, como *Orkut*? Tem *Flickr*, *fotolog*, *blog*? Utiliza a internet para conhecer novas pessoas?

Participa.

17) Quais as principais dificuldades e facilidades em se trabalhar em um veículo *online*?

A rapidez é um aspecto positivo e negativo ao mesmo tempo.

18) Apresenta alguma enfermidade em decorrência do trabalho?

Tendinite.

19) O que costuma fazer nas horas de lazer?

No horário de trabalho, revela que é necessário parar por alguns minutos para “respirar”, mesmo que seja apenas para tomar um café. Até mesmo nas horas de lazer, diz que fica lendo notícias e gosta de fazer musculação.

20) Quantas matérias publica em média por dia?

Entre seis e sete matérias.

21) Seria possível realizar o seu trabalho sem a necessidade de estar na redação?

Não, pois não se sente apta a publicar suas matérias sem o aval de um editor.

Considerações

Essa jornalista foi uma das entrevistadas mais novas, pois possui apenas 22 anos. O *online* foi sua primeira experiência profissional. A jornalista afirmou que sempre preferiu o impresso, mas acabou “caindo” no *webjornalismo* por acaso. Mesmo sendo o primeiro emprego na área, ela não demonstrou muito entusiasmo quando falou sobre o trabalho. Ela apenas disse que acha a tecnologia algo essencial e que a rapidez do “tempo real” pode ser um facilitador ou não no exercício da publicação de notícias.

Apesar da pouca idade, ela já apresenta enfermidades em decorrência do trabalho. Ela tem tendinite, mas revelou já estar em tratamento. A jornalista declarou que os momentos de lazer podem ser até mesmo os instantes em que se levanta e sai para tomar um café no horário de trabalho para poder “respirar” um pouco. Quando está fora da redação, ela volta a procurar mais notícias na internet e gosta de praticar musculação.

A necessidade constante por informações também apareceu na fala dessa entrevistada, que se mantém atualizada principalmente por internet e por rádio. A respeito da execução do trabalho sem a necessidade da redação, ela disse que não se sentiria apta a realizar tal função, pois, devido à sua pouca experiência, ela ainda se sente insegura com a relação à publicação de notícias e precisa da revisão de um editor para publicação.

Entrevistado Q

1) Idade e estado civil

39 anos, casada.

2) Caso já tenha sido casado, casou-se mais de uma vez?

Não.

3) Tem filhos?

Após anos de profissão, revela que agora conseguiu tempo para conciliar trabalho e família e que está grávida. “Primeiro pensei na profissão e depois em filhos.”

4) Possui pós-graduação ou outro curso superior?

Não.

5) Acha que a profissão interfere nas relações com familiares, amigos, namorado(a)?

Acredita que sim, mas isso varia de acordo com o veículo em que se trabalha. No caso do *online*, vê como algo que pouco influencia nas relações.

6) As amizades estão principalmente no ambiente de trabalho?

Não.

7) Há quanto tempo é jornalista?

Há 17 anos.

8) Há quanto tempo trabalha com jornalismo *online*?

Há oito meses.

9) Trabalha em qual editoria?

Geral.

10) Gosta de trabalhar como jornalista *online*? Por quê?

Gosta, por ser uma experiência nova, pois já tinha trabalhado em vários veículos, mas não em *online*.

11) Como é a rotina na redação?

Pega a pauta, sai da redação para apurar, retorna no final da manhã e começa a redigir. Da mesma matéria, podem surgir várias outras, tanto para a internet quanto para o rádio.

12) Quantas horas trabalha por dia? Tem que ficar na redação além do horário de trabalho com muita frequência?

Das 9h às 17h. Raramente, no máximo uma hora a mais.

13) Como se mantém atualizado?

Por televisão e jornais na internet.

14) Utiliza *notebook*, *smartphone* ou outras tecnologias para auxiliar no trabalho ou mesmo buscar informações? Gosta de se manter atualizado sobre novas tecnologias, novos produtos, por exemplo?

Não gosta.

15) O quão importante acredita que a tecnologia é para a realização do seu trabalho e na sua vida social?

Muito importante.

16) Participa de bate-papos ou sítios de relacionamentos, como *Orkut*? Tem *Flickr*, *fotolog*, *blog*? Utiliza a internet para conhecer novas pessoas?

Não participa.

17) Quais as principais dificuldades e facilidades em se trabalhar em um veículo *online*?

“O imediatismo e a rapidez, pois o impresso fica velho, perece e o *online* fica se atualizando constantemente.”

18) Apresenta alguma enfermidade em decorrência do trabalho?

Não.

19) O que costuma fazer nas horas de lazer?

Gosta de viajar, ir ao cinema e a bares.

20) Quantas matérias publica em média por dia?

Entre duas e três, dependendo do dia e do tema.

21) Seria possível realizar o seu trabalho sem a necessidade de estar na redação?

Não.

Considerações

Enquanto a repórter redigia um parágrafo e outro de suas matérias, foi realizada a entrevista. Essa jornalista de 39 anos é recém-chegada à capital. Ela, que antes morava no sul, mudou-se para Brasília, devido à transferência do trabalho do marido para a cidade. A jornalista revelou que o *online* possibilitou a realização de um dos seus maiores sonhos: ser mãe.

Antes, quando trabalhava como repórter de um jornal impresso, ela declarou que não podia cogitar a possibilidade de uma gravidez, porque não havia tempo. Ela disse que primeiro pensou em se estabilizar na carreira para depois pensar em filhos, ainda mais agora, que está grávida de gêmeos. A jornalista revelou que o *online* não a agrada muito, mas ainda é uma das áreas do jornalismo com horário mais regular do que as demais. Ela declarou não gostar de tecnologias e não se manter atualizada sobre elas. Ela disse também que agora que trabalha com a *web* não acredita que a profissão interfira tanto nas relações com a família, ao contrário do que acontecia em outras áreas que já havia trabalhado. O que a atrai no webjornalismo é o imediatismo. “Assim que apuramos, já podemos praticamente colocar no ar. É tudo decidido em questão de minutos”, afirmou.

Nas suas horas de lazer, ela gosta, quando possível, de viajar – mesmo que seja para locais próximos – de ir ao cinema, ler e sair para bares com amigos.

Entrevistado R

1) Idade e estado civil

24 anos, solteira.

2) Caso já tenha sido casado, casou-se mais de uma vez?

Não é casada.

3) Tem filhos?

Não.

4) Possui pós-graduação ou outro curso superior?

Não.

5) Acha que a profissão interfere nas relações com familiares, amigos, namorado(a)?

“Interfere, pois, no caso do *online*, você fica o tempo todo pensando em notícia, vendo se as matérias estão sendo atualizadas, quem deu o que primeiro... você fica ligado o tempo todo nisso.”

6) As amizades estão principalmente no ambiente de trabalho?

A maioria são jornalistas, mas não necessariamente do ambiente de trabalho.

7) Há quanto tempo é jornalista?

Há um ano e meio.

8) Há quanto tempo trabalha com jornalismo *online*?

Há um ano e meio.

9) Trabalha em qual editoria?

Meio Ambiente.

10) Gosta de trabalhar como jornalista *online*? Por quê?

Gosta, mas, se pudesse escolher optaria, pelo radiojornalismo.

11) Como é a rotina na redação?

Logo que chega, verifica as pautas que foram enviadas por *e-mail*, verifica as prioridades, apura as notícias, agenda entrevistas com possíveis fontes e começa a redigir os textos.

12) Quantas horas trabalha por dia? Tem que ficar na redação além do horário de trabalho com muita frequência?

Das 15h às 22h. “Como a gente setorizou, então acontece muitas vezes de ter uma coletiva muito importante e ter que ficar além do horário.”

13) Como se mantém atualizado?

Não lê mais o jornal impresso, apenas lê jornais na internet.

14) Utiliza *notebook*, *smartphone* ou outras tecnologias para auxiliar no trabalho ou mesmo buscar informações? Gosta de se manter atualizado sobre novas tecnologias, novos produtos, por exemplo?

Confessa que só conhece o básico, para poder realizar seu trabalho e mexer em computadores, pois não gosta de consumir novas tecnologias.

15) O quão importante acredita que a tecnologia é para a realização do seu trabalho e na sua vida social?

“É muito importante, apesar de muitas vezes dificultar tanto o lado profissional quanto o pessoal quando não funciona como deveria.”

16) Participa de bate-papos ou sítios de relacionamentos, como *Orkut*? Tem *Flickr*, *fotolog*, *blog*? Utiliza a internet para conhecer novas pessoas?

Não participa.

17) Quais as principais dificuldades e facilidades em se trabalhar em um veículo *online*?

“Acho que a vantagem é você poder dar a notícia na hora, assim como acontece no rádio. Pode fazer uma matéria que é do tipo informe e depois você vai atrás da repercussão daquilo. Isso também pode ser uma desvantagem, porque você acaba dando uma informação descontextualizada, pois tudo precisa sair em cima da hora e acaba por não dar ao leitor a informação por inteiro. Atualmente eu estou satisfeita com o meu trabalho, com meu salário e em estar no *online*.”

18) Apresenta alguma enfermidade em decorrência do trabalho?

Não.

19) O que costuma fazer nas horas de lazer?

Não gosta muito de sair, mas, quando o faz, prefere ir ao cinema, ao teatro ou a bares com os amigos.

20) Quantas matérias publica em média por dia?

Uma média de duas em um dia calmo. Em dia de coletiva, publica cinco.

21) Seria possível realizar o seu trabalho sem a necessidade de estar na redação?

Não seria possível, devido ao sistema de abastecimento de notícias não ser muito rápido e à falta de ter um editor por perto.

Considerações

Essa entrevistada falou que a profissão interfere muito nas relações pessoais, em especial o *online*, pois há uma necessidade permanente de se estar procurando informações. A questão de quem foi o primeiro a publicar a notícia parece ser relevante apenas para os jornalistas que se cobram sobre isso, mas é irrelevante para o público.

Essa jornalista foi mais uma que declarou não ler mais a versão impressa, pois agora é tudo procurado na internet. Ela também revelou que, se pudesse, optaria pelo radiojornalismo ao invés do webjornalismo.

Assim como as entrevistadas anteriores, essa jornalista reclamou do sistema de fornecimento de notícias da Agência; a tecnologia, que deveria auxiliar, acaba por dificultar o andamento do trabalho. Ela argumentou que acha as novas tecnologias muito importantes, mas não se vê como uma consumidora dessas ferramentas, pois conhece apenas aquelas necessárias para realizar seu trabalho. A jornalista ainda assumiu não ter familiaridade com computadores e tecnologias e foi uma das poucas que disse não participar de nenhum tipo de *site* de relacionamentos ou de *blogs*, fato bem peculiar quando comparado a outros profissionais da mesma idade, que declararam não sair de perto do computador mesmo em suas horas de folga.

As preferências para as horas de lazer são bem parecidas às dos entrevistados anteriores, envolvendo programas como idas ao cinema, à bares e leituras.

Entrevistado S

1) Idade e estado civil

25 anos, solteiro.

2) Caso já tenha sido casado, casou-se mais de uma vez?

Não é casado.

3) Tem filhos?

Não.

4) Possui pós-graduação ou outro curso superior?

Não.

5) Acha que a profissão interfere nas relações com familiares, amigos, namorado(a)?

“O jornalista é uma pessoa instável. Se está estável financeiramente, não está trabalhando com o que gosta. Se está fazendo o que gosta não está satisfeito financeiramente. As pessoas que não são jornalistas devem achar muito chato conviver com um, pois jornalista é alguém que não pára de falar do trabalho. Como eu tenho um pai jornalista, eu passei por isso tudo antes.”

6) As amizades estão principalmente no ambiente de trabalho?

Não estão.

7) Há quanto tempo é jornalista?

Dois anos e meio.

8) Há quanto tempo trabalha com jornalismo *online*?

Há um ano.

9) Trabalha em qual editoria?

Agricultura, mas sempre faz matérias para outras editorias.

10) Gosta de trabalhar como jornalista *online*? Por quê?

Gosta da correria do *online*.

11) Como é a rotina na redação?

Confere as pautas por *e-mail*, vê se tem alguma coletiva para aquele dia, agenda entrevistas, apura as matérias e coloca no ar no final da tarde.

12) Quantas horas trabalha por dia? Tem que ficar na redação além do horário de trabalho com muita frequência?

Das 13h às 20h. Confere as pautas que chegam por *e-mail*, apura, redige e coloca no ar. “Esse horário é na teoria, pois às vezes venho pela manhã ou fico até mais tarde. Quando eu era setorista, eu nunca ficava até o horário certo, sempre passava, especialmente para quem trabalha pela manhã. Era algo em torno de duas a três horas a mais por dia. Agora que não sou mais setorista, o máximo que fico é meia hora a mais. Hoje eu estou em um lugar que eu gosto do ambiente de trabalho e do salário, quando comparado com a minha experiência, e a minha realidade está razoável.”

13) Como se mantém atualizado?

Na sua área, mantém-se atualizado por meio de contatos com outros colegas da mesma editoria e em agências especializadas. De modo geral, visita *sites* de notícias para se manter atualizado.

14) Utiliza *notebook*, *smartphone* ou outras tecnologias para auxiliar no trabalho ou mesmo buscar informações? Gosta de se manter atualizado sobre novas tecnologias, novos produtos, por exemplo?

Não gosta de consumir novas tecnologias e revela que as considera como “coisas impostas as quais eu vou me adaptando.”

15) O quão importante acredita que a tecnologia é para a realização do seu trabalho e na sua vida social?

Sem a tecnologia, acredita que não seria possível fazer seu trabalho com eficiência e diz utilizar a internet, por exemplo, para manter contatos com amigos e parentes em outros estados.

16) Participa de bate-papos ou sítios de relacionamentos, como *Orkut*? Tem *Flickr*, *fotolog*, *blog*? Utiliza a internet para conhecer novas pessoas?

Afirma não gostar e não ter tempo para participar.

17) Quais as principais dificuldades e facilidades em se trabalhar em um veículo *online*?

“O lado bom é que o espaço da internet é infinito. Se você tem uma informação de apenas cinco linhas, você pode dar, já no impresso não.”

18) Apresenta alguma enfermidade em decorrência do trabalho?

Apresenta problemas de visão.

19) O que costuma fazer nas horas de lazer?

Gosta de fazer academia e jogar futebol nos finais de semana, quando não está de plantão.

20) Quantas matérias publica em média por dia?

Geralmente publica duas quando o dia está calmo e chega a dez em dias mais corridos.

21) Seria possível realizar o seu trabalho sem a necessidade de estar na redação?

Não, pois depende da estrutura da redação.

Considerações

A noção que se teve foi que os jornalistas que cobrem um setor específico como agricultura, economia, fazenda ou Congresso Nacional possuem uma rotina mais corrida do que os que geralmente cobrem pautas aleatórias. Foi o caso desse jornalista, que foi setorista. Apesar da rotina agitada, ele declarou que o que mais gosta no *online* é justamente da correria, mas isso talvez pelo fato de estar praticamente iniciando sua carreira e de não ter ainda constituído uma família.

Ele destacou um ponto interessante ao mencionar que os jornalistas são pessoas instáveis, pois, quando estão satisfeitos com a profissão, não estão com o salário e vice-versa. Este é um fato peculiar do jornalismo em geral. Em conversas informais com os jornalistas, em especial com os iniciantes, foi revelado que eles gostam muito do que fazem, apesar de não serem valorizados como deveriam. Os salários são relativamente baixos e muitos expuseram que ainda moram com os pais por não terem condições financeiras de arcarem com as despesas para manter uma casa, por exemplo.

Apesar de considerar as novas tecnologias como elementos essenciais para a realização de seu trabalho, esse jornalista não gosta de manter-se atualizado em relação a elas ou de consumi-las, pois as considera “coisas impostas, as quais eu vou me adaptando”. A adaptação ao que é novo, seja um meio ou tecnologia, é necessária no jornalismo e essencial para os jornalistas, que devem sempre estar preparados para adequarem-se às exigências. As redações do *CB.com.br* e do *Correio Web*, atentas ao

fato de que, muitas vezes, os jornalistas têm dificuldade em lidar com novas ferramentas, fornecerão cursos de aperfeiçoamento sobre HTML.

O jornalista já apresenta problemas de visão em decorrência de muitas horas em frente à tela de computadores. Nos momentos de lazer, ele gosta de praticar atividades físicas, mas isso quando não está de plantão no final de semana.

Entrevistado T

1) Idade e estado civil

29 anos, solteiro.

2) Caso já tenha sido casado, casou-se mais de uma vez?

Não é casado.

3) Tem filhos?

Não.

4) Possui pós-graduação ou outro curso superior?

Não.

5) Acha que a profissão interfere nas relações com familiares, amigos, namorado(a)?

Sim, apesar de declarar que, quando trabalhava em um veículo impresso, era muito mais complicado lidar com essa situação. Diz que no *online* há maior flexibilidade de horários.

6) As amizades estão principalmente no ambiente de trabalho?

Não.

7) Há quanto tempo é jornalista?

Há seis anos.

8) Há quanto tempo trabalha com jornalismo *online*?

Dois e anos e meio.

9) Trabalha em qual editoria?

É setorista do Ministério da Fazenda.

10) Gosta de trabalhar como jornalista *online*? Por quê?

Diz que ao mesmo tempo gosta e não gosta de trabalhar em veículo *online*, pois gosta dos recursos que proporciona, mas não gosta da correria constante.

11) Como é a rotina na redação?

Como é setorista do Ministério da Fazenda, não fica na redação. São raras as ocasiões em que tem de recorrer a esta. Como fica sempre no Ministério, logo quando chega, verifica se há alguma coletiva agendada para aquele dia, se há algum secretário disposto a conservar etc.

12) Quantas horas trabalha por dia? Tem que ficar na redação além do horário de trabalho com muita frequência?

Das 14h às 21h. Revela que sim, especialmente quando há uma coletiva agendada, pois há um horário determinado para começar, mas não se sabe quando terminará. “Tem dias que fico o dia inteiro procurando notícia e nada aparece e só vai acontecer alguma coisa no final da tarde, umas 17h, aí sabe-se lá que horas vamos sair.”

13) Como se mantém atualizado?

Principalmente pela internet.

14) Utiliza *notebook*, *smartphone* ou outras tecnologias para auxiliar no trabalho ou mesmo buscar informações? Gosta de se manter atualizado sobre novas tecnologias, novos produtos, por exemplo?

Utiliza principalmente para o lazer. Gosta de consumir *softwares*.

15) O quão importante acredita que a tecnologia é para a realização do seu trabalho e na sua vida social?

“Não sei como viveria sem tecnologia tanto para o trabalho como no dia a dia.”

16) Participa de bate-papos ou sítios de relacionamentos, como *Orkut*? Tem *Flickr*, *fotolog*, *blog*? Utiliza a internet para conhecer novas pessoas?

Não gosta de participar.

17) Quais as principais dificuldades e facilidades em se trabalhar em um veículo *online*?

“A agilidade e a possibilidade de corrigir pequenos erros que foram publicados nas matérias, desde pontuação até mesmo informações. Devido à agilidade, você não consegue aprofundar e, se você se mete a contextualizar isso, toma muito tempo e muitas vezes você escuta reclamações de que está atrasando a publicação do texto. O stress no veículo *online* é maior do que no impresso.”

18) Apresenta alguma enfermidade em decorrência do trabalho?

Não.

19) O que costuma fazer nas horas de lazer?

“Eu fico na internet lendo notícias e vendo vídeos no *Youtube*.”

20) Quantas matérias publica em média por dia?

Em média de duas por dia.

21) Seria possível realizar o seu trabalho sem a necessidade de estar na redação?

Não, pois ele depende da estrutura da redação.

Considerações

Ao chegar à Agência, o último jornalista entrevistado foi apontado pelos colegas como um dos profissionais que não poderia deixar de ser pesquisado, pois ele poderia ser considerado um estereótipo de webjornalista. Ele é um aficionado por tecnologias; fica o tempo todo conectado, mesmo fora do ambiente de trabalho, gosta e consome, sempre que possível, tudo o que é lançado no mercado, desde *softwares* a *hardwares*. Ele revelou ficar na internet lendo notícias e assistindo a vídeos no *Youtube*⁴¹ até mesmo nos seus momentos de lazer. Não sai de perto do computador por um só instante.

Ao mesmo tempo em que era entrevistado, ele estava redigindo uma matéria, ouvindo os pedidos do editor, atendendo ao telefone e olhando as mensagens no celular. Contudo, o tempo todo conseguia se manter atento ao que estava redigindo. Ele afirmou não gostar da correria do *online*, especialmente por ter vindo da cultura do jornal impresso. O entrevistado sempre buscava escrever um texto mais completo, mais contextualizado e agora tem dificuldade em redigir de uma maneira tão sucinta como é exigido no webjornalismo. Por ter problemas para tornar seus textos mais curtos, ele revelou que muitas vezes escuta reclamações dos editores por estar demorando muito para fechar uma matéria. Quando a entrevista estava sendo realizada, um dos editores o abordou de forma ríspida, perguntando sobre o andamento de seu texto e o jornalista, que digitava o tempo todo, logo falou que faltavam apenas mais algumas informações complementares. “Não gosto de dar informação pela metade”, enfatizou o jornalista.

O jornalista destacou que acredita que rotina do *online* interfere menos nas relações pessoais, porque os horários acabam sendo mais flexíveis, pois, quando trabalhava no impresso, seu dia a dia ainda era mais tumultuado, sem horário para refeições e era muito difícil desligar-se da pauta estipulada para aquele dia.

Sua fixação por tecnologias é evidente nas falas do entrevistado. Ele afirmou não saber como viveria sem tecnologia, sem ter um computador próximo conectado à internet para verificar as últimas notícias, verificar seus *e-mails* e suas pautas.

⁴¹ Site que permite que usuários publiquem e baixem vídeos de várias extensões.

Entretanto, ele não participa de *sites* de relacionamentos; prefere utilizar a internet nos momentos de lazer para diversão e conversar com amigos por programas de mensagens instantâneas como o MSN⁴² ou o Gtalk e não gosta de fazer novos contatos pela *web*.

Outra dificuldade apontada por ele para trabalhar-se com webjornalismo é a grande probabilidade de erros ocasionados pela pressa ou mesmo pela apuração deficiente. Contudo, ele destacou como vantagem a possibilidade de se corrigir o erro assim que percebido. “No impresso, se você errou, já era; no *online* não. Basta entrar no sistema e corrigir o erro”, declarou.

⁴² MSN ou Messenger é um programa de mensagens instantâneas desenvolvido pela Microsoft que permite conversas em tempo real com outros usuários.

CAPÍTULO 6 - INTERAÇÃO E LAZER DO WEBJORNALISTA

6.1 – O Lazer

Os momentos de lazer, para qualquer profissional, independentemente da área de atuação, são essenciais para manter-se o equilíbrio mental e corporal, os quais, necessariamente, interferem na qualidade de vida. Verificou-se, nos depoimentos dos webjornalistas entrevistados, quais são suas atividades nas horas de folga, qual o tipo de atividade mais comum, entre outras formas de lazer.

Mas o que vem a ser o lazer? A primeira relação encontrada é o lazer associado ao ócio, ao não trabalho. De acordo com Marcellino (2006), o tema lazer ganhou destaque no final do século XIX, no advento da revolução industrial, quando os trabalhadores eram explorados por meio de jornadas de trabalho exaustivas. O autor elucida que o primeiro manifesto dos operários a favor do lazer surgiu na Europa com a obra *Direito à Preguiça*, do socialista Lafargue, em 1880. O mesmo autor (2006, p. 4) também destaca que os estudos relacionados ao lazer na Europa deram-se devido à industrialização. Já no Brasil, os estudos sobre o lazer chegaram com a urbanização e com a vida nas grandes cidades.

Com relação à utilização da palavra lazer, o que se verifica, com maior frequência, é a simples associação com experiências individuais vivenciadas dentro de um contexto mais abrangente que caracteriza a sociedade de consumo, o que, muitas vezes, implica a redução do conceito a visões parciais, restritas aos conteúdos de determinadas atividades. Dessa forma, para algumas pessoas o lazer é futebol, para outras é pescaria, ou jardinagem etc. (MARCELLINO, 2006, p.7)

O lazer, conforme Marcellino, pode ser dividido em dois tipos, um ligado ao *tempo* e outro, à *atitude*. O lazer considerado como atitude está relacionado ao sujeito e à sua experiência de vida, ou seja, à satisfação provocada pela atitude. Já no aspecto do lazer ligado ao *tempo*, consideram-se as atividades que ocorrem no tempo fora do trabalho, ou seja, no tempo livre “não só das obrigações profissionais, mas também das familiares, sociais e religiosas” (IBID, p. 8). A conceituação mais moderna em relação ao lazer considera os dois aspectos.

Camargo (2006), em um estudo sobre a conceituação do lazer, destaca que este está sempre associado a algo liberatório de obrigações, ou seja, que busca compensar ou substituir algum esforço que a vida social impõe. Camargo também relata a possibilidade de o trabalho ser considerado como um lazer, mas frisa que é algo raro, sendo realidade apenas para uma minoria seguramente inferior a um por cento da população economicamente ativa. Ele chega até mesmo a citar algumas profissões que estariam enquadradas nesse percentual: artistas, artesãos, cientistas e uma parte de empresários e executivos.

O lazer também pode surgir dentro do próprio ambiente de trabalho, como quando há a comemoração do aniversário de algum dos membros da empresa ou mesmo, como revelaram alguns dos jornalistas entrevistados, quando saem de frente de seus computadores e vão tomar água ou café e conversam por alguns minutos com os colegas de trabalho para distraírem-se por alguns instantes, trocarem informações e contatos.

Apesar de já existirem vários estudos sobre a conceituação do que vem a ser lazer, as definições demonstram-se um pouco vagas. Dumazedier (2000) elenca algumas conceituações estabelecidas por outros estudiosos e pensadores. Ele cita que, para os intelectuais do século XIX, como Marx, o lazer era visto como um espaço que possibilitava o desenvolvimento humano.

As atividades de lazer, além de propiciarem o descanso, a quebra da rotina, também possibilitam o desenvolvimento pessoal e social. Segundo Dumazedier, o lazer constitui-se de atividades terceiras, diversas das atividades produtivas e das obrigações sociais, ou seja, o lazer seria definido por oposição ao conjunto das necessidades e obrigações da vida cotidiana. O lazer ainda seria dividido em três funções básicas: a) função de descanso (resposta à fadiga); b) função de divertimento, recreação e entretenimento (também uma resposta à fadiga); c) função de desenvolvimento (novas formas de aprendizagem). Dumazedier ainda divide o lazer em atividades, a saber: a) lazers físicos (envolvem exercícios corporais); b) lazers práticos (integram habilidades manuais, por exemplo); c) lazers intelectuais (relacionados à cultura); d) lazers artísticos (prática da arte); e) lazers sociais (relacionados às atividades de diversão, entretenimento).

Camargo (2006) e Dumazedier (2000) mencionam a “indústria dos lazers”, na qual, em função do tempo disponível do trabalhador, são criados filmes, espetáculos, musicais, enfim, uma gama de atividades de entretenimento voltadas ao tempo livre do

proletariado. Camargo destaca que esse lazer é todo focado no consumo ou em atividades que levam ao consumo. Para ele, trata-se de um consumo de lazer e não de uma prática ativa de lazer.

Faz-se oportuno nesse ponto relatar o que foi indicado pelos webjornalistas entrevistados como suas principais atividades nos momentos de folga. Praticamente todos os pesquisados elencaram idas ao cinema e ao teatro como um dos seus passatempos prediletos. Ao considerar a ponderação de Camargo, citado anteriormente, a respeito da “indústria dos lazers”, poder-se-ia dizer que os jornalistas apenas consomem lazer e não o praticam efetivamente. Contudo, também há que se considerar que essas seriam atividades financeiramente viáveis para os profissionais, pois os salários para os jornalistas, em especial de veículos *online*, não são altos, em especial para os iniciantes, que constituíram a maioria dos entrevistados. No caso da capital do Brasil, por exemplo, de acordo com levantamento do Sindicato dos Jornalistas do Distrito Federal (SJDF), o piso salarial calculado em fevereiro de 2009 para jornalistas que trabalham em mídias eletrônicas era de R\$ 1.312,95 e em mídia imprensa de R\$ 1.560,13. Por outro lado, tais atividades (cinema, teatro) não são as únicas praticadas pelos webjornalistas no tempo livre e, apesar de serem práticas incentivadas pela “indústria dos lazers”, como destaca Camargo, são formas de os trabalhadores da notícia saírem um pouco de suas rotinas exaustivas e corridas.

Deve-se lembrar que alguns pesquisados são casados, têm filhos e suas horas de lazer são de dedicação à família. Os não casados preferem passar tempo com seus parceiros e muitos relataram que, em períodos de folga, dificilmente preferem visitar seus familiares; preferem fazer um programa com os amigos, por exemplo.

Interessante notar que a maioria dos pesquisados revelou ter de conectar-se à internet para verificar as notícias do dia, mesmo que seja por alguns minutos diários ou nos finais de semana em que não estão de plantão. Seria um “vício” como muitos definiram. Apenas um jornalista afirmou taxativamente que utiliza a internet como sua forma de lazer, além de ver vídeos e notícias constantemente.

Outro ponto comum apontado pelos pesquisados são os encontros com amigos em bares próximos ao local de trabalho. Aqui pode-se levantar a questão da dependência química dos jornalistas, principalmente daqueles que trabalham em redações. De acordo com o levantamento realizado pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), mostrado em capítulos anteriores, constatou-se que, de um grupo de 63 jornalistas, 3,17% afirmaram fazer uso de alguma substância química, muitas vezes

para aliviar o estresse e fugir das tensões. Segundo a própria Federação, esse número não revela fielmente o número de profissionais que fazem uso de tais produtos, pois muitos jornalistas, por receio ou vergonha, não revelaram se de fato são usuários dessas substâncias. A Fenaj relatou ainda que são muitos os casos de alcoolismo dentro das redações.

Outra atividade mencionada por alguns jornalistas foi a necessidade de uma prática desportiva. A maioria revelou que gostaria de praticar algum esporte, mas a rotina intensa de serviço não permite que exerçam uma atividade, devido à falta de tempo e, como alguns revelaram, de vontade. O estilo de vida dos webjornalistas revelou o sedentarismo, pois eles passam horas sentados em frente a computadores, fumam e só levantam da cadeira para sair da redação. A atividade física apareceu como um plano futuro na fala de vários jornalistas; outros revelaram que deixaram os esportes de lado quando entraram na rotina da redação.

6. 2 – A interatividade do webjornalista

Como afirmava McLuhan, Gutemberg nos fez leitores, a xerox nos fez editores e os computadores nos fazem autores.
(LEMOS, 1998, p.8)

O ser humano passa diariamente por trocas de experiências técnicas e sociais. Estudando a cibercultura, não se pode deixar de mencionar um de seus aspectos mais ressaltados em muitos estudos na área de comunicação: a interação. Lévy (2007) afirma que as novas tecnologias da comunicação põem em novas bases os problemas dos laços sociais e que não se poderia falar em um “impacto” das tecnologias, uma vez que a técnica deve ser considerada como um produto social do homem.

Como cita Sêga (2005, p.21), a interação social veio manifestando-se por inúmeras práticas, próprias de cada sociedade como lutas, laços de amizades, solidariedade, comunicação gestual, conversa face a face, correspondências escritas, sempre buscando a interação com o outro. É por meio do interacionismo simbólico do discurso que é possível compreender e interagir na sociedade. Mead (in Sêga), considerado o pai do interacionismo simbólico, ao observar o indivíduo e a sociedade utilizou-se dos conceitos de “mente” e “eu” para averiguar a interação social juntamente

com fatores biológicos. Em sua obra, Mead destaca como colocar-se no lugar do “outro” (empatia), para que assim se pudesse compreender o “eu” na interação social (simpatia ou antipatia pelo outro) por meio do simbólico. Quando o autor destaca a questão da “mente”, ele refere-se à parte na qual o indivíduo é capaz de interagir consigo mesmo por meio da reflexão, planejando seu comportamento e imaginando o do outro (in Sêga, p. 86).

Thompson (1998) explica que a formação do eu (*self*) diante das novas tecnologias tornou-se mais reflexiva e aberta. Nesse contexto, o *self* é um projeto simbólico construído pelo indivíduo e cada vez mais dependente do acesso às formas mediadas de comunicação. Ele explica o desenvolvimento do eu:

O desenvolvimento da mídia também aprofunda e acentua a organização reflexiva do *self* no sentido de que, com a expansão dos recursos simbólicos disponíveis no processo de sua formação, os indivíduos são continuamente confrontados com novas possibilidades, seus horizontes estão se alargando, seus pontos simbólicos de referência estão continuamente mudando. (THOMPSON, 1998, p.185).

Considerando o conceito em um sentido mais lato, a interação é definida por Sêga (2005) como “um comportamento interdependente entre dois ou mais elementos numa dada situação. Na comunicação social, a interação se estabelece entre indivíduos, pois a interação é decorrente de ações e práticas sociais” (p.21).

O homem, como ser comunicativo, utiliza a interação para comunicar-se com os demais membros, visto que as sociedades surgiram das interações manifestadas por relações simbólicas da realidade de cada indivíduo. “A realidade dos indivíduos é sempre apoiada e traduzida por símbolos e a linguagem, quer verbal ou não-verbal, é a forma de manifestação do simbólico.” (SÊGA, Op Cit, p. 22). Os meios de comunicação são grandes facilitadores da interação social, tanto na recepção quanto na transmissão de práticas simbólicas com seus respectivos valores imbuídos em cada sociedade. Com a pós-modernidade, a relação entre espaço e tempo não possui mais o mesmo significado que tinha anteriormente, o que, conseqüentemente, modificou as relações sociais.

A interação com os outros se realiza a medida que os indivíduos partilham entre si o senso comum e o reconhecimento mútuo que estão no seu arsenal sociocultural, apesar de não partilharem seu conhecimento da mesma forma com todos. Assuntos profissionais compartilham com os colegas; a escolha do lazer com seus amigos mais íntimos e assim por diante. (SÊGA, Op Cit, p. 101)

Retomando a conceituação de interatividade dentro da cibercultura, Lemos (1998) afirma que ela é uma palavra de ordem no mundo dos media eletrônicos, em que, atualmente, tudo o que se vende e se consome pode possuir um caráter de interação, desde um simples produto anunciado ao forno de microondas.

A noção de ‘interatividade’ está diretamente ligada aos novos media digitais. O que compreendemos hoje por interatividade, nada mais é que uma nova forma de interação técnica, de cunho ‘eletrônico-digital’, diferente da interação ‘analógica’ que caracterizou os medias tradicionais. (LEMOS, 1998, p.1)

Lemos (1998) chama de interação “eletrônica digital” a interação vivenciada na sociedade da informação por meio da internet. O ambiente de comunicação proporcionado pela internet auxilia tanto no sentimento de pertença a uma comunidade, por exemplo, como no afastamento quando se é diferente do grupo. Há simultaneamente uma noção de agregação e isolamento, na qual o indivíduo conecta-se com o mundo, mas distancia-se das pessoas que estão ao seu redor. Seria o caso, por exemplo, dos webjornalistas pesquisados. Muitos apontaram que preferem mandar um *e-mail* para o amigo de trabalho do que ter de se deslocar de seu terminal para falar pessoalmente. Outros apontaram que, em geral, é mais fácil falar com editores ou superiores via *e-mail*, pois não há a necessidade de estar frente a frente e pode-se pensar no que se vai escrever no corpo da mensagem antes de ser enviada.

Chats, e-mail, jogos eletrônicos, votações, discussões e vídeos – são vários os recursos que acentuam o caráter comunicacional da rede. “As pessoas criam vínculos, marcam encontros, trocam confidências, buscam laços afetivos por acreditarem que se trata mais de um espaço privado do que propriamente público. O ciberespaço tornou-se um lugar de interação social.” (CARDOSO, 1998, p. 20).

Os enfoques acerca da interação são diversos. Primo (2005) descreve cinco que seriam os mais comuns e passíveis de generalizações sobre o tema. São eles: a) o enfoque transmissionista (há apenas um emissor e um receptor e tem-se a noção da teoria da informação seguindo o modelo emissor – mensagem – canal – receptor); b) enfoque informacional (também centrado no modelo da teoria da informação, que valoriza a possibilidade entre alternativas disponíveis); c) enfoque tecnicista (voltado à capacidade do canal, destacando as características das técnicas); d) enfoque mercadológico (a interatividade como argumento de venda); e) enfoque antropomórfico (voltado à relação homem-máquina como passíveis de estabelecer comunicação).

Lévy (1999) também menciona as características que norteiam o ciberespaço, que são a *interconexão*, as *comunidades virtuais* e a *inteligência coletiva*. Na primeira característica, o autor mostra que é preferível conectar-se a manter-se isolado; na segunda, tem-se as comunidades *online*, que são partes da interconexão e são versões mais complexas e evoluídas dos diários virtuais (conhecidos como *blogs*) e dos bate-papos. Dentre os *sites* de relacionamento mais conhecidos pode-se apontar o *Orkut*, *Multiply*, *Friendster*, *Universe*, *Hi5*, entre outros. O mais popular é o *Orkut*, principalmente entre os brasileiros, pois somente em setembro de 2005 os brasileiros já eram 52,06% dos usuários do serviço. Apenas três dos webjornalistas pesquisados falaram não participar de nenhum tipo de *site* de relacionamento; os demais relataram que utilizam o *Orkut* para manter contatos com amigos, familiares e encontrar possíveis fontes para matérias futuras. No último aspecto destacado por Lévy, temos a inteligência coletiva, que pode ser definida como o modo de transmissão de informação, de conhecimento.

A inteligência coletiva não é um conceito exclusivamente cognitivo. Inteligência deve ser compreendida aqui como na expressão “trabalhar de comum acordo”, ou no sentido de “entendimento como o inimigo”. Trata-se de uma abordagem de caráter bem geral da vida em sociedade e de seu possível futuro. (LÉVY, 1999, p. 26).

O desenvolvimento das interfaces gráficas auxiliou o “contato” entre homem e máquina. Lévy (1999) lembra de alguns dispositivos de entrada⁴³ que capturam ações corporais que podem ser “traduzidas” por dispositivos computacionais, tais como o *mouse*, teclados, *scanner*, leitores óticos, *data gloves* ou *data suits*⁴⁴ dentre outros. “O humano é convidado a passar para o outro lado da tela e a interagir de forma sensório-motora com modelos digitais” (IBID, p.38).

Um dos aspectos levantados pelos jornalistas como favoráveis de se trabalhar na internet foi justamente a interação com seus leitores. Contudo, a noção de interatividade apontada pelos profissionais mostrou-se um pouco reduzida, pois a ideia mostrada

⁴³ Dispositivos de entrada: também chamados de periféricos, são dispositivos que fornecem dados para operações em um determinado tipo de programa. Podem também ser chamados de unidades de entrada (input/output). Os periféricos de entrada permitem a codificação da informação que entra em dados para que possam ser processados pelo sistema digital do computador. Já os dispositivos de saída decodificam os dados em informação que pode ser entendida pelo usuário. (Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Dispositivo_de_entrada).

⁴⁴ *Data gloves* ou *data suits* são equipamentos que possuem sensores capazes de capturar os movimentos do corpo. As *data gloves*, por exemplo, são utilizadas como luvas que captam os movimentos das mãos para manipular objetos no mundo virtual.

referiu-se a apenas uma resposta na página ou a um comentário sobre a última notícia publicada.

Não se pode descartar que há um certo tipo de contato entre jornalista e público com a internet, mas não há uma verdadeira troca de ideias, de informações entre os dois lados. Ao pensar dessa maneira poder-se-ia caracterizar como interação qualquer contato estabelecido entre a mídia e seus consumidores, como no caso de programas televisivos que dão aos telespectadores a opção de escolher qual filme querem assistir votando por meio do telefone. Contudo, são disponibilizadas apenas três opções de escolha. Seria uma maneira de interagir, mas um tipo restrito ao que a mídia estipulou e não a livre escolha do indivíduo. De fato há um certo grau de interação nos exemplos citados; no entanto, em níveis muito baixos. É oportuna aqui a ideia de Lemos (1998) para elucidar:

A interação homem-técnica é assim, uma atividade tecno-social presente em todas as etapas da civilização. O que vemos hoje, com tecnologias do digital, não é a criação da interatividade propriamente dita, mas de processos baseados em manipulações de informações binárias. (LEMOS, 1998, p.1).

CAPÍTULO 7 – CONCLUSÕES

O computador, então, não é apenas uma ferramenta a mais para a produção de textos, sons e imagens, é antes de mais nada um operador de virtualização da informação.
(Lévy, 1999, p.55)

A atividade jornalística sempre conviveu em meio às rotinas de produção e teve de se adaptar às técnicas, que chegavam e alteravam seu cotidiano. Desde a invenção de Johann Gutemberg, que, ao criar a tipografia (tipos móveis), trouxe a possibilidade de maior produção de livros e folhetos, até a *Web 2.0*, com recursos multimídia, tem-se a técnica como elemento modificador da profissão de jornalista. A técnica pode ser vista no sentido de inovação, de novos desafios proporcionados, no caso do jornalismo e, especificamente, no caso do nosso estudo, do jornalista.

Pelo relato dos webjornalistas foi verificado que estes não seriam capazes de imaginar sua profissão sem o auxílio e, porque não dizer, sem a dependência, da máquina. A *web*, ao mesmo tempo em que auxilia no lado profissional, também está presente na vida pessoal. Os sítios (ou *sites*) fornecem salas de bate-papo, redes de relacionamento de conversa, namoro, música, sexo, enfim, uma gama de opções que permeia a vida cotidiana e o ambiente de trabalho.

Para verificar quem seriam os webjornalistas inseridos no contexto da cibercultura, entrevistaram-se 20 jornalistas, dentre repórteres, editores e subeditores dos veículos *Correio Web*, *CB.com.br* e *Agência Brasil*. O trabalho desses profissionais foi observado por duas semanas, foram realizadas também entrevistas individuais. Todavia, alguns jornalistas responderam às perguntas por *e-mail*, pois argumentaram não ter tempo na sua rotina para responder pessoalmente o questionário ou mesmo não realizavam suas atividades dentro da redação dos veículos, como por exemplo, no caso dos chamados setoristas. Nem todos os membros das equipes propuseram-se a participar da pesquisa, assim apenas parte dos componentes de cada ambiente redacional foram entrevistados.

Considerando o conceito de Lévy (1999) sobre cibercultura, ou seja, “um conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (p.17), tem-se, inserido nesse contexto, o “sujeito-jornalista”, os repórteres

do “tempo real” – objeto de estudo da presente pesquisa – e a tecnologia como produto da sociedade e da cultura.

As verdadeiras relações, portanto, não são criadas entre ‘a’ tecnologia (que seria da ordem da causa) e ‘a’ cultura (que sofreria os efeitos), mas sim entre um grande número de atores humanos que inventam, produzem, utilizam e interpretam de diferentes formas as técnicas. (LÉVY, 1999, p. 23).

Ao interpretar a técnica da forma mencionada por Lévy, os webjornalistas utilizam-na como meio facilitador de suas tarefas e rotinas diárias, tanto pessoais quanto profissionais, além de introduzirem novas ferramentas que auxiliam o trabalho na internet, como *softwares*, por exemplo. “As tecnologias digitais surgiram, então, como a infra-estrutura do ciberespaço, novos espaços de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado de informação e do conhecimento.” (LÉVY, 1999, p. 32).

Como destacado anteriormente, não foi objetivo do presente trabalho entrevistar os jornalistas *online* de determinada idade ou editoria, uma vez que não haveria possibilidade de estabelecer tal tipo de critério de seleção para os pesquisados – o público-alvo, ou seja, os webjornalistas não eram conhecidos. Traçando um panorama desta análise, constatou-se que os jornalistas que trabalham em veículos *online* são jovens – estão na faixa etária de 22 a 27 anos de idade – são solteiros e encontram-se em sua primeira experiência profissional. Logicamente ocorreram exceções, tanto no quesito idade quanto no tempo de experiência ou estado civil; por exemplo, os entrevistados com mais idade possuíam 39 e 50 anos.

Os profissionais afirmaram que o primeiro contato com o campo de trabalho deu-se no *online* por ser uma área que não exige muita experiência. Alguns afirmaram que caíram de “paraquedas” no webjornalismo, pois a maioria diz que preferiria trabalhar em outra área do jornalismo, como rádio, televisão ou impresso a trabalhar *web*, mas, como esta foi a oportunidade que surgiu, acharam conveniente aceitar.

Fato curioso apontado pelos webjornalistas foi a cobrança – não aquela realizada pelos superiores imediatos, como editores ou subeditores, mas por eles próprios. Os profissionais cobram-se para que realizem suas tarefas do modo mais rápido e eficaz possível, sem esperar que apareça um pedido, ou mesmo reclamação, de um superior. Como os pesquisados relataram, eles pensam 24h em notícias e, como tal, não podem deixar escapar nenhuma, ainda mais se o concorrente já deu o “furo”. Muitos demonstram que possuem um “vício” por informações, porque, mesmo quando estão

fora da redação, procuram manter-se atualizados e, para isso, utilizam a internet em suas residências e tentam estar sempre conectados.

Tal cobrança existe somente entre os próprios webjornalistas, pois eles têm a necessidade de serem ágeis e conseguir publicar qualquer notícia antes do concorrente. Contudo, a divulgação de qualquer fato antes dos demais veículos é, na maioria das vezes, irrelevante para o leitor – para o internauta nesse caso – porque somente os profissionais que trabalham com a notícia sabem na verdade quem publicou primeiro um fato. O internauta apenas quer encontrar as últimas informações na sua página de notícias favorita quando realizar seu próximo acesso. “Os repórteres naturalmente escrevem para agradar aos editores que controlam o sistema de recompensas do outro lado da sala, mas não existe nenhuma maneira direta de receber um reforço redigindo a melhor matéria possível.” (DARTON, 1990, p. 74).

O ciberespaço é um local de interconexões, onde existem diversas comunidades virtuais, *blogs* e *sites* de relacionamentos. Os webjornalistas analisados logicamente utilizam a tecnologia da *web* para o seu trabalho, mas verificou-se que a utilizam também na sua vida cotidiana, tanto para estabelecer ligações com outros membros de comunidades virtuais, por exemplo, ou mesmo para comunicar-se com familiares, amigos e até para os momentos de lazer. O *site* de relacionamento *Orkut* foi o que apareceu na fala de praticamente todos os entrevistados – apenas cinco responderam taxativamente que não participam de nenhuma comunidade, *site* ou *blog*, por não terem familiaridade com a tecnologia ou pela falta de paciência em lidar com as ferramentas. Nesses *sites* ou comunidades virtuais, há grupos sociais, nos quais são compartilhados interesses comuns (sociais, profissionais, dentre outros). Os sujeitos participantes desses sites criam suas identidades para o mundo *online*, no qual, nos seus perfis virtuais, apresentam-se com suas melhores fotos. Há a criação de identidades para o mundo *on* e *offline*.

Como mencionado por meio da obra de Rüdiger (2002), o ciberespaço é o local no qual o sujeito interage socialmente através da figura do “eu”, onde a sua identidade pode ter múltiplas facetas. A tecnologia possibilita a superação de nossas limitações orgânicas, individuais, e o ciberespaço proporciona a comunicação mediada por computador, a interação social, onde o indivíduo pode se transformar em um novo *eu*, construindo sua identidade, criando um novo espaço e um novo tempo de interação. Contudo, na internet, os usuários não buscam apenas informação; são também seres

sociais, “também buscam pertença, apoio e informação, são também atores sociais”. (RÜDIGER, 2002, p.25).

Concordamos com Lévy (1999) quando afirma que as comunidades virtuais não substituirão os encontros físicos, mas complementá-los-ão. Entretanto, não se pode esquecer que tais comunidades muitas vezes aproximam pessoas desconhecidas e distanciam aquelas que estão mais perto. A questão do *e-mail*, no caso dos webjornalistas, ilustra bem essa afirmação. Alguns relataram que preferem utilizar o *e-mail* ou algum serviço de mensagem instantânea para comunicar-se com um colega de trabalho ou supervisor a deslocar-se até outro local. Neste caso, o contato pessoal é deixado de lado e, no exemplo do contato com os superiores, alguns jornalistas declararam que preferem comunicar-se via *web* com os editores, por não se sentirem à vontade para falar pessoalmente. Eles têm o *e-mail* como uma ferramenta que facilita a comunicação, na qual não há a hierarquia do jornal e é possível pensar no que escrever antes de enviar a mensagem. “Quanto às relações ‘virtuais’, não substituem pura e simplesmente os encontros físicos, nem as viagens, que muitas vezes ajudam a preparar. Em geral é um erro pensar as relações entre amigos e novos dispositivos de comunicação em termos de substituição.” (LÉVY, 1999, p.129).

Não é a facilidade em lidar com computadores, com máquinas, com a internet, que irá fazer com que um jornalista necessariamente opte por trabalhar em um veículo *online*, pois alguns dos entrevistados apontaram que só sabem utilizar as ferramentas básicas para realizarem suas tarefas e não gostam de ter, ou mesmo consumir, novas tecnologias.

A despeito da existência de grandes obras referentes ao jornalismo *online*, as quase destacam as horas exaustivas de trabalho dos webjornalistas, relatando que não possuem um horário determinado para sair da redação, os entrevistados nessa pesquisa mostraram que o horário de trabalho na *web* é regular; dificilmente ficam além do expediente para terminar matérias, por exemplo. Fato peculiar foi a fala de uma das jornalistas, ao argumentar que o trabalho no *online* proporcionou a realização de um dos seus maiores sonhos, o de ser mãe, pois, quando trabalhava em um veículo impresso, ela não via condições conciliar o trabalho à criação de um filho. Apesar da rotina de horário ser mais flexível no *online*, os webjornalistas frisaram que também não param para “respirar” durante o trabalho, especialmente os das editorias de *Cidades e Últimas Notícias*, que, no caso do *CB.com.br*, nem ao menos possuem horário de almoço.

O acúmulo de funções no webjornalismo também não é algo novo e foi relatado por alguns profissionais, que argumentaram exercer as funções de repórteres nas diversas editorias e até mesmo de editores quando estão de plantão nos finais de semana ou feriados. O *Correio Web* e o *CB.com.br* são veículos muito peculiares, visto que os repórteres não vão às ruas para fazer a apuração, eles, na maioria da vezes, somente recebem *flashes* dos jornalistas do impresso, que acabam por reunir mais trabalho e funções.

O lazer desses profissionais do “tempo real” também merece destaque, uma vez que as atividades praticadas nas horas livres são muito semelhantes, tais como idas a cinema, bares e teatro. Com relação aos bares, importa retomar o estudo da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), mencionado em capítulos anteriores, que destaca a questão do alcoolismo no jornalismo. Por meio de conversas informais, alguns webjornalistas relataram que a bebida é utilizada como um modo de fuga da realidade, como uma forma de esquecer as atribuições do dia a dia, assim como as drogas, também muito comuns dentro do ambiente redacional. Outro ponto a ser destacado, é o distanciamento com os familiares, mais especificamente, pais e mães, no caso do webjornalistas mais jovens. Estes demonstraram que preferem dar prioridade nas horas de lazer a encontros com namorados (as) ou sair com amigos a encontrar com a família, pois não possuem tempo suficiente para se dedicar e estão sempre muito cansados depois de um dia de trabalho. Como mencionou uma das jornalistas: “As relações com a família deram uma ‘diluída’”.

A acumulação de capital no contexto de mercados concorrenciais de trabalho e bens surte influência na organização do tempo e nos grupos de participação dos sujeitos sociais, tem influência na relação tempo de lazer/trabalho, nas relações familiares, na inserção e participação política, nos tipos de profissões valorizadas, entre muitas outras áreas das relações sociais. (CARDOSO, 1998, p. 13)

Ainda em relação ao lazer, apenas um webjornalista afirmou claramente que o seu tempo livre está na internet, em horas de navegação pela *web*. Ele dedica seu horário de folga a conversas mediadas por programas de mensagens instantâneas, a assistir a vídeos no *Youtube*, a participar de comunidades e *blogs* e a procurar novidades sobre *hardware* e *software* para saber qual irá adquirir. Qualquer lançamento, seja de um novo programa seja de uma nova ferramenta é, para esse webjornalista, motivo de entusiasmo e de economia, pois como ele mencionou, os “jornalistas não ganham tão bem assim” e é preciso economizar um pouco para se comprar a nova ferramenta.

As mudanças constantes, os lançamentos, novas plataformas, programas estão sempre sendo alterados e há sempre uma novidade tecnológica. Os webjornalistas relataram que não conseguem manter-se atualizados sobre esses lançamentos tecnológicos, que muitas vezes são grandes auxiliares na produção de suas tarefas. O *Correio Web*, por exemplo, criou um curso de interfaces gráficas e de linguagem da *web* para os seus jornalistas, pois notou que eles já começavam a ficar defasados. No caso da *Agência Brasil*, os webjornalistas reclamaram do sistema de abastecimento de notícias, que, por não ser atual, acaba por atrapalhar o fornecimento de matérias e dificulta o andamento do trabalho.

A aceleração é tão forte e tão generalizada que até mesmo os mais ‘ligados’ encontram-se, em graus diversos, ultrapassados pela mudança, já que ninguém pode participar ativamente da criação das transformações do conjunto de especialidades técnicas, nem mesmo seguir essas transformações de perto. (LÉVY, 1999, p. 28).

As enfermidades causadas em decorrência do trabalho, tais como LER (Lesão por Esforço Repetitivo), problemas de visão, problemas respiratórios e de coluna não estão apenas nos jornalistas com maior experiência. No entanto, são, logicamente, os mais antigos que mais sofrem com as doenças. As horas de exposição em salas frias devido ao ar condicionado e a utilização constante de cadeiras não ergométricas são alguns dos fatores que ocasionam as enfermidades. A doença que apareceu com maior frequência na fala dos entrevistados foi o estresse.

A fascinação em se trabalhar no meio *online* também apareceu em algumas entrevistas. Em relação a esse aspecto, é oportuno evocar uma das considerações de McLuhan (1964) sobre o deslumbramento causado por uma tecnologia que represente uma extensão do homem. Os webjornalistas estão tão conectados aos seus computadores, tanto dentro como fora do ambiente de trabalho, que sentem uma necessidade quase que fisiológica de estarem permanentemente *online*. Até mesmo os que afirmaram não gostar de tecnologia não conseguem mais ficar desconectados, pois tornou-se muito difícil a separação dos mundo *on* e *offline*.

Ao fazer a ligação com os estudos de McLuhan, dos meios como extensões do corpo humano, foi relatado que não há a ideia de um “sujeito-jornalista” atrelado à máquina como um Frankenstein, um sujeito que agregasse partes robóticas ao seu corpo; há a noção de um webjornalista que utiliza a tecnologia como facilitadora do seu cotidiano.

Rüdiger (2002) a respeito dos estudos de McLuhan sobre os meios como extensões do corpo humano, enfatiza que a junção homem e máquina tornou-se, após as obras mcluhanianas, um “discurso euforizante, marcado pela combinação da filosofia barata com linguajar dos profissionais de venda.” (p.12). Mcluhan realmente “popularizou” a união dos seres humanos com máquinas, mas não foi o primeiro a pesquisar e a preconizar tal ligação. Rüdiger remete-se aos estudos de Donna Haraway, que pondera acerca do ciborguismo como o grande estruturador de mudanças históricas, culturais, políticas e até mesmo sexuais. A própria autora autodenomina-se como a quintessência da tecnologia, uma ciborgue, porque não se sabe mais onde começa o humano e onde termina a máquina. “By the late twentieth century, our time, a mythic time, we are chimeras, theorized and fabricated hybrids of machine and organism; in short, we are cyborgs.”⁴⁵ (HARAWAY, 1991, p.150).

Tem-se, na fala de Haraway, o determinismo tecnológico, em que a tecnologia é tida como a “salvadora” dos problemas da humanidade, solucionadora de todos os infortúnios que assolam o planeta. Os webjornalistas não se encaixam no perfil descrito pela autora, uma vez que, se assim fossem considerados, as redações estariam repletas de ficções científicas, com seres com partes robóticas realizando as tarefas dos jornalistas. Temos “sujeitos-jornalistas” que possuem extensões de seus corpos, mas de uma maneira simbólica, em que o computador, a máquina, a internet, enfim, as novas tecnologias, aparecem como organizadores, facilitadores do cotidiano, em que os webjornalistas têm a necessidade de existir e de serem reconhecidos nos mundos *on* e *offline* dentro da emergente cibercultura.

⁴⁵ “Até o final do século vinte, nosso tempo, um tempo mítico, nós somos quimeras; teorizadas e fabricadas como um híbrido de organismo e máquina; em suma, somos ciborgues.” (tradução aproximada).

ANEXOS



Página inicial do portal Correio Web (www.correioweb.com.br) – dia 13/01/2009



Hilary Clinton, chefe de missão dos Estados Unidos em Brasília

MUNDO >>

FÁBICA DE GAZA

Estados Unidos cancelam a entrega de armas a Israel

ONU admite 'crescente frustração' com permanência de ofensiva

Ataques continuam, mesmo com apelos das Nações Unidas

Negociador de Israel diz que terá 'conversa decisiva' no Egito

Protesto em Brasília reúne comunidade árabe-palestina

INTERNACIONAL

Presidente colombiano vem ao Brasil para agenda bilateral

ECONOMIA >>

BOVESPA

Com valorização modesta, Bovespa fecha em alta de 0,36%

CAIXA

Caixa descarta uso do FGTS para compra de segundo imóvel

INVESTIMENTOS

Empresa inglesa BG investirá US\$ 4 bilhões no pré-sal

GOVERNO

Governo prepara novas medidas

EDUCAÇÃO

Sai o resultado da 3ª etapa do PAS da UnB

Confira aqui o lista oficial divulgada pelo Cespe com as notas das 1.394 aprovadas, em primeira chamada, na 3ª etapa do Programa de Avaliação Seriada da UnB

Cespe elimina 56 que fizeram provas após o limite de horário

IMÓVEIS

Terracap anuncia venda de lotes do Noroeste para dia 2

RELAÇÕES NA ESCOLA

Alta no material escolar leva pais a antecipar compras no DF

Lazer

Espaço para crianças no Parque Olhos D'água é revitalizado

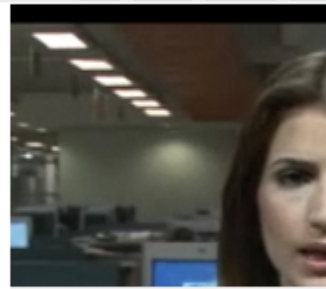
RELIGIÃO

Morre um dos padres exorcista autorizados pela Arquidiocese



BRASIL >>

veja mais notícias em www.correiobraziliense.com.br



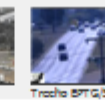
TRÂNSITO AO VIVO >>

EIXO



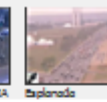
Via S1

SIA



Trecho SP/G/SIA

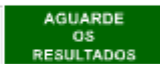
ESPLANADA



Esplanada

Paulista em laral relata trabalho pela paz em oratório

Gov. Amado lamenta incêndio na Igreja de São Antônio



EDIÇÃO DO DIA >>



Página inicial do portal Correio Braziliense (www.correiobraziliense.com.br) – dia 13/01/2009

Política Mais Lidas Todas Notícias por assunto: Política ▼

13/01/2009 20:23 - Garibaldi busca apoio de Renan para se manter na disputa pela presidência do Senado

13/01/2009 20:22 - Em campanha, Temer reúne Cabral, Paes e deputados do Rio

13/01/2009 20:21 - Viana diz que aceitará eventual vitória de Garibaldi sem recorrer à Justiça

13/01/2009 20:18 - Temer tenta desvincular candidatura de Sarney da eleição na Câmara

13/01/2009 20:16 - Justiça arquivou processo sobre morte de Wladimir Herzog dentro do DOI-Codi

13/01/2009 20:12 - Chinaglia deixa discussão de adicional de servidores para próximo presidente da Câmara

13/01/2009 20:10 - Aldo procura governadores para se fortalecer na Câmara

13/01/2009 20:00 - Paes tem projeto para fazer esgoto ter cheiro de jasmim

13/01/2009 18:07 - Marcos Valério pede habeas-corpus ao STF

13/01/2009 18:02 - Michel Temer faz campanha com parlamentares do Rio

13/01/2009 17:59 - Com nova aparência, Dilma recebe elogios em reunião no Planalto

13/01/2009 17:58 - TSE nega liminar a candidato mais votado de Divisa Alegre (MG)

13/01/2009 17:58 - Justiça arquivou casos de jornalista e comandante mortos no DOI-Codi

13/01/2009 16:43 - Lula vai se dedicar às eleições no Congresso, diz Múcio

13/01/2009 16:03 - Comissão de Anistia vai julgar pedido de Cabo Anselmo

13/01/2009 16:01 - Lula discute eleições na Câmara e no Senado durante reunião de coordenação no Planalto

13/01/2009 15:59 - Garibaldi nega conhecimento sobre decisão do PMDB e diz que permanece na disputa

13/01/2009 15:58 - Tião e Garibaldi unem forças contra ofensiva do PMDB no Senado

Atualizações da editoria de política do CB.com.br – data 13/01/2009

AGÊNCIA BRASIL
EBC • Empresa Brasil de Comunicação

A Empresa O Jornalismo Fala Coragem Trabalhe Aqui Contas

Busca: Notícias

Notícias Grandes Reportagens Coberturas Temáticas Senso da Imagem Multimídia Tópicos de Assuntos Canal do Leitor

INFOGRAFIA VÍDEOS ÁUDIOS MAPAS BLOGS GALERIAS DE FOTOS OUVIDORIA

IBGE: queda do emprego na indústria é reflexo da crise

13kiss Segundo o economista André Macedo, do IBGE, a queda de 0,6% registrada em novembro no nível de emprego na atividade fabril reflete o menor dinamismo que atingiu a produção industrial no país a partir de outubro

- Queda é a maior desde outubro de 2003
- Comparado a novembro de 2007, índice sobe em 11 setores
- Desemprego pode se agravar no primeiro trimestre
- Metaleiros da GM fazem protesto contra demissões
- Montadoras buscam saídas para não demitir no Paraná

Lupi quer manter empregos em empresas beneficiadas com recursos do FGTS e FAT

13kiss O ministro do Trabalho, Carlos Lupi, afirmou nesta terça-feira que o governo estuda adotar medidas para que empresas que tomarem financiamentos com verbas do FGTS e do FAT obtem contrapartidas, como a manutenção dos postos de trabalho

- Governo vai anunciar medidas para evitar desemprego
- Maior parte dos empregados domésticos está na informalidade

Brasil inicia em fevereiro produção de urânio enriquecido em escala industrial

13kiss A estatal Indústrias Nucleares do Brasil (INB) vai fabricar urânio enriquecido na cidade de Resende (RJ). A produção pode atender em 2012 todas as necessidades do combustível da usina nuclear de Angra I e 20% de Angra II

- Fabricação de urânio enriquecido é diferencial para o Brasil

Queda na safra deve ser maior que prevista pela Conab

13kiss O ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes, afirmou que as condições climáticas em parte da Região Sul ferão com que a produção fique abaixo das estimativas de Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Minc diz que aposta no bom senso para

13kiss O ministro da Educação, Fernando Haddad, afirmou que o governo aposta no bom senso para lidar com a crise econômica

DOWNLOAD LIVRE



Brasil - O ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc, apresenta série de 13 programas sobre captação obrigatória de energia, que começa a ser medida nos intervalos da TV a Tim Dum, controlada pela Fundação Padre Anchieta

Site imagens

MAIS BLOGADAS ENVIADAS VÍDEOS ÁUDIOS INFOGRAFIA

- Iranol alerta polêmicas sobre novas ataques na faixa do Gaza
- Paraty, no sul fluminense, discute situação de emergência por causa das chuvas
- Iranol afirma ter matado importante militante do Hamas
- Inflação intencional e problemas com bilhetez falaca marcam chegada do cruzeiro ao Rio

TV BRASIL Escolha. Programa. Assista

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

IMAGENS DE DESTAQUE

Página inicial do site da Agência Brasil – data 13/01/2009

- ▣ 20h49 - Sem CUT, sindicatos e Fiesp discutem redução de jornada como forma de garantir emprego
- ▣ 20h46 - América Latina precisa diversificar a indústria, afirma economista
- ▣ 20h26 - Agricultura gaúcha avalia perdas com estiagem
- ▣ 20h23 - Lula pede a Lupi levantamento sobre desemprego e postos de trabalho no país
- ▣ 20h03 - País terá plenitude industrial com fabricação de urânio enriquecido, diz diretor da INB
- ▣ 20h01 - BID eleva recursos para financiamento do comércio na América Latina e Caribe
- ▣ 19h50 - Queda na safra deve ser maior que prevista pela Conab, diz Stephanes
- ▣ 19h43 - Brasil inicia em fevereiro produção de urânio enriquecido em escala industrial
- ▣ 19h25 - Crise não afetou exportações de moda do RJ, indica estudo da Firjan
- ▣ 19h14 - Presos em Buenos Aires israelenses fugitivos da Justiça brasileira
- ▣ 19h12 - Pequenas empresas de moda do Rio buscam na natureza matéria-prima para suas confecções
- ▣ 19h11 - Dólar sobe 1,35% mesmo com leilões do Banco Central
- ▣ 19h04 - Grupo de trabalho começa a projetar Secretaria Especial de Atenção à Saúde Indígena
- ▣ 19h01 - Dom Mauro Morelli apresenta projeto de capacitação de jovens a ministro da Defesa
- ▣ 19h00 - Rio ganha novo arranjo produtivo local de moda
- ▣ 18h51 - Desemprego pode se agravar no primeiro trimestre, diz economista do IEDI
- ▣ 18h48 - Obama pretende dar novo impulso a relações com América Latina
- ▣ 18h47 - Cartão BNDES registra aumento de 277% nos financiamentos de empresas do setor

Atualizações das notícias da Agência Brasil – data 13/01/09

BIBLIOGRAFIA

- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 2 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- BOHÈRE, G. **Profession: Journalist: A study on the working conditions of journalists**. Internacional Labour Office, Geneva, 1984.
- CALDAS, Álvaro (org.). **Deu no jornal: O jornalismo impresso na era da Internet**. São Paulo: Loyola, 2002.
- CAMARGO, Luiz O. Lima. **O que é lazer**. 3 ed. São Paulo: Braziliense, 2006.
- CARDOSO, Gustavo. **Para uma sociologia do ciberespaço: comunidades virtuais em português**. Oeiras: Celta, 1998.
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura**. 5 ed., V.1. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- _____. **A Galáxia da Internet: Reflexões sobre Internet, negócios e sociedade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- DARTON, Robert. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- DELLA TORRE, M.B.L. **O homem e a sociedade: uma introdução à sociologia**. 11 ed. São Paulo: Nacional, 1983.
- DORIA, Francisco Antônio; DORIA, Pedro. **Comunicação: dos fundamentos à internet**. Rio de Janeiro: Revan, 1999.
- DUARTE, Jorge (org.). **Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia: Teoria e Técnica**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e Cultura Popular**. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano: A Essência das Religiões**. Lisboa: Livros do Brasil, 1957.
- ELLUL, Jacques. **A técnica e o desafio do século**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968
- FILHO, Ciro Marcondes. **A saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker, 2000.
- FERRARI, Pollyana. **Jornalismo Digital**. São Paulo: Contexto, 2003.
- GAMA, Ruy. **A tecnologia e o trabalho na história**. São Paulo: Nobel, 1987.
- GOODE, William J.; HATT, Paul K. **Métodos em Pesquisa Social**. 5 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.

HARAWAY, Donna. **Simians, cyborgs and women: the reinvention of nature**. New York: Routledge, 1991.

HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz; FRANÇA, Vera (org.) **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

JORGE, T.M..**Cronologia da Notícia (de 740 a.C a 2020)**. In: ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALFREDO DE CARVALHO, 2., 2004, Florianópolis. **Anais...**Florianópolis: UFSC/ Sindicato dos Jornalistas/ Fenaj, 2004. CD-ROM.

_____. **Manual do Foca: guia de sobrevivência para jornalistas**. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **A notícia em mutação: estudo sobre o relato noticioso no jornalismo digital**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília. Brasília, 2007.

KATZ, Chaim S.; DORIA, Francisco Antonio e LIMA, Luiz Costa. **Dicionário Básico de Comunicação**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir**. 2 ed. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalismo na era digital: Ensaio sobre o colapso da razão ética**. São Paulo: Unesp, 2004.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de jornalismo: norte e sul**. 2 ed. São Paulo: EdUSP, 2001.

KUNZRU, Hari; HARAWAY, Donna. **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LAKATOS, M. Eva; MARCONDES, Andrade M. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1982.

LAVILLE, C., DIONNE, J. **A construção do saber**. Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: ARTEMED, 1999.

LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2004.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. **A Inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 4 ed. São Paulo: Loyola, 2007.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer: uma introdução**. 4 ed. São Paulo: Autores Associados, 2006.

MACHADO, Arlindo. O sujeito no ciberespaço. In: **Crítica às práticas midiáticas: da sociedade de massa às ciberculturas**. São Paulo: Hacker, 2002. p. 83-97.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1964.

_____. **A Galáxia de Gutemberg: a formação do homem tipográfico**. São Paulo: Editora Nacional, 1972.

MCLUHAN, Stephanie; STAINES, David (org.). **McLuhan por McLuhan**. Tradução: Antonio de Pádua Danesi. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

MEDINA, Cremilda. **Notícia um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial**. 2 ed. São Paulo: Summus, 1988.

MORIN, Edgar. **Cultura de massa no século XX: o espírito do tempo**. São Paulo: Forense, 1977.

MORETZSOHN, Sylvia. **Jornalismo em tempo real: o fetiche da velocidade**. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

NEGROPONTE, Nicholas. **A vida digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NEVEU, Erik. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Loyola, 2006.

ORTEGA Y GASSET, José. **A rebelião das massas**. São Paulo, Martins Fontes, 1987

PAVLICK, J. V. **Journalism and new media**. New York: Columbia University Press, 2001.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

PINHO, J. B. **Jornalismo na Internet: Planejamento e produção da informação online**. São Paulo: Summus, 2003.

PRADO, José Luiz Aidar (org.). **Crítica das práticas midiáticas: da sociedade de massa às ciberculturas**. São Paulo: Hacker, 2002.

RAMONET, Ignácio. **A tirania da comunicação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

ROCHER, Guy. **Sociologia Geral**. Lisboa: Presença, 1971.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Comunicação e Cultura: A experiência cultural na era da informação**. 2 ed. Lisboa: Presença, 1999.

ROSENSTIEL, Tom; KOVACH, Bill. **Os elementos do jornalismo: O que os jornalistas devem saber e o público exigir**. 2 ed. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

RÜDIGER, Francisco. **Elementos para a crítica da cibercultura: sujeito, objeto e interação na era das novas tecnologias da comunicação**. São Paulo: Hacker, 2002.

_____. **Introdução às teorias da cibercultura: perspectivas do pensamento tecnológico contemporâneo**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

SCHAFF, Adam. **A sociedade informática**: as consequências sociais da segunda revolução industrial. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SCHUDSON, Michael. **Enfoques históricos a los estudios de la comunicación**, in: JENSEN, K. B., Jankowski. *Metologias cualitativas de investigación en comunicación de masas*. Barcelona: Bosch, 1993.

SÊGA, Christina Maria Pedrazza. **Relações sociais, interação e comunicação**: um estudo sobre os elementos relevantes nas diversas formas de comunicação das tradicionais às contemporâneas. Tese de doutorado em Ciências da Comunicação apresentada na Universidade Nova de Lisboa, Portugal, 2005.

SFEZ, Lucien. **Crítica da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 1994.

SILVA, Juremir Machado. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

TUCHMAN, Gaye. **La producción de la noticia**: estudios sobre la construcción de la realidad. México: G. Gilli, 1983.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. 6 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

_____. **Ideologia e cultura moderna**: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995.

TRAVANCAS, Isabel Siqueira. **O mundo dos jornalistas**. 3 ed. São Paulo: Summus, 1993.

VEYNE, Paul. "Foucault Revoluciona a História". In: **Como se Escreve a História**. Universidade de Brasília, 1982.

VIRILIO, Paul. **O espaço crítico e as perspectiva do tempo real**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

WOLTON, Dominique. **Pensar a comunicação**. Brasília: Editora UnB, 2004.

Sites:

ALEXANDROVA, Lynne. **McLuhan terms and concepts glossary**. Disponível em: http://www.mcluhan.utoronto.ca/images/Fellows/lynneresource_mcluhanglossary.pdf.

Acesso em: outubro de 2008.

AMBROSI, Alain; PEUGEOT Valérie; PIMIENTA, Daniel. **Desafios de Palavras**: Enfoques Multiculturais sobre as Sociedades da Informação. C & F Éditions: 2005, Disponível em: <http://www.vecam.org/article684.html>. Acesso em: 23 de abril de 2007.

ADGHIRNI, Zélia Leal. **Jornalismo online**: em busca do tempo real. Trabalho apresentado no XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA

– 1 a 5 Set 2002, Disponível em: <http://hdl.handle.net/1904/18685>. Acessado em: abril de 2007.

BALDESSAR, Maria José. **Apontamentos sobre o uso do computador e o cotidiano dos jornalistas**. Palestra apresentada no XXIV Congresso Anual em Ciência da Comunicação (INTERCOM). Campo Grande, MS: 07 setembro de 2001. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1904/4347> . Acessado em: outubro de 2006.

BARBOSA, Suzana. (org.). **Jornalismo digital de terceira geração**. Covilhã: Labcom, Universidade de Beira Interior, 2007a. Disponível em: http://www.labcom.ubi.pt/livroslabcom/pdfs/barbosa_suzana_jornalismo_digital_terceira_geracao.pdf. Acessado em julho de 2007.

_____. **Jornalismo digital em ambientes dinâmicos: propriedades, rupturas e potencialidades do Modelo JDBD**. Comunicação e Cidadania – Atas do 5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, 6 a 8 Setembro 2007b, Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (Universidade do Minho). Disponível em: <http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/5sopcom/article/viewFile/37/38>

BIANCO, Nélia R. Del Bianco. A internet como fator de mudança no jornalismo. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. XXVII, nº 1, janeiro/junho de 2004. Disponível em:

<http://revcom.portcom.intercom.org.br/index.php/rbcc/article/viewFile/856/639>

Acessado em: julho de 2008.

_____. **O tambor tribal de McLuhan**. In: XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2005, Rio de Janeiro. Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2005. v. 01. Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0558-1.pdf>. Acessado em: agosto de 2008.

CANAVILHAS, João Messias. **Webjornalismo: considerações gerais sobre jornalismo na web**. Disponível em:

<http://www.bocc.ubi.pt/pag/texto.php3?html2=canavilhas-joao-webjornal.html>.

Acessado em: 20 de novembro de 2001.

FARO, J. S. Marshall McLuhan 40 anos depois: a mídia como a lógica de dois tempos. In: **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**. Julho/dezembro 2004, Unisinos. Disponível em:

<http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/fronteiras/article/view/3092/2902>.

FIDALGO, Antonio. Sintaxe e semântica das notícias *online*: Para um jornalismo assente em base de dados. In: LEMOS, André et al.. *Mídia.br*. Livro da XII Compós – 2003. Porto Alegre: Editora Sulina, 2004, p. 180-192. Disponível em:

<http://www.bocc.ubi.pt/pag/fidalgo-jornalismo-base-dados.pdf>.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A Atualidade no Jornalismo**. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/gtjornalismocompos/doc2000/franciscato2000.doc>.

_____. **As novas configurações do jornalismo no suporte online**. Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación, São Cristovão, v. 5, n. 3, p. 17- 47, sept./dic. 2004. Disponível em: <http://www.eptic.com.br/revista%20VI%20-%20III.pdf>. Acessado em: 15 de outubro de 2007.

_____. **O Jornalismo e a Reformulação da Experiência do Tempo nas Sociedades Ocidentais**. Trabalho apresentado ao II Colóquio Brasil–Estados Unidos de Ciências da Comunicação – 2005. Disponível em:

<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/16751/1/R0109-1.pdf>.

GONÇALVES, Elias Machado. **Changing Concepts of Time 50 anos depois**: a contribuição de Harold Innis para o estudo do jornalismo digital. Trabalho apresentado no Congresso Brasil–Canadá, promovido pela Intercom em parceria com o GRICIS, em Salvador – Bahia, setembro / 2002. Disponível em: http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2002_goncalves_changingconcepts.pdf. Acessado em: maio de 2007.

GRADIM, Anabela. **Os gêneros e a convergência: o jornalista multimedia do século XXI**. Informação e Comunicação *Online* 1, Projecto Akademia, 2003. Disponível em: www.labcom.ubi.pt/agoranet/pdfs2/gradim-anabela-generos-convergencia.pdf.

Acessado em: dezembro de 2007.

GUIMARÃES JUNIOR, Mário José Lopes. **A cibercultura e novas formas de sociabilidade**. Trabalho apresentado no GT "Nuevos mapas culturales: Cyber espacio y tecnologia de la virtualidad", na II Reunión de Antropologia del Mercosur, Piriápolis, Uruguai, de 11 a 14 de novembro de 1997. Disponível em: <http://www.cfh.ufsc.br/~guima/ciber.html>. Acessado em: novembro de 2008.

HELOANI, Roberto. **Mudanças no mundo do trabalho e impactos na qualidade de vida do jornalista**. Projeto de pós-doutorado. EAESP/FGV/NPP – NÚCLEO DE PESQUISAS E PUBLICAÇÕES. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 2003.

Disponível em:

http://www.eaesf.fgvsp.br/AppData/GVPesquisa/P00254_1.pdf. Acessado em: setembro de 2008.

LEMOS, André L. M.. **Anjos Interativos e retribalização do mundo: Sobre interatividade e interfaces digitais**. (1998). Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/lemos/interac.html>>. Acessado em: em 3 de outubro de 2008.

MANTA, André. **Guia de Jornalismo na Internet**. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/manta/Guia/index.html>. Acessado em: abril de 2006.

MARTINO, L. C. **A revolução mediática: a comunicação na era da simulação tecnológica**. Razon y palabra, México, v. 50, 2006. Disponível em: [http://www.cem.itesm.mx/dacs/publicaciones/logos/antiores/n49/bienal/Mesa%202/A](http://www.cem.itesm.mx/dacs/publicaciones/logos/antiores/n49/bienal/Mesa%202/A%20Revolu%20E3oMedi%20E1tica.pdf) [Revolu%20E3oMedi%20E1tica.pdf](http://www.cem.itesm.mx/dacs/publicaciones/logos/antiores/n49/bienal/Mesa%202/A%20Revolu%20E3oMedi%20E1tica.pdf) . Acessado em: agosto de 2008.

MOURA, Catarina. **Ambivalências de um tempo sem tempo: notas sobre os novos rumos da informação sob o signo da velocidade**. Universidade da Beira Interior, 2002. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/moura-catarina-ambivalencias-tempo.pdf>.

MIELNICZUK, Luciana. **Webjornalismo de terceira geração: continuidades e rupturas no jornalismo desenvolvido para a web**. Trabalho apresentado no NP02 - Jornalismo no XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Porto Alegre RS, 2004. Disponível em <http://repositorio.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/17332/1/R0816-1.pdf>.

Acessado em junho de 2008.

PALÁCIOS, Marcos. **Fazendo Jornalismo em Redes Híbridas: Notas para discussão da Internet enquanto suporte mediático**. Artigo produzido para discussão na Lista JnCultural, em fevereiro de 2003. Disponível em: http://www.fca.pucminas.br/jornalismocultural/m_palacios.doc . Acessado em: julho de 2007.

_____. **No devido lugar: A tevê venceu a corrida. E agora, como é que fica a Internet?.** Artigo publicado no caderno Pensar, do jornal Correio Braziliense em

2001. Disponível em: http://www2.correioweb.com.br/cw/2001-09-16/mat_12769.htm
Acessado em: julho de 2007.

PRIMO, Alex. **Enfoques e desfoques da interação mediada por computador**. 2005.
Disponível em: http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404nOtFound/404_45.htm.
Acessado em: julho de 2008.

PUCCININ, Fabiana. **Jornalismo Online e prática profissional**: Questionamentos sobre a apuração e edição de notícias para *web*. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/puccinin-fabiana-jornalismo-online-pratica-profissional.pdf>.
Acessado em: abril de 2006.

QUADROS, Claudia Irene de. **Uma breve visão histórica do jornalismo online**. Trabalho apresentado no Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador, 04 e 05 de setembro de 2002. Disponível em: http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/18639/1/2002_NP2QUADROS.pdf. Acessado em junho de 2008.

ROCHA, Paula Jung. **Jornalismo online**: um novo estilo de jornalismo na era da comunicação virtual? . Trabalho apresentado no XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UERJ – 5 a 9 de setembro de 2005. Disponível em <http://hdl.handle.net/1904/16757>.

SCHWINGEL, Carla. **Jornalismo digital de quarta geração**: a emergência de sistemas automatizados para o processo de produção industrial no jornalismo digital. Niterói: Compós, 2005. CD ROM.

SILVA, Fernando Firmino. **Tecnologias móveis na produção jornalística**: do circuito alternativo ao *mainstream*. Artigo apresentado no quinto Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPjor) – 15 a 17 de novembro de 2007. Disponível em <http://intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0652-1.pdf>

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)